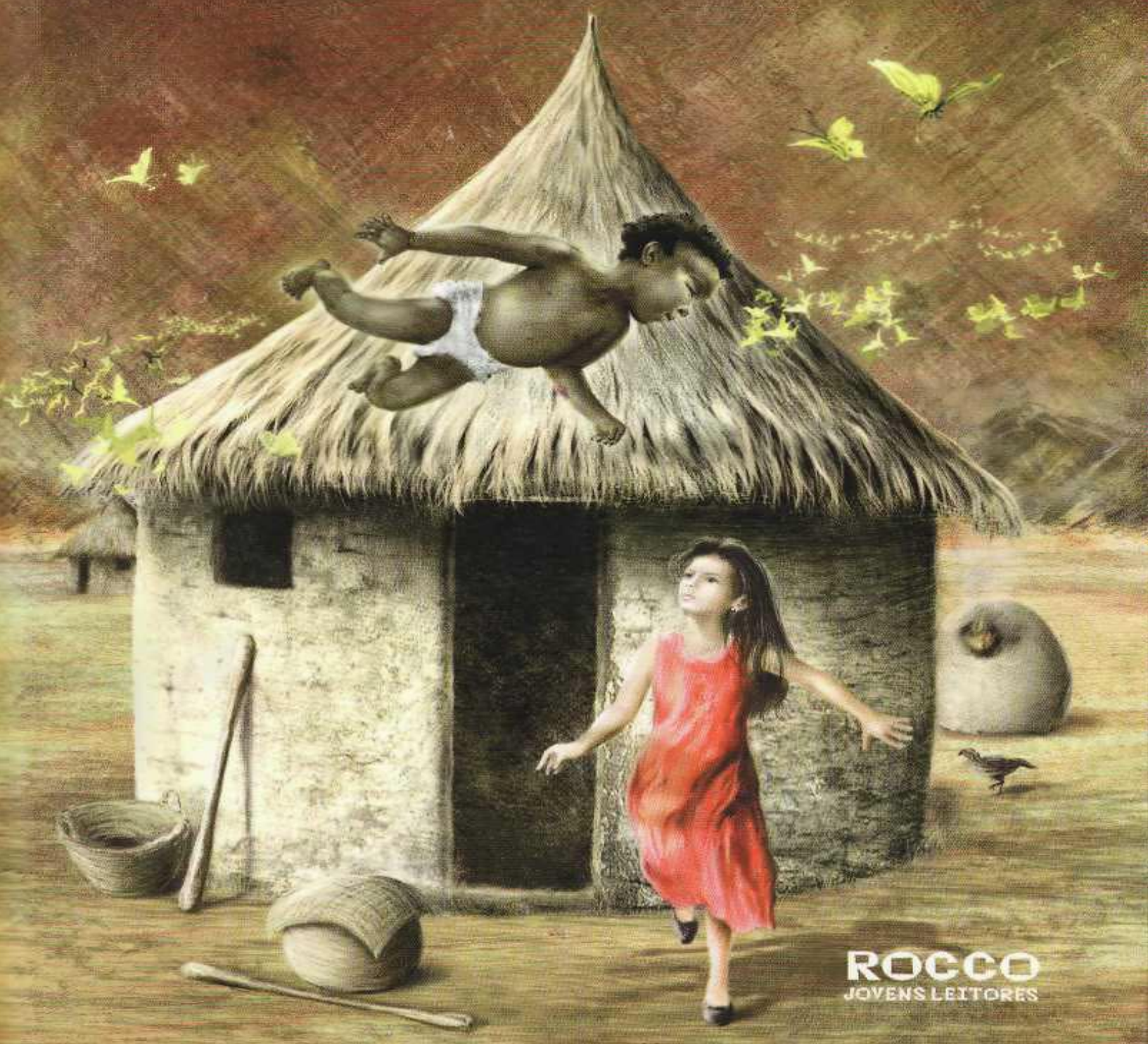


Cliff McNish

O AROMA DA MAGIA



ROCCO
JOVENS LEITORES



O AROMA DA MAGIA



Cliff McNish

Tradução ANGELA MELIM

ROCCO

JOVENS LEITORES

Para Ciara, por tudo



— Rachel, acorde, saia do sonho!

Morpeth a sacudiu de leve, depois com mais força, pois a menina não se mexeu.

— Ande, ande, acorde!

— O quê?

Os olhos de Rachel se entreabriram.

Por um instante Morpeth viu os resquícios do pesadelo dela. Afundada no rosto da menina, grande como um cão: a garra preta e arreganhada de uma Bruxa. Enquanto Morpeth observava, as unhas verdes grossas se apagaram na face pálida de Rachel.

— Está tudo bem — ele disse apressadamente, agarrando-a pelos ombros. — Não tenha medo. Você está em segurança, em casa, no seu quarto. Não tem Bruxa.

Rachel se sacudiu, despertando, e sentou, respirando em golfadas rápidas.

— Oh, Morpeth — murmurou —, *nunca* me acorde assim. Quando estou sonhando... eu poderia... ter machucado você.

E afundou a cara num travesseiro, esperando a sensação fria, cortante, das unhas ir embora.

— Você já devia saber — disse ela por fim. — Um encantamento poderia escapulir...

— Você preferiria que a sua mãe desse de cara com essas garras? — perguntou ele. — Eu, pelo menos, sou capaz de identificá-las.

Rachel concordou friamente.

— Mas é perigoso, até mesmo para você. Sempre me deixe despertar naturalmente, quando eu estiver pronta.

Morpeth grunhiu, apontando a luz do sol que as cortinas filtravam.

— Esperei o mais que pude. Metade do dia já se foi, e a sua mãe estava a ponto de vir acordá-la.

Ele tirou uns fiapos de capim do cabelo dela.

— Eles têm um aroma interessante.

— Ai não — gemeu Rachel, notando o cheiro pela primeira vez. — Estive outra vez no lago a noite passada, não é?

— Temo que sim.

Rachel mordeu o lábio.

— É a segunda vez esta semana.

— Terceira.

— Suponho que estava de guelras?

— Sim, como sempre, escarlate, no pescoço. — Eca!

Rachel apalpou a parte de baixo das orelhas com repulsa.

— Por quanto tempo fiquei embaixo d'água desta vez?

— Cerca de uma hora.

— Uma *hora!*

Rachel sacudiu a cabeça, sombria.

— Então, está piorando. Tudo bem, levantei.

Ela se pôs à escuta um segundo.

— Você pode ver se há alguém no corredor ou no banheiro?

Morpeth saiu em seguida, e voltou um momento depois.

— Ninguém em volta, e aqui estão umas toalhas limpas. Eu vou botar os lençóis de ontem à noite para lavar, posso?

Rachel sorriu, apanhando as toalhas.

— Morpeth, você é o meu anjo da guarda.

Silenciosamente, ela deslizou até o banheiro, e com uma longa chuveirada quente removeu o fedor do lago. Voltando ao quarto, sentou-se junto ao espelho da penteadeira, escovando um tanto ausente os cabelos negros e compridos.

De repente parou. Pôs a escova de lado. Voltou-se lentamente para o espelho e examinou o rosto fino, ligeiramente sardento.

Os olhos que olhavam de lá já não eram bem humanos. Seus velhos olhos castanhos esverdeados, como os do pai, tinham desaparecido. Substituíram-nos novos olhos mágicos. Encantamentos agrupavam-se nos cantos, por trás das pálpebras. Gostavam dali, de onde podiam olhar para o mundo lá fora. Pelo dia afora acotovelavam-se, derramando-se, ansiosos pela atenção dela. Cada encantamento possuía sua própria e única cor. As cores dos encantamentos de ontem tinham começado escarlata e ouro, em torno da pupila preta. Esta manhã não havia pupila alguma. Havia apenas um profundo e amplo azul em ambos os olhos, no tom de um céu de verão. Rachel tinha visto aquela cor muitas vezes recentemente. Era a cor de um encantamento em vôo, ardendo para ser usado.

Mirando seu reflexo no espelho, Rachel disse:

— Não. Eu não vou voar. Eu fiz uma promessa, vou cumprir. Eu não vou ceder para vocês!

— Ceder para quem? — perguntou uma voz. Rachel virou-se, assustada. Sua mãe se encontrava atrás dela, olhando ansiosamente para o espelho.

— Mãe, de onde você veio?

— Estou aqui já há algum tempo, só observando você. E *eles*.

Mamãe estudou os olhos de Rachel, encharcados de encantamentos. Sua cor tinha agora mudado para um cinza triste.

— Esses encantamentos! — disse mamãe, zangada. — O que estão esperando de você? Por que simplesmente não a deixam em paz pelo menos uma vez?

— Está tudo bem, mãe — murmurou Rachel vagamente. — Eu... eu ainda os estou controlando.

Mamãe abraçou Rachel. Apertando-a, disse na mais suave das vozes:

— Então me conte por que está tremendo? Você acha que depois de doze anos não sou capaz de dizer quando minha própria filha está sentindo dor?

Uma única lágrima rolou pelo rosto de Rachel. Ela tentou enxugar.

— Desabafe — disse mamãe. — Chore. Que encantamentos terríveis! Como ousam fazer qualquer coisa para prejudicar você?

Durante alguns minutos Rachel se recostou à mãe, abraçada. Finalmente, disse:

— Estou bem. De verdade. Estou ótima. Estou.

Mamãe tornou a apertar Rachel e ficou assim por um tempo, obviamente relutante em sair.

— Você não vai ficar parada olhando esse espelho, vai?

— Chega de espelho por hoje — respondeu Rachel, forçando um sorriso. — Eu prometo.

Enquanto mamãe lentamente caminhava em direção à porta, ela disse:

— Você está sentindo falta de papai, não está?

Mamãe parou na porta.

— Está tão óbvio assim?

— Eu também estou sentindo falta dele. Detesto quando está longe.

— O último contrato internacional este ano está perto do fim — revelou mamãe. — Ele estará de volta dentro de pouco mais de um mês.

— Trinta e oito dias — corrigiu Rachel. Mamãe sorriu, conspirando.

— Então nós duas contamos!

E virou-se para sair.

— Desça logo, sim? Já estou quase por aqui com Eric e os prapsis por hoje. Amo seu irmão, mas parece que tem seis anos em vez de nove, a metade do tempo... As coisas que ensina àquelas crianças-aves!

E desceu, resmungando pelo caminho.

Rachel terminou de se vestir e se encaminhou à cozinha. Assim que entrou, os prapsis cobriram as caras.

— Feche esses olhos brilhantes! — guinchou um deles, ao vê-la.

Epa!, pensou Rachel, rapidamente desligando as cores cintilantes dos encantamentos.

O outro prapsi bateu as asas irritantemente, diante do rosto da menina.

— Eric poderia ter ficado cego! — guinchou ele. — Seu belo rosto poderia ter buracos queimados no lugar dos olhos!

Rachel não se deu o trabalho de reagir. Botou pão na grelha e o observou ficar marrom, como se tostar pão a fascinasse.

Os prapsis pairaram diante do seu nariz, fazendo caretas. Eram estranhos, coisas misturadas, uma brincadeira criada por uma Bruxa que um dia os usou como

mensageiros. De corpo, eram idênticos a corvos, com as típicas penas lustrosas, preto azul. Mas em vez de bicos eles tinham narizes; e em vez de caras de aves, as deles eram gordinhas, com covinhas, bochechas róseas e lábios macios. Todo prapsi tinha o rosto de bebê.

Mamãe espantava as crianças-aves de seu caminho. Elas iam, depois voltavam juntas, pairando exatamente em cima da cabeça de Rachel. Uma derrubou uma framboesa; a outra, acidentalmente, babou em sua torrada.

— Que delícia! — disse Rachel, jogando a fatia na lata de lixo.

Ambos os prapsis soltavam guinchos selvagens.

— Olhe para nós, cara de chipanzé! — arrulhavam. — Somos tão maravilhosos! Nós somos tão lindos! Pergunte a Eric.

Eric, sentado ali perto, à mesa da cozinha, virava casualmente as páginas de uma revista em quadrinhos.

— Tudo bem com você, mana? — perguntou ele, erguendo a vista. — Curtindo a companhia dos meninos?

— Tudo ótimo — disse ela secamente. — Mas preferiria não estar ao alcance de beijos. Você acha que pode chamar os meninos para longe por tempo suficiente para eu passar manteiga na minha torrada?

— Com certeza.

Ele assobiou.

Instantaneamente os dois prapsis voaram para os ombros do menino. Empoleiraram-se ali, fazendo carranca para Rachel.

— E cale-os por dez minutos — determinou mamãe, com sua voz mais mortal. — Ou teremos ensopado de corvo no jantar.

Eric fingiu não escutar, mas fez um zíper na boca com o dedo. Os prapsis chuparam os lábios para evitar que mais algum insulto escapasse.

Eric era um menino baixo, troncudo, com uma expressão dura — que sempre treinava. Seu traço mais surpreendente era o cabelo — uma massa de cachos louros. Eric odiava aquele cabelo. As mães gostavam de tocar seu ondeado macio. Dali a alguns anos ia mudar o corte, tirar fora os cachos. Virar um *skinhead*. Por enquanto tinha que aturar a zona que os prapsis faziam nele, sempre que podiam, com as garras.

— Suponho que os prapsis *dormiram* com você de novo ontem — disse Rachel, desanimada.

— É claro — sorriu Eric, mostrando os dentes, sendo logo imitado pelos prapsis com tímida precisão.

— Eu os observei — continuou Rachel. — Ficam sentados na sua cama, com aqueles olhos grandes de bebê. É fantasmagórico. Copiam tudo o que você faz. Quando você se vira, eles se viram. Imitam até você roncando.

— Ah, é verdade — Eric deu um riso abafado. — Eles me adoram.

Ele estalou os dedos. Um prapsi imediatamente tocou com o narizinho arrebitado a página da revista.

— Patético — resmungou Rachel. — Três imbecis. Onde está Morpeth?

— Eu poderia lhe dizer — respondeu Eric. — Mas o que vou ganhar com isso?

— Está no jardim — afirmou mamãe, puxando a orelha de Eric.

E deu a Rachel uma torrada recém-amanteigada.

— Não vai comer antes de sair?

Depois do café-da-manhã, Rachel vagou pelo quintal. Era um dia de julho, quente de assar, com quase todas as férias de verão ainda pela frente. Morpeth estava deitado junto ao lago. Era um menino magro, com olhos surpreendentemente azuis e cabelo cor de areia grosso espetado em todas as direções. Uma bebida gelada se encontrava ao alcance de seu braço bronzeado.

Rachel sorriu afetuosamente.

— Pelo que estou vendo, já se instalou para o verão!

— Graças a Dragwena, eu perdi várias centenas de verões — Morpeth disse. — Estou compensando ao máximo.

Tirou do lago uma lata de Coca-Cola, dando-a a Rachel.

— Estou guardando esta. Como se sente?

— Bem horrível — disse ela, acomodando-se na rede do jardim.

— Sem dúvida, seu cheiro está bem melhor. Imagino que tenha se esfregado bastante com sabão?

— Sim, Morpeth, me esfreguei — disse Rachel rindo. — Por quê? Você não?

— Não consigo suportar a sensação de limo — admitiu ele. — Aquele cheiro doce engraçado também, tem alguma coisa errada com ele. É claro, não tínhamos sabão quando eu era menino. Todo mundo fedia e ninguém dava a mínima.

Rachel não se acostumava direito com aquele novo Morpeth-criança. Ela o tinha conhecido há um ano num outro mundo: Ithrea. Até agora Rachel estremecia de pensar naquele mundo desolado de neve escura. Uma Bruxa odiada, Dragwena, reinara lá. Morpeth fora seu servo relutante.

Durante séculos fora forçado a observar Dragwena abduzir crianças de nosso mundo. Rachel e Eric foram os últimos seqüestrados. Quando chegou, Rachel descobriu que todas as crianças possuem magia, que não podem usar na Terra. Por isso a Bruxa as queria: para servir a seus próprios propósitos. Morpeth foi o tutor de Rachel. Ela desabrochou, descobrindo que tinha maior dom para a magia que todas as outras crianças vindas anteriormente — a primeira forte o suficiente para realmente resistir a Dragwena. Eric também tinha um dom que nenhuma outra criança possuía. De uma maneira única, era capaz de desfazer encantamentos. Ele conseguia *destruí-los*. Numa aterrorizadora batalha final, Rachel e Eric lutaram contra o Sortilégio da Bruxa e assistiram à morte de Dragwena nas mãos do grande Mago, Larpskendya.

Enquanto olhava para Morpeth, neste momento, era difícil para Rachel lembrar que durante centenas de anos ele tinha sido um homem velho e enrugado, só mantido vivo pela magia da Bruxa. De algum modo, ele desafiara o pior da influência de Dragwena e, quando Rachel e Eric chegaram, arriscou a vida repetidas vezes por eles. Em gratidão, o Mago Larpskendya devolveu a Morpeth todos os anos perdidos de infância que Dragwena lhe tinha tirado. Voltou, como menino, para casa — mas não para a própria casa. Sua família original morrera há muito, é claro. Então, os pais de Rachel secretamente o adotaram — ali estava ele, um ano depois, um rapaz num jardim veranil. Umas poucas outras criaturas tinham optado por voltar de Ithrea com Rachel e Eric. Só os prapsis permaneceram. A loba Scorpa, Ronocoden, a águia, e algumas minhocas logo desapareceram, tendo decidido fazer vida nova em meio aos seus pares na Terra.

— O que aconteceu? — perguntou Rachel, notando Morpeth ligeiramente perturbado.

— É este short — respondeu, amuado. — Sua mãe esquece que tenho quinhentos e trinta e sete anos de idade. Eu não *gosto* de calça listada.

— Não dava para você usar as suas antigas calças de couro de Ithrea para sempre. Você cresceu.

— Mas *eram* confortáveis — ele disse. — Este short é ridículo. E não cabe direito. Sua mãe sempre acha que sou do mesmo tamanho que Eric.

— Está muito apertado?

— Muito largo — disse Morpeth, enfaticamente.

— Hum... Perigoso... — Rachel sorriu. — Tenho que falar com mamãe sobre isso... é claro, você poderia ir à loja e comprar você mesmo.

Morpeth deu de ombros, mal-humorado. Compras significavam botar o pé fora de casa e atravessar a rua terrível. O trânsito o deixava nervoso. Não havia carros quando era menino, nem aviões. Só o *barulho* da vida moderna o deixava constantemente irritável, e ele evitava as ruas sempre que possível.

Durante uns minutos Rachel ficou deitada na rede, ao lado, simplesmente desfrutando do sol e da leve brisa que soprava por sobre suas pernas.

— Morpeth — disse ela por fim —, fiquei na cama quinze horas esta noite. Não consigo acordar. Essas coisas que meus encantamentos fazem enquanto estou dormindo... O que está acontecendo?

— Você sabe a resposta — disse ele rudemente. Rachel sacudiu a cabeça.

— Eu sei que meus encantamentos querem ser usados — ela disse. — Mas até agora se comportaram. O que foi que mudou? Por que estão de repente tomando conta assim?

— Estão desafiando-a — ele respondeu. — Estão inquietos, impacientes. A mágica não é coisa que se possa domesticar como um animal de estimação, Rachel. Especialmente a *sua* mágica.

Ele se inclinou e deu um tapinha na cabeça dela.

— Os seus encantamentos são intensos demais, ambiciosos demais, para lhe deixar em paz muito tempo. E você parou de escutar as solicitações deles há meses, não foi? Você os excluiu completamente.

— Fui obrigada — protestou Rachel. — Eles estavam tentadores demais. Larpskendya me fez prometer não usar meus encantamentos...

— Eu sei — disse Morpeth. — Mas os seus encantamentos não ligam para promessas feitas a um Mago. Eles não gostam de ser ignorados. Você não quer ouvir quando está acordada, então eles saem em ação à noite, quando são capazes de dominar os seus sonhos.

Rachel curvou-se, turvando a superfície do lago.

— Mas por que me enfiam debaixo d'água?

— Por que não? — disse Morpeth. — A água deve ser um lugar interessante para encantamentos entediados experimentarem. Há o desafio de como capacitar você a respirar sem pulmões. E como capacitar você a inalar água sem prejudicar o organismo. Essas coisas são difíceis. Exigem muitos encantamentos intrincados, cooperando estreitamente.

Rachel pensou nas guelas.

— Sou capaz de controlá-los — insistiu ela. — Larpskendya me avisou de um grupo de Bruxas capaz de detectar meus encantamentos, até mesmo do espaço. Isso poderia fazer com que as Bruxas alcançassem todas as crianças. Não vou quebrar minha promessa!

— *Já* quebrou — ironizou Morpeth. Ele se levantou.

— Você precisa retomar o controle, Rachel. Dê aos seus encantamentos alguma coisa para fazer, pelo menos espaço para respirar. E faça-o enquanto está acordada, e poderá restringi-los.

— Ainda não aconteceu nada de terrível...

O olhar de Morpeth cruzou o dela.

— Você vai esperar até que aconteça? Sei que você não iria atacar deliberadamente, Rachel. Mas e os pesadelos? E se sua mãe tentar despertar você na hora errada? Hoje de manhã, por exemplo. Qualquer coisa poderia acontecer. Eu vi a garra.

Ele a olhou com firmeza.

— É o seu pior pesadelo, não é? E meu também: nos meus sonhos mais sombrios eu estou enfrentando Dragwena outra vez. Sou perseguido por uma Bruxa.

Rachel estremeceu. Ela procurava nunca pensar em Dragwena.

Levando aos lábios a bebida, reparou numa vespa. Esta zumbia em torno da beira da lata. Enfiou-se embaixo da argola e afinal caiu dentro da coca. Rachel soltou um suspiro e, ausente, pescou com a ponta do dedo a vespa e a lançou no capim.

— Quais os encantamentos que lhe vieram à mente agora mesmo? — perguntou Morpeth, direto.

— Só os de sempre.

— Tais como?

— Quatro encantamentos: um para matar a vespa; o segundo, para salvá-la; um terceiro, para desinfetar a lata.

Ela observou a abelha, as asas batendo, cambalear através da relva, e sorriu.

— E um encantamento de aquecimento, para secar as asas do inseto.

— Qual encantamento veio em primeiro lugar?

O encantamento de matar, pensou Rachel, e Morpeth leu a resposta em seu

rosto.

— Eu não conseguiria machucá-la — admitiu ela.

— Eu sei — disse Morpeth. — Mas é interessante que os encantamentos mais perigosos se ofereçam em primeiro lugar. Eles sempre dominam os outros.

Rachel inclinou-se por cima do lago e mirou seu reflexo. Os olhos tornaram-se um castanho profundo, como areia úmida. Ela procurou cores mais vibrantes, mas seus encantamentos estavam incomumente reticentes — como se não a quisessem a espioná-los. Por que aquilo?

Pela primeira vez em meses, Rachel voltou a atenção para dentro. O que estão tramando?, quis saber. Diversos encantamentos ficaram em silêncio, disfarçadamente empurrando um ao outro para longe, não querendo que ela identificasse o prejuízo que planejavam.

Estão esperando, Rachel se deu conta... esperando que eu adormeça.

A Morpeth, ela disse:

— É melhor você me vigiar bem hoje à noite.



Heebra, a mãe de Dragwena, espiou da janela em forma de olho de sua torre.

Abaixo dela, em toda a sua vasta glória, estendia-se Ool, o lar das Bruxas. Era um mundo gelado. Neve escura, cinza, caía do céu, enchendo o ar, expulsando praticamente qualquer luz. Heebra reinara por mais de dois mil anos, e em todo esse tempo a neve jamais deixou de cair. Vales transbordavam com ela, animais tremiam e se criavam debaixo dela, as mais elevadas montanhas de Ool há muito tinham sido engolidas por seus amargos flocos lúgubres.

Somente as torres das Bruxas se erguiam acima das neves.

Enquanto Heebra olhava pela janela, sua filha mais nova, Calen, emergiu das sombras da câmara.

— Vamos ver as aprendizes lutar? — perguntou Calen, ansiosa.

— Tão cedo assim? Era para se prepararem para uma disputa noturna.

— Vamos surpreendê-las, mãe. Faça-as lutar agora! Heebra sorriu, indulgente, e fez sinal às contendoras que se preparassem.

Enquanto esperava, Heebra supervisionava a fria magnificência de Ool. As torres salientes das Bruxas se apinhavam contra o céu. Cada torre era encimada por uma janela em forma de olho esmeralda, sua altura marcando o status da Bruxa que morava ali dentro. Havia milhões de torres, mas a de Heebra se sobrepunha a todas. Erguia-se, grossa e negra, das neves sem fim, decorada pelas incontáveis cabeças de Bruxas que tinha derrotado em batalhas. No início do reinado de Heebra muitas Bruxas desafiaram seu domínio sobre a Grande Torre. Ninguém mais ousava. Uma pena: fazia muito tempo que não tinha o prazer de esculpir uma nova cara na pedra.

Calen aproximou-se dela junto à janela.

— Lembra de quando ganhou o seu primeiro olho, mãe? Uma batalha lendária!

Heebra deu de ombros.

— Não era nada. Uma torre pequena. Um monte de pedra. Apenas umas poucas centenas de metros, e lamentavelmente fina.

— Que importância tem o tamanho! Você derrotou outras doze aprendizes para ganhá-lo.

Calen olhou com admiração para a mãe.

— Ninguém jamais tinha feito isso antes. Você era incrível, já naquela época.

Heebra estudou Calen. Doía-lhe ver o quanto ficara parecida com a filha fabulosa que tinha perdido, Dragwena. Com menos de quatrocentos anos de idade, Calen era uma Alta Bruxa em seu apogeu. Sua pele ainda estava vermelho-sangue, sem nada ter perdido do frescor. A visão também era perfeita — os olhos tatuados brilhavam embaixo das sobrelanceiras sulcadas por ossos. Até mesmo o olfato permanecia intacto; as sensíveis narinas, em forma de pétalas de tulipa cortadas, conseguiam farejar carne viva oculta embaixo da mais profunda neve. Mas, os melhores traços de Calen talvez fossem as mandíbulas. Estavam as quatro em ótimas condições. Apesar de inúmeras batalhas, nem um de seus triangulares dentes pretos e curvos tinha sido perdido ou arranhado. Cintilavam nas gengivas prateadas bem lubrificadas, limpas por aranhas de armadura, supremamente saudáveis, a pular, alertas, entre as mandíbulas em busca de restos de comida.

Heebra voltou a atenção para Nylo, a cobra-alma de Calen. Era inquieta, como a dona — um corpo mole, amarelo, sempre em movimento em torno do pescoço da filha.

Heebra sabia que a cobra-alma era preciosa para todas as Bruxas jovens: como conselheira, amiga, escudo e arma. Um segundo conjunto de olhos vigilantes. A maioria das Bruxas precisava das cobras-almas para ser ativa vida afora. Heebra há muito dispensara Mak, sua própria cobra. De ouro, sólida, agora pendia sem vida de encontro a seu peito. Isto, mais que qualquer outra coisa, dava a dimensão do poder de Heebra.

Ela dirigiu os pensamentos de novo à janela-olho.

— Bem? — perguntou. — Conheço alguma das lutadoras de hoje?

— Acho que não — disse Calen. — São apenas algumas aprendizes dos níveis Avançados.

Heebra sorriu.

— Por que você sempre insiste em acompanhar essas batalhas juvenis? São encantamentos tão pouco interessantes.

— É o entusiasmo delas que aprecio — respondeu Calen. — Não lembra como era emocionante ganhar uma disputa de sangue, mãe?

Heebra deixou a mente vagar em retrospectiva. Uma vez, tinha sido como as aprendizes de hoje — ardia por uma chance de lutar por seu primeiro olho. E como tinha saboreado aquela vitória! Esmagando a oponente, dispensando os servos da Bruxa morta e indo viver na torre *dela*, ainda quente de sua presença, com tantas disputas futuras e torres mais elegantes acenando...

As três aprendizes Avançadas estavam prontas. Erguendo braços nus compridos, voaram para as posições de partida, os vestidos de batalha cor de safira tremulando nos ventos.

— Quem você acha que vai ganhar? — perguntou Calen, esperando a competição começar.

— Não importa — disse Heebra. — Nenhuma tem talento suficiente para chegar ao nível seguinte de magia.

— Como sabe?

Assim que Calen disse isso, Heebra arrancou Nylo de seu pescoço. Ela esticou a mandíbula até quase estalar. Calen esperou, temerosa, sabendo que não possuía encantamento poderoso o bastante para ameaçar a mãe.

Com desdém, Heebra disse:

— *Como sei?* Espero juízo melhor de quem deve vir a reinar depois de mim! Você deveria ser capaz de saber imediatamente! A qualidade medíocre do vôo das aprendizes, por si só, mostra que nenhuma dará uma Alta Bruxa.

Calen baixou o olhar.

— É claro. Eu devia ter notado isso.

Heebra jogou Nylo com desprezo através da câmara.

Calen a apanhou, embora sem ousar confortá-la diante da mãe.

Juntas, num silêncio carregado, voltaram-se para a batalha.

A noite tinha se instalado, de modo que ambas ligaram a visão noturna. Lentamente, os olhos tatuados se esticaram ao longo dos ossos das maçãs do rosto, encontrando-se na parte de trás das esburacadas caveiras carecas. Heebra e Calen agora podiam acompanhar a disputa com facilidade. As aprendizes começaram,

escondendo-se nos densos furacões da atmosfera superior, lançando encantamentos, atacando e defendendo-se sem descanso.

Heebra não dava bola. Aborrecida com Calen, sua mente voltou-se, como fazia freqüentemente, para a filha mais velha, Dragwena. Onde estava ela? Dragwena se aventurara sozinha nos domínios do espaço remoto para conquistar novos mundos. Durante séculos, Heebra esperou com ansiedade sua volta. Mais tarde, enviou grupos de investigadores que nunca a encontraram. Ali, de pé, observando em cima as jovens aprendizes, lutando para sobreviver no céu granulado de carvão, o peito de

Heebra de repente apertou. Estava a sua soberba, selvagem Dragwena ainda viva em algum lugar? Ou jazia morta em algum mundo odioso, sem neve para ungir seu túmulo?

— Quer que eu interrompa a contenda? — perguntou Calen, sentindo o humor da mãe.

— Não — suspirou Heebra. — Deixe que terminem.

— Não vai demorar muito. Todas as três aprendizes estão começando a cometer erros.

Heebra aquiesceu, perdendo o interesse. Qual a finalidade de aguçar e praticar a magia delas, pensou, numa frustração súbita, sem *Magos* para combater? Há milênios suas Bruxas lentamente perdiam a guerra infundável contra os Magos. Durante o tempo de vida da própria Heebra, a Irmandade perdera sete mundos previamente conquistados. Sete! Toda vez os Magos se retiravam antes que suas mais rápidas guerreiras fossem capazes de alcançá-los. Se apenas as Bruxas conseguissem encontrar Orin Fen, o mundo-lar dos Magos! Mas a localização era desconhecida. Larpskendya, o líder dos Magos, os mudara de seu planeta original, obscurecendo o caminho para o novo. Gradualmente, quase sem sangue, ele ganhava a guerra — deixando para trás suas melhores Bruxas, empurrando-as para trás, mais para perto de Ool. O domínio das Bruxas nunca estivera tão precário.

— Uma derrota — riu Calen. — Até que enfim!

Uma das aprendizes, com o rosto vermelho de excitação, flutuou em direção à torre de Heebra. Nas garras, carregava as cobras-almas sem vida das outras aprendizes, como troféus. Mas, seu momento de glória foi estragado.

Alto no céu uma bola minúscula de luz verde vagava entre as nuvens. Brilhando intermitentemente, ela cambaleou pelo ar, como se ela se encontrasse em infortúnio.

Heebra e Calen imediatamente esqueceram a aprendiz vitoriosa e voaram da

torre-olho ao encontro da bola.

Calen abriu a boca.

— Não pode ser!

— E! — maravilhou-se Heebra.

Todas as Bruxas que tinham acompanhado a disputa das aprendizes ficaram em silêncio. Nenhuma delas jamais tinha visto aquilo antes: uma Bruxa morta, a sua força de vida retornando. Só duas vezes na história antiga de Ool tal jornada longa tinha sido feita do espaço. Que Bruxa viva teria a força de viajar tão longe?

— Dragwena! — gritou Heebra.

O coração tendo espasmos de alegria, ela colocou a luz verde amorosamente numa de suas línguas. Ainda respirando, Heebra deu-se conta. Ainda viva.

A força de vida ferida tremia dentro, frágil demais para falar.

— Esteja bem, minha filha — confortou-a Heebra. — Agora está em casa.

No interior da Grande Torre, Heebra desenrolou a língua cuidadosamente no chão duro.

Logo a bola verde começou a se esticar e crescer numa rapidez fantástica. As coxas de Dragwena avolumaram-se, forçando caminho para fora, os músculos moles, tentando endurecer.

— Como luta! — maravilhou-se Calen. — Olhe como quer viver!

Finalmente a transformação terminou — mas Dragwena ficou incompleta.

— Veio longe demais para sobreviver — deu-se conta Heebra. — Está fraca demais!

A metade superior do corpo de Dragwena estava só meio formada. Tinha apenas um braço. A garra inútil, na extremidade, batia fracamente no ar. Os olhos cobertos de pele jamais se abririam. Pulmões inúteis jaziam em colapso no interior de seu corpo. Mas o cérebro — a coisa que a tinha conduzido todo o caminho até ali — já estava completamente desenvolvido. Dragwena era capaz de pensar. Não se sabe como, ergueu-se e ficou na posição sentada. Levantou a cabeça malformada, tentando respirar. Quando Dragwena se deu conta de que não conseguia fazê-lo, começou a se sacudir, penosamente.

Heebra correu ao outro lado do quarto e apoiou a cabeça de Dragwena, enquanto Calen disparava encantamentos de renovação. Mas Dragwena estava tão fraca que os encantamentos meramente a feriam mais.

Deitada nos braços da mãe, aguardava a morte.

— Como pôde ficar nestas condições? — lamentou Calen. — Deve ter viajado mais que qualquer Bruxa! Ai, irmã!

— Sim. Deve haver alguma razão extraordinária para tanto esforço.

Heebra agarrou a cabeça de Dragwena e fez uma conexão de mentes.

— O que aconteceu? — perguntou. — Quem fez isto com você?

Dragwena lutava através do pânico. Formou diversas imagens: Rachel, Eric, Larpskendya e seus padrões de magia. Formou uma imagem do mundo de Ithrea e mostrou à mãe a amargura de seus momentos finais ali. As imagens balançavam à medida que o cérebro faminto de oxigênio de Dragwena começava a morrer.

— Ainda não! — gritou Heebra. — Ainda não! Onde fica esse mundo? Mostre-nos!

Dragwena agarrou a cobra-alma da mãe, o corpo tremendo. Uma nublada representação se formou na mente de Heebra, marcando o caminho entre constelações alienígenas — de Ool a Ithrea, e de Ithrea adiante, a um planeta azul maior com nuvens a girar e cheio de crianças — a Terra.

Então, as quatro mandíbulas de Dragwena abriram-se num estalo. Heebra a segurava junto a si, quase esmagando o corpo da filha de amor e raiva. A mente de Dragwena ficou escura, mas conseguiu acender uma imagem final. Era um retrato antigo de Dragwena, no ápice de seus poderes, de pé, confiante, ao lado da mãe. As duas olhavam de cima o vasto horizonte das torres-olho. O vento soprava através de seus vestidos pretos, que tremulavam, e suas cobras-almas de diamante e de ouro brincavam entrelaçadas. Elas eram invencíveis.

A imagem se apagou e Dragwena morreu.

Heebra ficou sentada inteiramente sem movimento durante vários minutos. Ficou apenas segurando a filha. Nada disse. Mal respirava. Quando Calen se levantou, ela própria quase cega de dor, recuou para o extremo do quarto, conhecendo a força do frenesi que se seguiria.

E como veio! Heebra precipitou-se pela janela da torre-olho afora, levando sua raiva. Feito um raio através dos céus negros de Ool, dirigiu-se a todos os lugares e a nenhum lugar, fora de controle, lamentando em meio à nevasca. Nenhuma outra Bruxa ousou voar toda aquela noite e, pela primeira vez em mais de mil anos, Mak se mexeu, abraçando-a em suas escamas.

Calen passou a noite enterrando o coração da irmã morta.

Como pedia a tradição, o guardou numa das bocas e usou somente as garras para cavar até o gelo mais profundo sob a neve. Ali, nem mesmo os maiores animais

seriam capazes de escavar e alcançar o corpo de Dragwena. Calen então voou de volta à Grande Torre, curtindo angústia e ódio, a imaginar que humor deveria esperar da mãe.

Pouco depois do dia romper, Heebra retornou. Seu rosto estava agora inteiramente calmo, quase sem expressão. Ela contou a Calen tudo o que Dragwena lhe tinha mostrado.

— Então podemos encontrar essa Rachel e esse Eric e vingar a morte dela! — exultou Calen. — Deixe-me ir. Deve ser bem fácil encontrar a menina. Todo o corpo de Dragwena estava envolvido em seu vapor.

Heebra arranhou Mak com as garras, pensativamente.

— Vamos desfrutar deste prazer logo, logo. Dragwena viajou uma distância notável para nos alcançar. Duvido que somente o desejo de vingança a tenha conduzido tão longe. Acredito em que ela queria nos falar desse lugar chamado Terra. Só um Mago já desafiou uma Alta Bruxa em combate pessoal, no entanto essa criatura criança, Rachel, encontrou uma maneira de atravessar as defesas de Dragwena. Imagine! Temos que descobrir mais coisas a respeito dessas crianças intrigantes.

— Se elas são talentosas, Larpskendya vai protegê-las.

— Sem dúvida — riu Heebra. — Larpskendya vai protegê-las de todo modo, mesmo que sejam inúteis. As criaturas fracas sempre atraem sua simpatia.

— Você acha que Dragwena deixou Ithrea sem ser notada?

— Deve ter deixado. Larpskendya jamais colocaria suas crianças em perigo permitindo que Dragwena escapasse.

— Nesse caso — disse Calen —, os Magos não estarão esperando por nós.

— Estarão sim — afirmou Heebra, absorta. — Larpskendya planeja tudo.

Meditativa, enrolou uma aranha na língua.

— Ithrea, porém, é o mundo mais próximo. Larpskendya esperaria que nós chegássemos lá primeiro. Para surpreendê-lo, vamos passar por cima de Ithrea, deixá-lo em paz por enquanto.

— Mesmo assim, ele provavelmente vai deixar algumas defesas na própria Terra — Calen disse.

— É verdade. Como podemos afastá-lo de lá? — os olhos de Heebra brilharam. — O que mais aterrorizaria Larpskendya?

O olhar de Calen ficou ausente.

— As Griddas — respondeu Heebra.

À menção desse nome, Nylo se contraiu, transformando-se numa rosca apertada e trêmula em torno do pescoço de Calen. As Bruxas Gridda eram consideradas quase demoníacas, até mesmo pela mais dura das outras Bruxas de Ool. Elas eram as maiores e mais selvagens de toda a Irmandade, com os inconfundíveis rostos cor de laranja e volumosos corpos marrons. Criadas em pequenos números, eram encerradas embaixo do solo; somente existiam como última trincheira de defesa, no caso do próprio Ool ser cercado — ou para liderar um ataque a Orin Fen, se as Altas Bruxas um dia descobrissem o mundo-lar dos Magos.

Calen acariciou Nylo, para reconfortá-la.

— Nós não podemos liberar as Griddas — protestou ela. — Elas são imprevisíveis. Até mesmo umas poucas... vão criar confusão.

— Exatamente — disse Heebra. — Aí é que está. Vamos espalhá-las por aí afora e deixar que levem o medo a tantos mundos quantos puderem alcançar rapidamente.

— Mãe, depois que a raiva das Griddas se instala, é impossível controlá-las. Elas podem matar milhares.

— Eu não quero saber quantos elas vão matar — disse Heebra. — Nenhum dos outros mundos tem criaturas assim como Rachel. A questão é que Larpskendya *vai* se importar. Será forçado a usar o maior número possível dos Magos para fazer frente às Griddas. Isso vai deixar a Terra vulnerável.

Ela olhou Nylo e em seguida encarou a filha.

— Qual caminho tomaremos para o mundo de Rachel? Se você mandasse, o que aconselharia?

Calen hesitou.

— Devíamos ir com calma — sugeriu. — Fazer movimentos clandestinos, evitando nossos pontos de encontro e santuários de repouso habituais no espaço. Seria melhor um grupo de batedoras — somente cinco ou seis Bruxas — difícil de detectar. E quando chegarmos a esse mundo — Terra —, eu aconselharia que não matássemos Rachel nem Eric imediatamente. Eles são alvos óbvios de nossa vingança. Larpskendya pode os estar vigiando de perto. Deveríamos começar observando as outras crianças. Vamos ver o que têm para oferecer. Podemos cuidar de Rachel, Eric e do terceiro, Morpeth, quando estivermos preparadas.

Heebra sorriu.

— Bom. Quem deveria liderar o grupo de batedoras? Mais uma vez Calen

hesitou.

— Outra surpresa para Larpskendya! — exclamou Heebra. — *Eu* vou liderá-lo. Ele jamais esperaria por isso. Eu mesma liderarei a jornada até à Terra. Vá. Informe a Irmandade de nossos planos.

Heebra sabia que seria uma longa viagem. Selecionou apenas as Altas Bruxas mais resistentes, firmes e leais para acompanhá-la. Dentro de poucos dias estavam concluídos os preparativos da partida e as Bruxas escolhidas, alimentadas e prontas, reuniram-se aos ventos uivantes e relâmpagos de uma enorme tempestade que tocava a ponta do espaço. Impacientemente, esperaram o sinal de partir.

Em primeiro lugar, Heebra soltou as Bruxas Gridda. Mandou-as a todas as direções, simultaneamente. Levadas por sua líder, Gultrathaca, as Griddas partiram em equipes de busca, guinchando, alegres, os músculos dos corpos pesados tensos de energia.

Quando desapareceram, Heebra fez um gesto para o grupo de batedoras avançarem na escuridão do espaço. Ver suas melhores Bruxas juntas daquele jeito lembrou a Heebra as guerras gloriosas do passado. Sentindo-se jovem, saiu na frente e, à medida que o grupo se movimentava numa linha graciosa, afastando-se de Ool, Heebra considerou o que sabia da criança, Rachel.

Dragwena lhe tinha informado o padrão da mágica de Rachel. Quando chegassem à Terra seria fácil encontrar a menina. E no caminho para lá haveria tempo sem fim para decidir a maneira mais adequada de matá-la.

3

MAGIA SEM REGRAS



Morpeth estava deitado na cama, de roupa, alerta, à espera. Mesmo assim, não ouviu o ruído, fraco. Era o roçar de um cabelo de encontro a um teto.

Abriu a porta, que rangeu, e espiou lá fora.

Rachel flutuava no corredor. O alto de sua cabeça parecia estar ancorado ao teto. Embaixo, seu corpo envolvido numa camisola amarela clara, pendia, indolente. Era como se os ossos estivessem sem peso: o menor movimento do ar podia curvá-los ou dobrá-los. Os braços e pernas flutuavam no mesmo embalo relaxado, como algas balançando sob as ondas.

Morpeth pisou no corredor com o cuidado de não fazer barulho. Rachel tinha os olhos fechados, mas a pele das pálpebras se sacudia violentamente para um lado e para o outro: um sonho. Mais de perto, Morpeth viu o cabelo de Rachel erguer-se, mexendo-se. Fios dele tinham se agrupado e subiam da cabeça, apalpando o trajeto em direção à lâmpada do corredor do mesmo modo lento e proposital das anêmonas no mar.

Então, aparentemente perdendo o interesse na lâmpada, o cabelo arrastou Rachel aos trancos pelo corredor. Ocasionalmente, ela permanecia no mesmo lugar tempo suficiente para um tufo explorar complexos espirais no teto.

Quando ela passou pelo quarto de Eric, Morpeth bateu com as pontas das unhas, sem esperar resposta — mas a porta logo se escancarou. De pé, de pijama, lá estava Eric, tapando com as mãos as bocas dos prapsis. Presos e excitados, esticavam os pescoços, tentando ver Rachel.

— Você estava acordado? — sussurrou Morpeth.

— Não, até que estes dois começaram a se bater nas paredes.

Eric piscou, ajustando os olhos à luz da madrugada.

— O que está acontecendo?

— Fique quieto e me acompanhe — determinou Morpeth. — Deixe os meninos aqui.

— Ai, Morpeth...

— Não. Venha sozinho.

Relutante, Eric tornou a enfiar os prapsis debaixo do cobertor, descansando suas cabeças num travesseiro. Os olhos deles o acompanharam tristemente.

— Por favor, Eric — um implorou. — Deixe-nos ir. Somos tão silenciosos. Olhe.

Ele abriu e fechou a boca silenciosamente. O outro prapsi soltou um riso abafado.

— Você parece um peixe de aquário!

— Cale a boca. Eric estava acreditando em mim!

— Desculpem meninos — disse Eric, fazendo carinho nas penas de seus pescoços. — Quem sabe da próxima vez.

Rapidamente ele fechou a porta do quarto. Momentos depois, com a boca na fenda, embaixo, os prapsis se puseram a miar baixinho, como filhotes abandonados.

Eric reuniu-se a Morpeth junto à escada.

— Puxa vida! — disse ele, localizando Rachel. — Que visão! O cabelo dela está vivo, ou o quê? E onde ela está indo?

Ele deu um meio-sorriso quando ela passou pelo banheiro.

— Ao toalete?

— Psiu. Você vai ver — disse Morpeth. — Fique bem de olho nela. Eu posso precisar da sua ajuda se as coisas derem errado.

Rachel entrou na cozinha, abrindo caminho até à porta do pátio, que dava no jardim.

— Está trancada — constatou Eric. — Ela nunca vai conseguir sair.

— Ela tem mais recursos do que você imagina — avisou Morpeth.

Eric ouviu um clique sutil: os cadeados do pátio eram abertos sem o uso de uma chave.

— Impressionante — disse ele.

— Nem tanto — retrucou Morpeth. — Os cadeados são projetados de modo a serem abertos. Para Rachel, este nível de magia não é sequer um desafio.

É claro, a porta para o pátio se abriu com um estalo e Rachel saiu para o jardim, a deslizar. Seus olhos permaneciam fechados quando fez um pouso, de pé, no meio do gramado. Aí, mexendo a cabeça, aspirou o ar da alta noite — e um aroma repentino, distinto, de muitas flores, envolveu Eric. Era um cheiro rico, impossivelmente, poderosamente, forte.

— O que ela está fazendo? — perguntou Eric boquiaberto.

Morpeth riu.

— Eu não sei. Aqui não há regras, ou há somente aquelas que os encantamentos dela inventam. O que vai acontecer em seguida depende de quem é a vez.

— Você está brincando — disse Eric. — Os encantamentos têm vez?

— Você vai ver.

Rachel, com os olhos ainda totalmente cerrados, começou a voar em círculos rápidos em torno do jardim. Com os braços abertos, suas mãos tudo tocavam: capim, folhas, o veio da cerca de madeira, a seda das pétalas, os espinhos duros das rosas. Parava, ajoelhava-se saboreando a umidade da relva e o solo acre embaixo. Suspirava encostando o rosto às rochas mais duras no jardim de pedras. Apanhando uma mariposa, acariciou terna e longamente suas asas frágeis.

— Já a vi fazendo isto antes — disse Morpeth. — Os encantamentos dela aparentemente apreciam os contrastes. Agudo e macio, azedo e doce. Tira um prazer deles que não consigo entender.

— Eu não gostaria de ser aquela mariposa — disse Eric.

— Ela não vai machucá-la — assegurou Morpeth. — Se a mariposa se debater, Rachel é capaz de segurar as asas delicadas sem danificá-las.

Rachel abriu a mão e, ileso, o inseto confuso bateu as asas e afastou-se. Ela o perseguiu um instante, batendo as orelhas, a imitá-lo. Mas o inseto era obviamente muito sem graça para interessar por longo tempo aos encantamentos dela. Ela o esqueceu. Erguendo o queixo e os braços, elevou-se graciosamente nos ares em direção à lua. Em segundos era apenas um ponto trêmulo de camisola amarela de encontro ao disco branco com cicatrizes.

— Caramba! — disse Eric. — Você está me dizendo que ela ainda se encontra adormecida?

— Não só adormecida — Morpeth disse a ele. — É bem mais profundo que isso; é um sono compelido pelos encantamentos. A própria Rachel não tem controle sobre nada disto.

— Isso soa perigoso — alertou Eric, olhando para cima com preocupação.
— Devíamos acordá-la? Eu poderia destruir os encantamentos mantendo-a adormecida.

Morpeth aparentou surpresa.

— Você consegue mesmo seguir o rasto dos encantamentos?

Eric fez que sim.

— Consigo. Todos eles têm seus aromas próprios, especiais. Aprendi isso em Ithrea. Os que ela está usando mais esta noite, como os encantamentos de vôo, são fáceis de reconhecer depois de um tempo. Os mais raros, fica mais difícil. Mas geralmente acabo conseguindo decifrá-los.

Eric lambeu o dedo e sorriu.

— É claro, depois que destruo um encantamento, a pessoa não pode usá-lo outra vez, de modo que tenho que ter cuidado.

Apertou os olhos para enxergar o ponto minúsculo que era o corpo de Rachel.

— Não consigo alcançá-la daqui. Está longe demais. Uma esfera de amarelo brilhante casualmente caiu do céu. À medida que Rachel aterrava na grama, a camisola subiu e se acomodou suavemente sobre seus joelhos.

— Qual será a próxima magia? — quis saber Eric.

— Quem sabe? — respondeu Morpeth, parecendo preocupado. — É sempre uma coisa inesperada, mas seus encantamentos estão especialmente ativos esta noite.

Rachel mudou de forma. A coisa aconteceu instantaneamente, não foi gradual. De início, Eric pensou que ela havia desaparecido; em seguida, notou bigodes na grama, remexendo-se, num pequeno nariz preto: um rato.

— Ela mudou de forma! — maravilhou-se Eric. — Já a vi fazer isso em Ithrea, mas nunca a tinha visto fazer aqui. Não é arriscado?

— Os encantamentos de Rachel nada fariam que a prejudicasse — disse Morpeth. — No entanto, o gato pode precisar ter cuidado.

— O gato?

Sofia, a gata da família, desenrolava-se, saída de um sono confortável em algum ponto da casa. Levada por um súbito cheiro gostoso de roedor, agachou-se na grama e, calma, espreitava sua vítima.

Cem ratos apareceram no gramado, todos gritando o nome de Sofia.

Quando, de repente, ela saiu dali, aos pulos, os ratos desapareceram, rindo. Sofia, os pêlos eriçados, ficou imperturbável por um tempo. Finalmente, voltou lânguida para a cozinha, acomodou-se no chão e pôs-se a limpar meticulosamente as patas como se nada houvesse acontecido.

— Brilhante! — disse Eric. — Não tinha me dado conta de que Rach tem senso de humor. E agora? Um prapsi gigante?

Rachel voltara ao normal. Pairou uns minutos acima do chão. Quando os dedos dos pés nus tocaram a relva orvalhada, a cabeça ficou parada, de uma maneira não natural, ligeiramente inclinada para um lado — como se estivesse ouvindo as estrelas.

Em seguida, ela desapareceu.

— Ela *sumiu!* — disse Eric. — Puxa! Foi para algum outro lugar.

Ouvindo atrás um farfalhar, virou-se, esperando que fosse Rachel.

— Ai, não... — murmurou. — Agora vamos ter... Mamãe andava pelo jardim, determinada, de chinelo e robe.

— E aí? — perguntou ela, olhando para Morpeth.

— Quase sempre o padrão habitual — respondeu ele. — Mas o truque do rato é novo. E raramente Rachel foi tão longe da casa antes. Seus encantamentos de vôo estão ativos de verdade.

Mamãe concordou, sombria.

— Há dois dias, só dar a volta ao quarteirão parecia deixá-los contentes. Agora não mais, é óbvio. Tenho estado a observá-la da janela. Nunca vi essas acrobacias malucas. Não sei a que velocidade está voando. Não consegui acompanhá-la. Eric ficou pasmo.

— Mamãe, você a tem observado?

— É claro — respondeu ela, em tom casual. — Desde que isso tudo começou. Você acha que qualquer um de vocês conseguiria sair de casa sem eu notar? Decifrei o significado daquele cheiro de lago muito antes de Morpeth. Desde então nos revezamos, para ficar de olho nela.

Ela abotoou o botão de cima do pijama de Eric.

— Está frio aqui fora. Imagine como deve estar Rachel lá em cima... — ela soltou os braços — seja lá onde for que ela se encontre por aí...

— Ela não sente — disse Morpeth. — Seus encantamentos a mantêm aquecida.

— Voltou! — disse Eric. — Com uma coisa esquisita no cabelo.

Uma planta exótica, com a haste comprida, aninhava-se na franja de Rachel. No céu relampejante, eles só conseguiam distinguir o verde incomum e flores vermelhas amarronzadas.

O olhar de mamãe envesgou.

— Isso é uma orquídea. Estou reconhecendo... Chama-se Orquídea Sapo. Não existe dela neste país. É da Espanha, acho. Rachel não pode ter ido tão longe, sem dúvida. Pode?

— Se mudar de forma, pode ir a qualquer lugar — disse Morpeth.

Rachel arrancou a orquídea do cabelo e, desejosa, saboreou as pétalas delicadas.

A voz de mamãe ficou exasperada de repente.

— Odeio o que aquele Mago fez com ela — disse. — Que tipo de dom é esse que permite a Rachel manter sua magia mas não usá-la? Esses encantamentos dela fazem brincadeiras, disputam o controle, usam-na. Como podem constituir um dom? Não passam de uma maldição, uma preocupação para todos nós.

— Encantamentozinhos dóceis não teriam grande utilidade contra Bruxas — Morpeth disse a ela. — Larpskendya sabia que Rachel iria precisar de toda a sua magia se um dia as enfrentasse.

Ele acompanhou a língua de Rachel, que se transformava num tubo fino, delicadamente provando o coração da flor da orquídea. Seu rosto estava cheio de alegria.

— Mas fico imaginando: será que Larpskendya previu que os encantamentos de Rachel iriam se comportar desta maneira? — questionou Morpeth, com firmeza. — De repente ficam tão desesperados, ativos, depois de estarem tão quietos. Será que houve uma mudança? Alguma coisa que Larpskendya não previu?

— Existe *alguma coisa* que ela não possa fazer? — perguntou mamãe a Morpeth.

— Eu não compreendo os limites dela — admitiu ele. — Nem Rachel compreende. Em Ithrea teve poucos dias para aprender, e devido à promessa que fez a Larpskendya, não experimentou sua magia desde que voltou.

Pensativo, ele observou Rachel respirar sobre um botão de rosa fechado. Este abriu as pétalas para sua boca como se oferecesse uma dádiva de luz do sol.

— Sem dúvida ela é a criança mais dotada, naturalmente, que jamais conheci — prosseguiu Morpeth. — Em Ithrea, Rachel aprendeu a fazer encantamentos que

outros levaram séculos até descobrir ou nunca alcançaram. Ela os fez sem ser ensinada, instintivamente alterando formas, transferindo-se sem esforço de um local a outro ou comandando o tempo. Nenhuma criança jamais tinha feito essas coisas; só a Bruxa, Dragwena.

— Você também era bem impressionante em Ithrea — apontou Eric.

— Nem tanto — disse Morpeth. — Eu era capaz de curar ferimentos simples. Com dificuldade, mudava a forma de alguns materiais, mandava sinais. É claro, mesmo esse nível simples de magia está além de um monte de crianças.

— Você não sente falta dela? — perguntou Eric, hesitante. — Quer dizer, você deve odiar Larpskendya por ter tirado a sua magia.

— Não, Eric, você está errado — respondeu Morpeth. — Eu *pedi* a Larpskendya que a tirasse.

— O quê? — espantou-se Eric. — Por quê?

— Não ousamos atrair a atenção das Bruxas. Eu usei mágica tanto tempo que um encantamento poderia escapar acidentalmente numa altura qualquer. De modo que pedi a Larpskendya que a tirasse de mim logo após a volta à Terra. E ele tirou.

— Eu não sabia disso — disse mamãe, baixinho. — Você nunca nos contou.

— Não foi um sacrifício tão grande como vocês podem pensar — assegurou Morpeth, sorrindo de viés. — Eu sou um velho. Diferentemente da de Rachel, a minha mágica, nos últimos anos, ficava mais satisfeita tirando uma soneca.

— Isso não é verdade — mamãe deu-se conta, analisando a expressão dele. — Você simplesmente não queria Rachel preocupada com você; foi por isso que não nos contou.

Rachel estava sentada de pernas cruzadas perto do lago, os olhos ainda fechados. Eles a observaram inflar o rosto com o ar frio da manhã. Quando exalou, o jardim imediatamente tornou-se tropical, e eles aspiravam os diversos aromas úmidos de uma floresta dos trópicos.

De repente, sem aviso, Rachel mergulhou no lago.

— Protejam os olhos! — gritou Morpeth. Eric, ausente, levantou um braço.

— O que está havendo? Eu não...

— Protejam!

Mamãe só teve tempo para cobrir o rosto com uma das mãos. Uma luz extremamente brilhante inundou o jardim. Não era a luz da aurora. Vinha de Rachel. Tinha, afinal, aberto seus olhos noturnos. À luz do sol as cores dos encantamentos

variavam, mas, no escuro, cintilavam numa única cor atordoante — pura prata. Opalas de luz passaram rapidamente em torno de mamãe, Eric e Morpeth, iluminando suas roupas. Então, Rachel se reacomodou no lago e pôs o olhar no céu. Nuvens, a milhares de metros no ar, iluminaram-se, furadas pelos holofotes em miniatura. O lago aumentou ligeiramente para dar-lhe boas-vindas. Deitada na parte mais profunda, guelras vermelhas surgiram em seu pescoço.

— Isso é novidade — disse Morpeth, espiando cautelosamente por entre os dedos.

Uma terceira guelra se materializara, desta vez na garganta.

Rachel estava deitada no lago, a boca aberta debaixo d'água. Enquanto os outros observavam ansiosamente, seus habilidosos olhos mágicos esquadrihavam os céus em busca de visões que eles jamais poderiam detectar. Em poucos minutos, sua luz de prata queimante atraía legiões de mariposas e moscas dos jardins vizinhos e de além.

Eventualmente, Rachel emergiu serenamente do lago. Flutuou de volta a seu quarto, sem em nenhum momento demonstrar qualquer reconhecimento da família. Eric foi mandado de volta para a cama. Por um tempo, ouviram-se gritos de excitação no quarto, enquanto ele contava aos prapsis o que tinha acontecido. Lá embaixo, um suave murmúrio apenas: Morpeth e mamãe discutiam, sentados, o que devia ser feito.

Mais tarde, naquela manhã, Morpeth teve que sacudir Rachel repetidamente para acordá-la. Seus olhos, quando afinal se abriram, estavam cinza turvo, como um resumo do inverno.

— Eu estou tão cansada — disse, olhando-se no espelho. Esfregando o rosto, sentiu o contentamento de seus encantamentos. A maioria se ocultava de seus olhos, aparentemente satisfeita, não a perturbando para brincar.

— As brincadeiras de ontem à noite foram barra-pesada — disse Morpeth, explicando o que tinha ocorrido.

Ouvindo os acontecimentos, Rachel murmurou, zangada:

— Parece que meus encantamentos me odeiam, fazem cada coisa...

Morpeth segurou-a pelos ombros.

— Não é isso. Simplesmente são determinados. A sua magia tem uma força que só vi em Dragwena. Ela implora para ser usada.

Rachel olhou desconfortavelmente os lençóis encharcados.

— Mamãe não deve ter perdido. Ela sabe, não sabe?

— Sim, sua mãe sabe de tudo.

— Ai, que *maravilhai*

— Não, é bom — disse Morpeth com firmeza. — Nós agora precisamos da força de todos.

Rachel tomou uma chuveirada, vestiu-se e desceu à cozinha, estranhamente silenciosa. Até os prapsis estavam quietos.

— O que houve com eles? — perguntou a Eric, desconfiada, enchendo uma tigela de cereal. — Estão doentes, algo assim?

Eric ergueu as sobrancelhas.

— Não. Os meninos agora lhe respeitam de uma maneira nova, Rach. Eles a viram voando através das cortinas do quarto. Não mais insultos por alguns dias. Eles insistem!

Os prapsis dirigiram a Rachel um sorriso radiante, batendo as asas e piscando os olhos sabiamente.

Quando terminaram de tomar o café-da-manhã e estavam todos na sala de estar, Rachel disse:

— Notei uma coisa estranha ontem à noite. Tive medo. E não sei ao certo o que significa.

Sentou-se na beira do sofá, próxima à mamãe.

— Meus encantamentos de informação captaram a coisa. Como vocês sabem, eles automaticamente registram tudo o que está acontecendo ao meu redor, esteja eu interessada ou não. Geralmente, é só bobagem: quem está na casa, qual o batimento cardíaco dessas pessoas, a hora em que o sol se levanta, coisas como essas, inúteis. Na noite passada, porém, foram longe e captaram sinais de magia. Não era minha. A magia pertencia a outras crianças. Milhares delas.

Os prapsis pararam de cabriolar no radiador.

— Eu achei que Larpskendya não ia permitir isso — disse Eric. — Ele não disse que era perigoso demais deixar a magia das crianças solta?

— Sim, ele disse. Normalmente ele não interfere na maneira natural da magia querer se desenvolver, mas na Terra é diferente. Larpskendya me disse que é um caso especial, por causa de Dragwena. Ela esteve aqui durante séculos antes dos Magos nos descobrirem, fazendo nascer o tipo de magia dela própria nas crianças. Devido a ela, Larpskendya diz, há um vestígio de Bruxa em todos nós.

— Eca! — disse Eric. Rachel concordou.

— Larpskendya queria manter vigilância sobre nós, não liberando nossa magia até ter certeza de que era seguro.

Ela olhou para Morpeth.

— Larpskendya não está por perto — disse ela, com certeza. — Não pode estar; se estivesse, teria nos avisado sobre essa coisa tão importante.

— Eu concordo — disse Morpeth. — Tente mandar a ele uma mensagem.

Rachel transmitiu um chamado de perigo em todas as direções da maneira como Larpskendya lhe tinha ensinado.

— Não tem resposta — disse, alguns minutos depois.

— O que significa isso? — perguntou Eric. — Larpskendya não está... ferido, está?

— Não seja burro — Rachel deixou escapar, sendo essa idéia insuportável. — Significa apenas que... ele não está nada perto, só isso.

Ela alojou o encantamento de chamado na mente, assegurando-se de que seria devidamente enviado bem longe no espaço profundo, estivesse ela acordada ou dormindo.

— Larpskendya disse que não poderia estar aqui o tempo todo — lembrou ela a Eric. — Não somos o único mundo de que ele tem que cuidar.

Mas o que, ela imaginava, poderia ser tão urgente que Larpskendya não tivesse tido tempo para nos avisar que estava partindo?

— Bem — falou Morpeth —, no momento temos de decidir o que nós vamos fazer. Diga-me, Rachel, alguma das crianças que os seus encantamentos detectaram já está ativamente usando magia?

— Acho que não — respondeu. — Mas, nas mais dotadas, ela está quase explodindo para sair.

— Até que distância você investigou?

— Até à metade do mundo. É o mesmo padrão em toda parte. E houve uma coisa realmente esquisita, Morpeth. Um traço em cima da África. Tão longe... Mas nunca senti algo agudo assim.

— E agora, então? — perguntou Eric.

— Nós nos preparamos o melhor que pudemos — disse Morpeth, casualmente. — Se os níveis de magia estão tão elevados, qualquer coisa poderia estar por acontecer.

Ele se voltou para Rachel.

— Esse recente desabrochar da mágica poderia explicar por que os seus encantamentos ficaram tão obstinados ultimamente. Eu vi algo semelhante uma vez em Ithrea: a magia de certas crianças extremamente bem-dotadas querendo sair, querendo se reunir. Talvez seja por isso que os seus encantamentos tenham estado tão ativos recentemente. Pressentem amigos aí fora, quase preparados para receber boas-vindas. Os encantamentos também apreciam companhia.

Ele sustentou o olhar dela.

— Nós deveríamos começar com uma vigorosa rotina de prática diária para a sua mágica. Isso deveria satisfazer esses seus encantamentos ativos. Poderia até mesmo botar um fim às suas aventuras noturnas.

Rachel concordou com ardor — e no momento em que o fez, no momento em que aceitou se abrir totalmente para toda a riqueza da sua mágica, uma abundância de cores frescas explodiu em seus olhos. As cores vinham de dúzias de encantamentos novos para ela. Eram encantamentos pequenos, encantamentos menores, úteis para ocasiões particulares. Tinham vozes baixas, quase envergonhadas, que raramente desafiavam o domínio dos encantamentos maiores como os de vôo e mudança. Agora que os tinha notado, afinal, Rachel convidou os encantamentos para virem à frente. Respeitosamente, pediu a cada um que se identificasse pela primeira vez e eles, com seus modos suaves, reservados, andaram nas pontas dos pés em sua mente.

— Tem certeza de que sabe o que está fazendo, Rachel? — perguntou mamãe, ansiosa, vendo os suaves novos tons pastel.

— Não — respondeu Rachel. — Eu não estou certa de nada. Mas Morpeth tem razão: deixei alguns de meus encantamentos fazerem o que queriam por tempo demais.

Ela sorriu.

— Primeiro a segurança. Não queremos olhos nos espionando, certo?

Para evitar qualquer vazamento de mágica, ela colocou um encantamento de cobertura em torno da casa.

Depois, olhou o jardim. Olhou o lago, cuja água engolira tantas noites. Olhou a cerca do jardim, retalhada nos pontos em que esfregou as bochechas. E pensou na Nigéria, na África, e na abundância de mágica que seus encantamentos de informação tinham sentido lá.

— Está na hora de ter meu corpo de volta — ela disse a mamãe. — Chega de mergulhos no lago. E daqui para a frente se eu voar para algum lugar é porque escolhi ir lá. Vamos começar a treinar agora mesmo.

A BELA DE
CAMBERWELL

Aurora e pássaros africanos sonolentos despertavam quando Fola abriu caminho ao longo do atalho de Fiditi para o rio.

Com uma das mãos equilibrava na cabeça o peso do cesto de roupa para lavar. Com a outra, arrumou o *oja*. Fazia pouca diferença: Yemi, seu irmão bebê, compunha um desajeitado montinho em suas costas, não importava como o carregasse — não parava de se mexer e espernear!

— Fique quieto! Pare de se mexer! — ela disse, irritada. As coisas mais mínimas o excitavam: um pássaro sem fazer nada numa árvore, um cachorro parvo no atalho, até as pequenas plumas de poeira que seus pés levantavam.

— Só um bebê para apreciar caminhada tão entediante — pensou Fola.

Ausente, olhava para a frente. Adiante, limpo e murmurante, o rio Odooba cortava a floresta. Fola sabia, do colégio, como ele fazia seu percurso, entre aldeias, pelo sul da Nigéria, era sua descida para o mar, mas tais detalhes não a interessavam. Via suas águas com tanta frequência que mal prestava atenção. Ao alcançar a margem, descarregou Yemi e a trouxa, aliviada, e esticou os músculos doloridos do pescoço.

Era cedo e ainda fresco, mas ela já estava cansada. Tinha acordado antes do amanhecer para preparar o inhame e o feijão fradinho da refeição da noite; ainda havia trabalho para terminar quando voltasse e Yemi para cuidar o dia todo. Fola não reclamava. Com Baba caçando na floresta tropical, ficava feliz de poder ajudar. Era mais fácil que o dia de Mama nos campos — longas horas de trabalho árduo.

Algumas outras meninas da aldeia já tinham chegado ao rio. Fola as cumprimentou calorosamente, molhando o sabão de soda e as roupas.

Enquanto trabalhava, Yemi ficou sentado numa espécie de pilha, confortável, junto a seus pés. Ele esquadrinhou a terra. Com os mosquitos em torno de seu cabelo cortado rente, piscou. Viu um falcão Asa marrom e preto. Quando este sacudiu as grandes asas, o menino retribuiu com um aceno.

Fola certificou-se de que ele não estava perto demais da beira do rio, e se envolveu no mexerico habitual com as outras meninas. Pouco depois, ouviu um ruído profundo, um aspirar. Virou-se e encontrou Yemi sentado, anormalmente quieto.

— O que é? — perguntou. — Que maravilha incrível você descobriu desta vez?

Era uma mosca, e tinha pousado no antebraço despido de Yemi.

Ele olhava extasiado, de boca aberta, enquanto a mosca andava rumo ao cotovelo.

Aí, sem qualquer sinal de despedida, a mosca saiu voando.

Yemi se pôs a chorar. Cobriu o rosto e as lágrimas correram.

— Ai, não seja bobo — disse Fola.

Deixando de lado a saia que torcia, pegou-o no colo.

— É só uma mosca. Não *dá* para obrigá-las a ficar, você sabe!

Como Yemi continuou choramingando, ela procurou seu livro especial. Um livro cheio de figuras de borboletas que saltavam. Yemi imediatamente esqueceu a mosca, parou de chorar e esticou-se para alcançá-lo, ansioso. Fola ficou uns minutos sentada junto dele, ajudando-o a virar as páginas. Ele a deteve, como sempre, na página que continha sua borboleta favorita.

Era uma borboleta chamada Manto de Luto, também conhecida como Bela de Camberwell. De acordo com o livro, existia em muitas cores. A ilustração mostrava uma linda variedade amarelo vivo, com pequenas manchas de poeira marrom claro nas asas.

— Quer — Yemi disse a ela.

— Você quer, é? — perguntou Fola, divertida.

Ele beijou a imagem da Bela de Camberwell com ardor.

— Não temos desse tipo na África — informou. — Ela vem de muito longe. Nunca veremos uma aqui.

O rosto de Yemi murchou de tristeza. Demonstrava tanta infelicidade que Fola gastou mais tempo lendo com ele do que deveria. Quando voltou à lavagem,

Yemi virou as páginas e retornou à sua Bela de Camberwell. Com o rosto franzido, estudou-a.

Fola levou mais de uma hora para terminar, batendo os lençóis e estendendo ao sol, que se levantava. Quando a última peça de roupa estava quase seca, procurou Yemi ali em volta. Sentado perto, lia seu livro.

E tinha uma nova companheira — uma borboleta amarela.

Pousada no antebraço de Yemi, precisamente onde a mosca tinha estado.

Fola piscou. Não havia dúvida de que era uma Bela de Camberwell.

Yemi sorria de orelha a orelha. Soprou o braço e a borboleta abriu as asas. Torceu o nariz e ela pulou para a ponta. Aí, devagar, como uma bailarina, girou nas pernas pretas até ficar de frente para Fola — e fez uma reverência.

Fola largou a roupa.

Sentou-se e notou outras asas batendo em toda a volta. Muitas mais Belas de Camberwell desciam do céu do norte para o capim e o chão que cercava Yemi. Fola as observou baterem asas até o ombro direito dele. Umas por sobre as outras, formaram, então, uma pirâmide perfeita. Yemi folheava o livro de figuras. A luz do sol matinal refletida nas páginas tornava a leitura difícil. Yemi apertou os olhos, depois riu. Olhou suas borboletas.

No mesmo instante todas abriram as asas delicadas, fazendo uma sombra amarela na página.

5 PEIXES SEM ARMADURA



As Bruxas de Heebra estavam famintas quando alcançaram a Terra. A viagem tinha durado muito mais tempo do que ela esperava. Exaustas, suas cobras-almas com fome encolhiam-se de encontro aos peitos. O grupo de batedoras só suportou o estirão final porque ela as conduzia.

No entanto, lá estava enfim o grande prêmio: o planeta lar de Rachel.

Apesar da ânsia que sentiam por comida, Heebra conseguiu segurar as Bruxas — ela precisava ter certeza de que não havia Magos ali. Cautelosamente, cercou o planeta com duas batedoras. O fedor inconfundível de Larpskendya estava em toda parte — mas era aroma antigo, e não havia outros Magos presentes.

Excelente. Isso queria dizer que em locais distantes as guerreiras Gridda os distraíam bem.

Com gritos agudos de antecipação, as Bruxas mergulharam em direção à metade do mundo iluminada pelo sol. Uns poucos satélites de defesa giravam, registrando a presença delas. Heebra desarmou com facilidade as mensagens eletrônicas primitivas e, sem serem detectadas, as Bruxas passaram impetuosamente pela termosfera. Por um momento, sua camada quente as segurou; depois elas ajustaram as formas de seus corpos de modo que o calor seco removeu as inúteis camadas mortas de pele espacial. Alegrementemente, elas surgiram na parte superior da atmosfera, tremendo de arrebatamento à medida que o frio salpicava sua nova carne crua.

— Banqueteiem-se! Banqueteiem-se! — Heebra ordenou às suas Bruxas famintas.

Através da nuvem azul e branca que passava rapidamente em redemoinho, mergulharam fundo no Oceano Pacífico, alimentando-se dos atuns saltadores e dos grandes tubarões brancos que os perseguiam.

Esse oceano, porém, era quente demais para o agrado das Bruxas, de modo que se deslocaram para o norte. Nadando em meio ao gelo flutuante do Ártico, engoliram vastos cardumes de arenques.

— Sem armas — Calen maravilhava-se, analisando os peixes. — Diferentes dos de Ool. Só fazem andar juntos em tolos cardumes, aparentemente esperando serem comidos. Onde está a armadura e o veneno deles? Tomara logo encontrarmos algo mais interessante para nos testar.

Mas as maiores criaturas que conseguiram encontrar foram baleias assassinas. Estas fugiram quando as Bruxas tentaram estimular uma luta. Heebra apressadamente conduziu as Bruxas em direção à terra antes que ficassem por demais entediadas. Fez uma base perto do Pólo

Norte. Ali havia em abundância a carne de urso polar e a rica carne oleosa de foca. Para esconderem-se seriam necessários apenas os encantamentos mais simples. A temperatura era moderada demais, mas as ocasionais nevascas sopravam frescas e claras: uma lembrança de casa. Em horas, as Bruxas já estavam com as garras nas rochas congeladas embaixo das neves, construindo energicamente as fundações de novas torres-olhos.

Uma vez acomodadas, Heebra despachou as cinco batedoras. Através do globo as Bruxas fizeram sondagens, disfarçadas de muitas formas, dominando a estrutura simples das línguas — e estudando as crianças por toda a parte. Os relatórios das batedoras deixavam Heebra fascinada.

Calen foi a última a voltar. Muitas horas depois das outras terem chegado, Heebra viu seu vestido preto ondulando na distância. Calen voava da maneira extravagante que lhe era típica, a cabeça careca cortando o vento, em carreira rápida e rasteira através da neve. Apertando os braços de encontro aos lados do corpo, usava somente as pontas das garras para mudar de direção.

— E aí? — perguntou Heebra, impacientemente, assim que ela apareceu.

Calen transformou sua cara na de um menino novo que tinha conhecido recentemente, mostrando os dentes de leite minúsculos.

— Essas crianças nada têm que possa nos amedrontar!

— Obviamente — disse Heebra. — As outras Bruxas estão cheias de desdém. O que você achou?

— Por onde começo? Elas são tão fracas. Olhos líquidos frágeis, sem visão

noturna nem visão de raios X. Sangram com o menor corte.

Calen riu.

— A pele delas *se rasga*, dá para acreditar? E órgãos internos moles, sem proteção. Isso as torna vulneráveis. Também estão sujeitas a um sem fim de doenças e infecções. E lentas, mãe. Lentas para reagir, pensar, movimentar-se ou sentir o perigo. Nada as recomenda.

Ela bateu na cabeça.

— Em cima do cérebro delas há uma extensão fibrosa, um couro cabeludo. Pega fogo com o menor toque, uma evolução ridícula!

— Você esperava alguma coisa mais impressionante? — perguntou Heebra.
— Você não? Heebra arranhou as escamas de Mak.

— Abra os olhos. Seus corpos podem ser débeis, mas essa espécie é de predadores naturais. Há guerras entre eles acontecendo em toda parte neste planeta. Raramente conhecemos raça tão promissora. Vejo por todo lado sinais da saudável influência de Dragwena.

— Que pena não podermos usar os adultos — suspirou Calen. — A magia que têm quando crianças decai cedo.

— O que acha da tecnologia deles?

— Não constitui perigo para nós — escarneceu Calen. — Um substituto pobre da magia. Eles sequer são capazes de detectar a nossa presença.

— Concordo. Temos que nos concentrar nas crianças. Avaliar sua mágica.

— Há uma clara interferência de Larpskendya, embaraçando-as — disse Calen. — Sua influência levou a algumas características peculiares, tais como a escola para crianças. Em vez de ficarem livres para praticar seus encantamentos, os jovens sentam-se atrás de carteiras, a obedecer adultos. Que desperdício!

— De um modo geral, Larpskendya nunca influencia o percurso de desenvolvimento da magia em mundo algum — cismou Heebra. — Diga-me por que este planeta é diferente?

E lançou um olhar ameaçador a Nylo que, lembrando-se da última vez em que Heebra a tinha segurado, escondeu a cabeça arredondada dentro do vestido de Calen.

— Essas crianças têm pouca disciplina — respondeu Calen cautelosamente. — Os mais jovens comportam-se instintivamente, pegando o que podem, notavelmente parecidos com os da nossa própria espécie. Larpskendya deve temer que, liberando sua magia, as crianças possam tomar um caminho destrutivo.

— A começar pela remoção dos adultos inferiores — concordou Heebra. — E, a seguir, uma batalha entre as próprias crianças, à medida que as melhores aprendam a dominar.

Calen sorriu.

— Como Larpskendya odiaria isso! Seria bom de ver.

— As crianças podem ser usadas contra os próprios Magos?

— Sim, elas *lutarão* por nós — respondeu Calen, confiante. — A magia delas está transbordando. Basta o mais simples dos encantamentos para liberá-la. Podemos treiná-las como faríamos com nossas bruxas-aprendizes. Ela riu.

— Logo as teremos desprezando os adultos. Larpskendya mantém as crianças tão confusas. Você acredita que quando ferem um adversário freqüentemente se sentem culpadas?

— Por melhor que as treinemos, criança alguma jamais seria capaz de derrotar um Mago — disse Heebra.

— Verdade. Mas essas crianças gostam de estar juntas, mãe. Poderíamos alinhá-las em grandes grupos, dar-lhes um propósito. Iam gostar. Umas cem, talvez, seriam capazes de distrair um Mago por tempo suficiente para nós terminarmos com ele. E existem tantas dessas coisinhas! Poderíamos desperdiçar milhões que mesmo assim não iam faltar!

— Será? — disse Heebra, pensativa. — Estudei essas crianças pessoalmente: elas a contrariam, são teimosas muitas vezes e menos previsíveis do que você pensa. Algumas nos farão forte resistência; outras serão difíceis de dominar. A criança Rachel é prova suficiente. É óbvio que Dragwena tentou treiná-la, mas de alguma maneira a menina pulou fora. Notável! Resistir a uma Alta Bruxa! Criatura alguma, exceto Magos, jamais fez isso.

Calen deu de ombros.

— Rachel provavelmente é única. Uma única criança extraordinária.

— É possível — disse Heebra. — Eu duvido. Num mundo tão grande, pode haver muitas crianças extraordinárias. E a magia neste mundo é crua. Quem sabe como vai evoluir?

Calen disse, desafiadora:

— Em toda a nossa história de conquista, esta é a primeira vez que descobrimos uma espécie assim. O que nos resta para combater os Magos? Larpskendya nos devolve a Ool, humilhadas, todo ano. É isto o que você quer, mãe? Uma morte indigna defendendo de Larpskendya a sua própria torre-olho? Será que

teremos que pronunciar seu nome aos sussurros, temerosas, entre nós, para sempre?

— *Eu* decidirei o que terá de ser feito — grunhiu Heebra.

Levantando os musculosos braços nus, ela deslizou para o interior de um banco de altas nuvens. Por um tempo, Heebra simplesmente flutuou em meio aos ventos polares, achando seu toque agradavelmente frio. Um ninho de aranhas rastejou para a parte da frente de suas mandíbulas a fim de sentir o gelo e olhar as recém-construídas torres-olhos das Bruxas. A visão familiar deixou as aranhas exaltadas, e Heebra lambeu-as, indulgentemente.

— Eis minhas instruções — disse ela, voando de volta para junto de Calen. — Concentre o treinamento nos mais jovens. São mais facilmente convencidos. Ignore todos exceto as crianças melhor dotadas ou mais cruéis. Onde for capaz de botar crianças contra adultos, como pais, professores ou quaisquer outros que regulem comportamentos, faça isso. A coisa mais importante é trabalhar depressa. Descubra líderes, Calen. Não podemos treinar todas as crianças. Encontre as capazes de dar um empurrão na própria espécie, punindo-a.

As tatuagens de Calen brilhavam de excitação. Já ia embora, mas virou-se.

— Você nada mencionou sobre Rachel ou Eric. Quer mesmo vingança?

— Não os esqueci — disse Heebra. — Resumindo: eu mesma fui procurar Rachel. Não foi difícil encontrá-la. Apesar de seus esforços para esconder seus dons, a qualidade de sua magia brilha feito um sinal luminoso neste pequeno mundo.

— O que achou dela? — perguntou Calen interessada.

— Um membro surpreendente da espécie. Deu para ver por que Larpskendya está tão interessado nela. Tem um dom incomum, que podemos usar.

— Um dom?

— Tem uma conexão direta com o próprio Larpskendya.

Calen ficou boquiaberta. Sabia há tempos que as Bruxas buscavam tal acesso a Larpskendya.

— Podemos usá-lo e localizá-lo diretamente? — perguntou.

— Não. Larpskendya obscurece o retorno até ele. Mas, se usarmos o elo cuidadosamente, podemos ser capazes de trazê-lo até *nós*.

— Rachel está chamando Larpskendya agora? — perguntou Calen. — Não é bom que ele chegue antes de estarmos preparadas.

— Ela o está chamando, é claro que está! — riu Heebra. — Atônita, confusa, Rachel está freneticamente mandando sinais. No entanto, Larpskendya nada escuta. Eu coloquei em volta dela um encantamento de desarme que a menina nunca

encontrará.

— Quando vai tirá-lo?

— Quando tivermos treinado um número suficiente de crianças. Quando estivermos estabelecidas e eu tiver decidido como montar uma armadilha para Larpskendya. Até então ele não receberá avisos de Rachel. Ele virá quando nós estivermos prontas para recebê-lo.

Calen concordou.

— Quando for a hora, você, pessoalmente, pretende matar Rachel?

— Ela sequer merece minha atenção — respondeu Heebra. — Ando pensando numa maneira mais interessante de liquidá-la.

Ela esticou uma garra na direção de Calen.

— Você bota muita fé nos jovens deste mundo, então vou lhe dar a seguinte tarefa: encontre para mim outra criança capaz de desafiar Rachel. Encontre e treine um carrasco da própria espécie dela. Desse jeito, a morte de Rachel trará muito mais satisfação.

— Talvez eu já tenha encontrado essa criança — disse Calen, animada. — Ela é incomum em tudo. Logo vou mostrá-la a você. Uma surpresa!

Enquanto Calen saía para dar instruções às outras Bruxas, Heebra flutuou por mais alguns minutos nas correntes de ventos polares, abrindo as mandíbulas. As aranhas lá dentro rolavam, deliciando-se com o toque direto dos flocos de neve.

Heebra caiu no chão. Um urso polar que se encontrava por perto ergueu o focinho da neve e veio vagando lambe-lhe os pés. Heebra rolou com ele, brincando. Rolou várias vezes, com cuidado para não machucar o couro fino do urso com as garras.

Bem, pensou; muito bem, Larpskendya. Este mundo é o seu pior pesadelo, não é? Como estas crianças devem enchê-lo de terror! Entendo por que você escravizou a magia delas e guardou este mundo com tanto segredo, cauteloso. Você está com medo, não? Está com medo porque, mais que qualquer outra espécie, essas crianças são como *nós*!

A MOSCA PELUDA



Mamãe despejou aveia de mingau na tigela de café-da-manhã de Eric.

— Mais, por favor — pediu.

Ela abarrotou a tigela com mais um monte.

— Chega?

— Só mais um *pouquinho*...

Morpeth descansava por perto.

— Já está transbordando do prato — murmurou ele. — Como é que você vai comer tudo isso?

Eric levantou a colher.

— Eu estou crescendo. Eu *preciso* dessa comida, ao contrário de certas pessoas que têm apetite — fez uma careta para Rachel — de formiga.

— Você quer para os prapsis — disse Rachel, casualmente. — Já os vi comendo do seu prato.

Ela riu e lambeu os beiços.

— Ficam com a cara toda lambuzada.

Mamãe suspirou fundo.

— Eric, é verdade isso?

— Er...

— Não, não me conte — disse mamãe. — Prefiro não saber...

Ela apanhou a bolsa e um casaco leve.

— Vou dar uma saída de cerca de uma hora. O celular está ligado, se

precisarem de mim.

Ela olhou para Eric.

— É melhor não ter mingau nenhum em lugar impróprio da minha cozinha quando eu voltar. Entendeu?

Eric concordou e ela saiu de casa. Poucos minutos depois, Rachel notou uma comoção junto à janela da cozinha.

— O que está incomodando os meninos? — perguntou.

Ambos os prapsis faziam uma algaravia louca, voando em espirais fechados, excitados demais para falar. Quando todos correram para lá, um deles, afinal, conseguiu dizer:

— Uma grande maravilha felpuda! — gritou, espiando através das cortinas de renda.

— Uma gritona voadora! — o outro disse.

— Bobagem! Uma mosca peluda! Eric piscou os olhos no sol.

— Meu Deus!

Alto no céu azul puro, voando por sobre os telhados, uma forma preta fazia círculos suaves.

— Parece um cachorro — arriscou Eric. — Aquilo é ridículo. Deve ser uma pipa.

— Não tem barbante — observou Morpeth. — E está latindo!

— Um labrador — sussurrou Rachel. Eric a tocou com o cotovelo.

— O que está acontecendo? *Você* está fazendo isso?

— É claro que não.

— Então, quem é?

O labrador estava suspenso no meio do ar, sobre o centro de uma quadra de jogo. Estava deitado de costas, as patas grandes remando no céu. De repente, ganiu, girou e disparou diretamente para cima. Os meninos que jogavam futebol na quadra não sabiam se olhavam ou corriam.

— Minha nossa! — exclamou Eric. — Ele é controlado por um encantamento. Magia, Rachel!

Ela concordou, estremecendo e tentando localizar a fonte. Chamou à mente os encantamentos de defesa praticados nas últimas duas ou três semanas.

Os prapsis ofegavam nos ouvidos de Eric.

— Eu posso destruir o encantamento se você quiser — disse ele.

— Não — respondeu Rachel. — O cão está alto demais. Iríamos machucá-lo.

— Por que não usar a sua própria mágica, Rach?

— Ainda não — aconselhou Morpeth. — Não se revele enquanto nós não entendermos diante de que nos encontramos. Vamos até à quadra.

Saíram da casa correndo. Os prapsis se espremeram e passaram pelo ombro de Eric antes de este poder fechar a porta.

— Ei, voltem, rapazes! — gritou ele. — Vocês não têm autorização para sair!

Os prapsis voavam, em júbilo, por cima das casas e logo alcançaram o cachorro. Tagarelando excitados, imitavam seus movimentos tempestuosos através do céu.

— Ei, volte! — um dos prapsis gemeu no ouvido do labrador.

— Cachorro feio! — o outro gritou. — Quietos, sua maravilha felpuda!

Rachel liderava a caminhada subindo as ruas que iam ficando mais íngremes em direção à quadra. Conforme se aproximavam, o corpo do cachorro começou a fazer novos padrões no ar — longas formas rítmicas — uma mistura de linhas curvas e retas.

Eric se esforçou para acompanhar as longas passadas de Rachel.

— Está danado, possuído!

— Não — disse Morpeth, rastreando os movimentos do cachorro. — É um nome.

— O que é um nome?

Eles chegaram à beira do campo.

— Aquilo — Morpeth apontou para o céu. — PAULO. Não está vendo? O cachorro está escrevendo o mesmo nome repetidamente.

Correram campo acima, até ficarem bem embaixo do frenético labrador. Os meninos do futebol tinham debandado, deixando para trás a bola.

— Estamos bem perto — disse Rachel. — Faça-o descer, Eric.

Eric apontou o dedo para o labrador, acabando com o encantamento e o cachorro caiu do céu. Bem antes de alcançar o chão, Rachel espalhou um encantamento de acolchoado na grama. O cachorro aterrissou em segurança nas quatro patas e fugiu, descendo o morro, latindo no máximo volume. Os prapsis o

acompanharam alegres oferecendo conselhos inúteis.

— Paulo — Eric ficou cismado. — Não parece nome de cachorro.

— Não — disse Rachel. — Acho que pertence a *ele*.

E apontou para o fundo do campo. Ali, meio escondido na grama espessa, estava deitado um menino gordo de cabelo espetado mais ou menos da mesma idade de Eric. Apoiado nos cotovelos, concentrava-se furiosamente no cachorro, mexendo os dedos como se quisesse mandar o labrador de volta para os ares.

Eric fez uma careta.

— Ele não consegue. Não entende que, depois que destruo um encantamento, jamais conseguirá fazê-lo funcionar outra vez.

— Para trás — determinou Morpeth. — Deixe-o fazer a próxima jogada.

Eric olhou de esguelha.

— O que é que ele está fazendo agora? Está olhando para aquela bola.

A bola de couro ergueu-se alguns centímetros no ar, depois deslizou baixa, cruzando o gramado. Movia-se muito mais depressa do que jamais o faria se tivesse sido chutada.

— Está vindo em nossa direção — notou Morpeth.

— Na verdade — disse Rachel —, está dirigida a mim.

A bola ganhou velocidade, erguendo-se ao nível de sua cabeça — uma mancha veloz.

Eric apontou o dedo, destruindo o encantamento, mas o ímpeto da bola era tanto que Rachel permaneceu como alvo. Ela a fez se desviar inofensivamente em torno de seus ombros.

— Ele fez isso de propósito. — Eric encolerizou-se. — Vamos pegá-lo!

Rachel sacudiu a cabeça.

— Não. Vamos ver o que ele vai fazer em seguida.

O menino de cabelo espetado fechou a cara. No momento seguinte, Rachel sentiu um novo encantamento, desta vez, trabalhando nela.

— Não posso acreditar — disse. — Está tentando enfiar minha cara na lama.

— Deixe-me esmagar o encantamento — grunhiu Eric.

Rachel fez um gesto querendo dizer que não, enquanto tentava compreender uma coisa qualquer referente à magia do menino.

— Ele parece inexperiente — Morpeth disse a ela. — Você sente autoridade

de verdade ou sutileza nos encantamentos dele?

— Não — ela respondeu, observando o menino a repetir ansiosamente o mesmo encantamento outra vez. — Só habilidade crua, recém-despertada... e poderosa.

— Mas por que tenta ferir você e aquele cão? — perguntou Eric.

Rachel não tinha certeza. O menino tinha mesmo tentado feri-la e ao labrador? Ou estava simplesmente testando a própria magia, e a dela, curioso a respeito do que ambos podiam fazer?

Eles tentaram se aproximar de Paulo. Quando Morpeth estava perto o suficiente para ver seu rosto, notou o quanto o menino parecia assustado. Espantado, vacilava, o corpo primeiro vindo em direção a Rachel e depois afastando-se. Finalmente, saiu zunindo caminho abaixo.

— Venham — disse Eric. — Ele não pode escapar por aqui. Ei, Rach, você poderia ir atrás dele voando.

— Não — ela disse. — Eu ainda não quero mostrar a ele o que sou capaz de fazer.

Acompanharam o caminho até o pé do morro, onde fazia uma curva fechada entrando numa grande campina plana. A campina estava vazia.

— Onde está ele? — espantou-se Eric. — Não há onde se esconder. Como pôde correr tão depressa?

— Ele não correu de nós — disse Morpeth. — Deve ter esperado até ficar fora de vista e então encontrou *outro* caminho para fora da campina. Será que voou?

— Não — disse Rachel, com o rosto pálido. — Não é isso. Alguém ou *alguma outra coisa* espanou Paulo daqui. Eu senti um leve rastro de magia diferente da do menino. Era incrivelmente forte.

Ela enviou encantamentos de informação para além de um quilômetro e meio. Todos os sinais de Paulo tinham desaparecido.

— Não consigo detectar nada. O rastro termina aqui. Ela caiu de joelhos no ponto onde uma única pegada de grama amassada marcava o último lugar em que Paulo tinha estado de pé. Já o capim voltava ao lugar, como se ele nunca tivesse existido.

— Você acha que o próprio Paulo poderia ter realizado esse ato de desaparecimento? — ela perguntou a Morpeth.

— Eu acho que não — disse Morpeth, pensativo. — Não com tal perfeição. É preciso muita habilidade para ocultar vestígios de encantamentos recentes... e

aquele menino estava aturdido. Ele deve ter recebido ajuda... E de alguém bem mais experiente.

Enquanto caminhavam de volta para casa, Eric rosnou:

— Seja o que for que esteja acontecendo, não gostei desse Paulo. Vocês viram o que ele fez. Deliberadamente assustando aquele cachorro, e se divertindo.

Morpeth esfregou o queixo.

— Ele estava se divertindo? Não foi isso o que eu reparei. Eu vi um menino pouco à vontade, ou consigo mesmo ou com um companheiro invisível. Alguma coisa o estava amedrontando.

Quando chegaram ao portão da frente, os prapsis pousaram nos ombros de Eric. Ruidosamente, cuspiram pêlos de cachorro.

Rachel melindrou-se.

— Eles não morderam o labrador, morderam?

— Neca — Eric fez uma careta. — Provavelmente ficaram assim tentando beijá-lo.

E enfiou os prapsis dentro da camisa antes que alguém na rua visse suas caras vermelhas e satisfeitas.

Morpeth os conduziu à sala de estar, aliviado por mamãe ainda não ter voltado. Durante uns poucos minutos, eles esquadrinharam as portas e janelas, meio esperando um Paulo cheio de raiva abrindo caminho à força.

— Você não nos tinha dito que nenhuma criança era ainda capaz de usar magia? — perguntou Eric a Rachel. — O que está acontecendo?

Rachel estremeceu, virando-se para Morpeth.

— Você está entendendo isto?

Ele deu de ombros.

— Alguma coisa deve ter desencadeado a magia de Paulo. Qualquer coisa quase a pode ter engatilhado. Uma emoção, talvez raiva ou medo.

Pensou em Ithrea: uma tática favorita de Dragwena — lembrou — era fazer as crianças entrarem em pânico para liberar os encantamentos delas.

— Você acha que Paulo é o único menino aí fora usando magia? — quis saber Eric.

— É possível que não — disse Morpeth. — Ou não por muito tempo. Seja lá o que for que tenha provocado isto, deveríamos pressupor que Paulo é somente o

início. Centenas de crianças logo poderão fazer encantamentos.

Ele olhou para Rachel.

— Larpskendya nunca teve essa intenção ou esse desejo, tenho certeza. Isso confirma que ele não deve estar por perto.

Nós *estamos* sozinhos, Rachel se deu conta. Lutou contra essa idéia, e reparou em seus encantamentos retirando-se para as profundezas de seu interior.

— Não aprecio muito a idéia de crianças com magia — murmurou Eric. — Imaginem um valentão capaz de usar um encantamento que provoque cegueira!

— Se um número suficiente de crianças usar mágica podemos nos preparar para coisa pior — disse Morpeth, grave. — Em Ithrea, vi todo tipo de criança chegar ao longo de séculos. As que tinham cabeças mais fortes resistiam à influência de Dragwena por um tempo, mas algumas — ele fez uma pausa — bem, digamos que algumas não faziam muito esforço. Elas voluntariamente dirigiam sua magia contra outras crianças. Umas poucas sequer necessitavam do estímulo de Dragwena. Elas gostavam.

Rachel tremeu.

— Imaginem o prejuízo que uma Bruxa seria capaz de fazer aqui agora.

À menção da palavra *Bruxa*, Eric respirou fundo.

— É nisso que estivemos pensando, não é? — disse ela, bruscamente. — Seja o que for que tenha levado aquele menino, Paulo, para longe, pode ter sido uma Bruxa. Vamos parar de fingir que isso não nos passou pela cabeça. Não há dúvida de que havia alguma coisa poderosa com ele.

— Dragwena está morta — disse Morpeth. Ele se aproximou e sustentou o olhar dela.

— Ela não pode mais fazer mal a você. E ainda não vejo evidência de que há outras Bruxas aqui.

Rachel fez que sim, ausente, querendo desesperadamente acreditar naquilo.

— Precisamos de mais informação — disse Morpeth. — Rachel, você poderia sintonizar os seus encantamentos de informação para descobrir somente aquelas crianças que estão *usando* a magia delas?

— Sim — disse ela. — Acho que isso nos dirá quantas são e onde estão. Mas nós precisamos saber *como* estão usando a magia delas também. Existem outros torturadores de cães como Paulo por aí? Quero chegar mais perto deles.

— Boa idéia — disse Eric. — E eu e os meninos iremos com você.

Ele lançou aos prapsis um olhar especial.

— Proteção extra.

— Não, terei que viajar longas distâncias — Rachel disse a ele. — É difícil demais para mim fazê-lo com vocês pendurados.

Olhando para Morpeth, ela viu que este estava prestes a fazer objeção.

— Eu vou sozinha — insistiu. — Assim é mais seguro.

— É? — perguntou ele, notando nos olhos dela um brilho azul quase doloroso de tão puro. — Ou esse é o conselho que os seus encantamentos de vôo estão sussurrando?

Rachel hesitou, questionando-se.

— Nós temos que ser cuidadosos — disse Morpeth. — Alguma coisa atraiu Paulo para cá. O que mais poderia ser senão a sua mágica, Rachel? Ele provavelmente sabe onde você mora, e, querendo ou não, ele atacou você.

Morpeth olhou para fora da janela.

— Talvez esteja esperando por uma segunda chance, quando Eric e eu não estivermos perto o suficiente para protegê-la.

Rachel suspirou fundo.

— Eu não posso deixar mamãe aqui sozinha com *ele* aí fora — disse. — Preciso de vocês dois para ficarem com ela. Por favor, Morpeth. Ao primeiro sinal de perigo, eu volto. Prometo.

Morpeth ficou imaginando o que fazer. Estaria o menino Paulo pacientemente à espreita em algum lugar lá fora, preparando um ataque melhor? E quem era seu companheiro invisível? Uma Bruxa, querendo a morte de Rachel? No entanto, eles de fato precisavam saber mais a respeito daquele repentino uso de magia — e pura rapidez, rapidez desimpedida, talvez fosse a melhor defesa de Rachel contra um oponente desconhecido. Finalmente, ele assentiu.

Eric sacudiu a cabeça.

— O que dizemos à mamãe? Ela vai ficar doida.

— Deixe isso comigo — Morpeth disse a ele, sabendo que mamãe jamais aceitaria sua decisão de permitir que Rachel saísse de casa.

Rachel deu um beijo rápido em Eric, abraçou Morpeth e esgueirou-se, para passar por ele. Desafferrolhando a porta da frente, saiu correndo para o jardim, sem querer pensar muito no que poderia a estar aguardando. Do lado de fora, o céu estava limpo e ensolarado.

Uma Bruxa seria capaz de me ver a quilômetros, Rachel pensou.

Sentindo-se um alvo, de pé no alpendre, rapidamente considerou que forma tomar. Mudar de forma era um de seus dons mágicos especiais. Ela o tinha descoberto em Ithrea, aprimorado nas batalhas contra Dragwena e praticado repetidamente nas últimas duas semanas. Não queria cometer um erro agora. Que forma escolher? Qual seria o objeto menos notável naquele amplo céu aberto?

Algumas andorinhas em cima fizeram uma descida veloz atrás de insetos. Cautelosa, cuidando que ninguém visse, Rachel se transformou numa delas. Desdobrando as penas lustrosas, fugiu pelos céus subitamente ameaçadores.

7 - O Arco-Iris do Céu Azul



Rachel elevou-se no ar da manhã quente do verão. Por um momento viu Morpeth, Eric e os prapsis olhando para cima pela janela da sala. Os rostos ansiosos desapareceram quando bateu as asas de andorinha rumo às alturas.

À medida que casas e ruas familiares diminuían, a figura de Paulo, de cabelo espetado, voltou à sua mente.

— Pratique sua magia — disse a si mesma, tentando livrar-se do medo.

Recolhendo as garras em miniatura, Rachel deliberadamente lançou seu corpo emplumado pelos céus. Apesar da prática recente em casa, parte da criação de encantamentos, em especial os de vôo, ainda estava enferrujada.

Vamos, pensou, convidando a própria mágica a se apresentar, me surpreenda!

Incontáveis encantamentos de manobra ansiosamente se ofereceram. Prometiam maravilhas. Rachel selecionou dois, traçando um arco maravilhosamente extenso pelo céu — truque que andorinha alguma jamais tentara. Permanecer numa só forma por muito tempo a deixou nervosa.

— Com que rapidez sou capaz de mudar de forma, se realmente me esforçar? — imaginou.

Escolheu ao acaso outra forma de ave: a de um falcão. Encompridando as asas, Rachel pairou no ar; era o terror dos camundongos!

— Alguma outra coisa — pensou. — Não pare de pensar.

No meio do vôo, durante a flexão da asa, se fez alterar várias vezes. Um pombo. Um Colibri, rápido como um raio. Um glorioso cisne, batendo as asas

pesadas. Rachel voava através do céu e subia, subia às vastas extensões, testando-se, transformando-se em todos os pássaros que conhecia.

E aí um encantamento diferente sugeriu um *morcego*.

Instantaneamente, os olhos de ave encolheram. Soltando tinidos sonares, a cabeça enrugada de Rachel testemunhou um lugar mais bonito que qualquer outra coisa já vista — com os próprios olhos ou olhos de pássaro. Era um fabuloso mundo novo, um mundo de morcego, sem cor, mas onde cada lâmina de capim, cada golpe de ar, tinha textura tão exótica que não achava palavras para descrever.

— Você não precisa destas asas primitivas para voar — disseram os encantamentos. — Basta botar pés em ponta!

Tonta de excitação, Rachel tornou a se transformar em menina e simplesmente chutou o ar com os sapatos.

O rastro turbulento de um jato supersônico capturou seu olho.

— Alcance-o! — comandou Rachel.

Um encantamento de mudança obedeceu com disposição. O ar deu uma guinada, impulsionando Rachel à frente. Não havia ali sensação de vôo. Numa batida de coração, ou menos que isso, estava ela de pé no cone do nariz, espiando dentro da cabine. O piloto piscou o olho, não acreditando na menina que lhe sorria através da janela.

Rachel deixou o jato prosseguir seu vôo e se concentrou numa remota nuvem cumulus.

— Qual a distância? — perguntou a seus encantamentos de informação.

— Mil cento e setenta e quatro metros — responderam, delicadamente.

— Levem-me até lá!

Um, de mudança, tomou o controle, carregando-a até à nuvem — e daí ela mudou para outra nuvem, e outra, vencendo distâncias cada vez maiores: dois mil metros, oito mil metros, dezesseis, oitenta. E por que não *cem*?

Rachel arremessou-se temerariamente pelo céu.

Eventualmente travou o vôo para fazer uma parada.

— Lembre-se do motivo por que veio para cá — disse a si mesma, zangada. — Mamãe e os outros estão em casa inseguros. Comece a buscar sinais de magia...

Como poderia encontrar as crianças melhor dotadas? A magia tem um aroma distinto, lembraram-lhe seus encantamentos. Cace esse aroma.

Para tanto, seu próprio nariz era inútil. Rachel deixou os encantamentos se

encarregarem: eles fizeram crescer suas narinas até cada uma se abrir em aba mole, carnuda, parecendo pétala frágil, balançando na brisa.

Aspirando, imediatamente notou tênues aromas da mágica de crianças.

Alguns agudos, pungentes. Outros, almiscarados, fragrantes, maduros — ou uma mistura dessas coisas. E todos deixavam rastros tênues. Para encontrar crianças como Paulo, que de fato estivessem usando mágica, ela precisava investigar uma área maior e se deslocar mais depressa.

Rachel se obrigou a relaxar, permitindo à magia fluir através de suas veias. A sensação era eletrizante: enervante, enlouquecedora, como respirar o ar imaculadamente limpo depois de toda uma vida de umidade. Ela sentira relâmpagos assim ao lutar contra Dragwena em Ithrea, mas o medo então estragara qualquer prazer que pudesse desfrutar. Agora, confiante, transformou-se em vento. Fechando os olhos, esqueceu as nuvens. Procurou com o olfato mínimos vestígios de mágica — e lançou-se sobre eles.

Deslocava-se a grandes saltos na distância, deixando sua casa para trás. As cidades passavam como borrões. Os mares erguiam-se para ir a seu encontro e recuavam, como sonhos de mares. Abraçando uma linha costeira, seu corpo tocou rochedos molhados onde uma criança recém-experimentara seu primeiro encantamento. Esta já tinha ido embora, de modo que Rachel tornou a se deslocar. Seguindo um aroma forte, entrou numa região diferente, de ar quente e cheiros novos.

O deslocamento a levava ao sul da França.

Sentindo-se exposta, escondeu-se na forma de mosca e alojou-se na folha-agulha de um pinheiro de Aleppo. Encontrava-se nas montanhas da Provença. Naquela época do ano — início do verão — o ar já estava seco e nublado. O calor evaporava das ardentes Gorges de la Nesque cortadas nas altas montanhas. Quase invisível, em meio aos elegantes pinheiros das encostas íngremes, Rachel encontrou um menino. Poderia ter quatro anos, talvez menos.

Num céu azul impecável, ele tinha criado um *arco-íris*.

Era uma torre acima das montanhas — listas violeta, vermelhas e amarelas, pingando como tinta na terra embaixo.

— *Plus grand, plus haut!* — ele gritava, rindo para o sol. Rachel traduziu o melhor que pôde no seu francês hesitante: “Maior! Mais alto!” Sentiu-se orgulhosa.

Aqui não há perigo, pensou. É só um menino aprendendo a usar sua magia recém-desperta.

Tornando a transformar-se em menina, aproximou-se, de braços abertos.

— Não tenha medo — disse. Ele recuou, surpreso.

— *Je suis Rachel. Qui es tu?*

O menino a olhou com atenção, depois soltou um xingamento, dando-se conta de que tinha esquecido o arco-íris. Apertando os olhos, olhou para cima e viu todas as cores sumirem. Esperneou, zangou-se, e desceu a montanha a correr, as sandálias batendo no chão duro.

Rachel considerou segui-lo — mas um cheiro mais forte já atraía sua atenção. Apressadamente tornou a mudar de forma. Desta vez, disfarçada de vespa, desceu em Dortmund, na Alemanha.

Ali, uma menina, tão nova que ainda usava fraldas volumosas, trepava numa macieira do jardim.

O espanto imobilizara a mãe da criança, perto. Do alto da árvore, o bebê abria os braços e chamava:

— *Bar! Bar!*

De início Rachel pensou que a menininha queria a mãe. Depois, viu o ursinho de pelúcia jogado no gramado. Rachel viu os olhos do ursinho — botões costurados — piscarem. De um pulo, este ergueu-se nas patas de feltro, pulou pela grama e subiu o tronco da árvore, enlaçando a menina com os braços felpudos.

Ambos, bebê e urso, viraram-se, ao mesmo tempo, para olhar a mãe.

Rachel sacudiu a cabeça, tentando dar sentido àquilo. Talvez não fosse tão estranho. Se criança nova fosse fazer experiências, não iria começar com os próprios brinquedos?

— Não há nada de sinistro acontecendo aqui — decidiu. — É só uma criança brincando.

Enquanto Rachel imaginava como consolar a mãe perturbada, um novo aroma a atingiu. Era diferente dos outros. Profundamente rico, vasto, como se um bando de crianças tivesse se reunido para produzi-lo. Pela primeira vez, Rachel sentiu-se realmente assustada. Poderia aquilo ser magia de uma *única* criança?

— Investigue! — aconselharam alguns de seus encantamentos.

— Fuja! — ordenaram outros.

Rachel se deslocou em direção ao aroma. Velozmente tornou a atravessar a França, contornando a Espanha e viajando rumo ao sul, até alcançar um novo continente: África.

O calor de tostar do deserto do Saara queimava embaixo. Numa velocidade tremenda, por sobre as dunas de areia, de repente tomou consciência de que seus

próprios dons, por si sós, jamais seriam capazes de deslocá-la naquele ritmo. Alguma outra coisa registrara a sua presença. Sabia que ela estava ali e a atraía para si, uma força colossal, incansável, puxando-a para seu próprio domínio.

Quando atingiu seu destino, Rachel se viu quase que arrebatada do céu.

Cambaleou, ofuscada, por um instante confusa demais para pensar em se ocultar.

Encontrava-se numa aldeia da Nigéria, junto a uma oca. Era feita de tijolos de barro misturados com palha e, à sombra de uma das paredes, estava sentado um bebê, no chão cozido. Cobriam-no lindas borboletas amarelas. Dúzias delas descansavam, contentes, sobre seus dedos, pés descalços, cabelo. Alojavam-se como jóias nos lóbulos das orelhas e pálpebras. A visão de tantos insetos poderia ser grotesca, mas Rachel instintivamente se deu conta de que eram comandados pelo menino. O bebê era a fonte de toda a espantosa magia que a carregara para lá. Assim que viu Rachel, o bebê sorriu. Um sorriso simples, genuíno — como são os sorrisos de boas-vindas das crianças.

— Yemi — ele disse, apontando com orgulho para si. — Yemi.

Rachel gritou de felicidade. Uma sensação surpreendente a tomou. Vinha de Yemi. Ele só conseguia falar algumas palavras. Seus encantamentos, porém, já conheciam um cumprimento pleno. A mágica fluía dele livremente, instintiva, generosa, grata por saber que não estava sozinha no mundo.

Sem pensar, Rachel correu, pegou Yemi nos braços e jogou-o no ar.

Por um momento, o bebê pairou acima da cabeça dela, sem cair. Chutando com os pés descalços, esforçou-se por se manter no ar. Quando caiu, foi do modo impotente como qualquer outro bebê cairia. Rachel o segurou e apertou-o junto a si, sussurrando seu nome nos ouvidos apinhados de borboletas. Ele soprou para cima dela as Belas de Camberwell que, como leques, vieram adornar seu cabelo, com graça amarela.

De repente, um barulho da choça fez Rachel virar-se.

Yemi riu abafado.

— Fola — anunciou.

Rachel viu uma menina dentro da oca, pendurada ao umbral. De cabelo trançado e sujo de farinha, olhava fixamente para Rachel, aparentemente temerosa.

— Oi — disse Rachel, retirando as cores dos encantamentos dos olhos, para evitar assustá-la. — Desculpe se a assustei. Você me viu chegar agora mesmo?

A menina teve dificuldade para entender a língua de Rachel. Finalmente,

concordou.

— Quem é você? — perguntou, com forte sotaque, em inglês. — O que quer conosco?

Falava suavemente, examinando com grande curiosidade as roupas, a pele e o cabelo de Rachel.

Outra voz, muito mais áspera, vinda do interior da oca, gritou uma coisa qualquer — e puxaram Fola pela gola. Ela resistiu, desejando, claramente, ficar com Rachel.

— É sua mãe, lá dentro? — perguntou Rachel. — Está com medo? Ela não precisa ter medo. Eu não farei mal a Yemi. Por favor, se...

A voz da casa trovejou ameaçadoramente.

— Você assusta Mama — disse Fola. — Sim, vocês dois. Você veio para levar Yemi?

— É claro que não — respondeu Rachel. — Você é irmã dele?

— Nós o escondemos com muita segurança — murmurou Fola. — Yemi não deve sair. Mama o guarda lá dentro, mas ele escapa.

Ela olhou para Rachel, investigando.

— Ele sabia que você ia vir, não sabia? Ela foi agarrada outra vez.

— Yemi, venha! — insistiu Fola.

Estendeu um braço, mas Yemi não quis deixar Rachel. Apertava-a e chutava a irmã.

— Não. Faça o que ela está pedindo — disse Rachel. — Eu vou voltar. Logo.

Sua magia enviou ondas de confiança através dele. Depois de um curto acesso de mau humor, Yemi deslizou, relutante, para o abraço de Fola.

— Ela não quer que você volte — Fola disse com tristeza. — Mama disse isso. Não volte. Deixe-nos em paz.

Mas deu um ligeiro sorriso para Rachel antes de levar Yemi para dentro. Fechada a porta, começou lá dentro uma briga dura. Rachel deslocou-se para longe da casa, ainda latejando com o prazer de apenas estar com Yemi. Por um tempo deslizou pelo céu alto pensando nele. Sua magia era tão apaixonada, tão alegre. Era ele único?

Antes de poder sequer começar a responder tais perguntas, outro rastro de magia demandou sua atenção. Desejava descansar, voltar para casa e discutir com

Morpeth o que tinha aprendido. Entretanto, não queria ignorar aroma tão forte — e, desta vez, familiar. Deslocou-se.

E desceu em Alexandria, no Egito.

No amplo cais onde o Nilo dá no Mediterrâneo, havia caos entre os pescadores. Eram homens duros, morenos, acostumados aos azares do mar, mas nada em suas bravas vidas os tinha preparado para aquilo.

Resvalando dos convés molhados dos barcos, os peixes apanhados naquele dia atacavam-nos.

8
O ANJO DE PEDRA



Rachel logo identificou a causa: num cais, próximo à margem, estava de pé um menino gordo de cabelo para cima.

— Paulo!

Ela deslocou-se para o lado dele.

— O que está fazendo? Pare! Desesperado, ele voltou-se para ela.

— Eu não con... consigo! Eu não ousar!

Tremendo, aparentemente lutando contra as próprias mãos — que dançavam no ar, seus dedos continuaram orquestrando as mordidas dos peixes.

— Afaste-se de mim! — implorou. — Eu seria capaz de... Não! Não!

De repente, puxou com toda a força os dois braços. Todos os peixes saltaram dos barcos — em cima de Rachel.

Ela apressadamente criou dois contra-encantamentos: um para desviar a maior parte dos peixes para a água e outro para livrá-los da fúria.

— O que está acontecendo? — perguntou Rachel. — Paulo, quem está obrigando você a fazer isto?

Antes de ele poder responder, Rachel sentiu que seu corpo foi arrancado para longe dali. Num instante, Paulo estava diante dela; no seguinte, tinha desaparecido. E, como antes, o rastro da magia sumira.

Os pescadores fizeram o sinal-da-cruz, observando Rachel dos barcos vazios.

Alguns dos peixes que chegaram perto dela abriam e fechavam as bocas e, no interior das mandíbulas macias, Rachel viu algo que reconheceu: dentes. Dentes curvos, triangulares e pretos — dentes de Bruxa.

Caiu de joelhos nas tábuas do cais, precisando tomar fôlego.

— Dragwena está morta — disse a si mesma. — Você sabe disso. Ela *está* morta.

Mas peixe algum na Terra jamais possuiu boca cheia de dentes curvos como aqueles. Os dentes triangulares e pretos só podiam significar uma coisa: outra Bruxa estava aqui.

As primeiras três crianças — deu-se conta — usavam a magia de maneira inofensiva. Já o padrão de Paulo era o mesmo que vira no caso do labrador — um uso deliberadamente cruel dos encantamentos. Mas agora tinha certeza: não era Paulo o responsável.

Tudo o que Rachel desejava era afastar-se dos peixes, que ainda se debatiam no cais. Deslocando-se rapidamente em direção à sua casa, a mais da metade do caminho de volta, novo cheiro a alcançou como um soco.

Vinha do lado oposto do mundo. Ela cambaleou no céu, querendo tanto ignorá-lo e voltar, mais que nunca preocupada com deixar Morpeth, Eric e mamãe sem proteção. Mas alguma coisa naquele cheiro não podia ser deixada de lado.

Acompanhando o rastro da mágica, Rachel fluiu rumo ao sul. Passou o Equador e aprofundou-se pelo hemisfério sul adentro, deixando lá atrás o calor do sol.

E pousou num cemitério chileno.

Era noite nesta parte do mundo — e inverno. Tinha recém-caído neve. Rachel apressadamente transformou-se no primeiro pássaro que associou com o clima frio — um pintarroxo — esperando se misturar à paisagem. Estufando as penas do peito, olhou em torno. O cemitério era enorme. Lápides abandonadas jaziam pelo chão; outras erguiam-se em ângulos estranhos, como se até mesmo as almas mortas embaixo tivessem tentado empurrá-las para abrir caminho a um lugar mais aconchegante. Uma lua meio cheia se agachava junto ao horizonte. Em toda a volta de Rachel concentrava-se, quase insuportável, o aroma de magia. Com certeza não era outra criança, pensou. Deve ser Bruxa. Uma armadilha?

Saltou cautelosamente em meio às lápides cobertas de limo. Nada se mexia no cemitério. Não havia gente cuidando nem andando entre o ermo de túmulos. Também não havia atalhos óbvios que indicassem os caminhos. Rachel voou nervosamente por entre umas poucas árvores dispersas. Os galhos pesavam com a neve, estalando debaixo de suas patas. Subitamente, ela desejou um sinal de vida humana — qualquer sinal — uma voz, ou até uma pegada, a indicar que pessoas queridas de fato visitavam aquele lugar. Não havia tais sinais reconfortantes. A neve abraçava a terra como se tivesse feito isso sempre, e a lua observava Rachel nos espaços entre os túmulos. Era tudo silêncio e gelo.

Eventualmente Rachel se viu atraída a uma bela e notável estátua no centro do cemitério.

Era um anjo de pedra.

Havia outros anjos aqui e ali, mas este anjo em particular era diferente. Parecia novo — recém-feito — e o trabalho da escultura era tão fino que as linhas suaves do rosto pareciam praticamente humanas. Curiosa, Rachel voou com cautela em sua direção.

A estátua era de um anjo mulher — uma menina — ajoelhada exatamente como uma menina viva se ajoelharia no chão. Rachel notou, então, que ela não tinha asas. E, no lugar de mãos postas em sinal de oração, aquela menina de pedra estava de braços cruzados.

A figura dava a impressão, segundo Rachel pensou, de estar entediada.

Ela deu uma olhada à sua volta. Não havia crianças ali, ou Bruxas, nada óbvio que temer; só havia uma grande mágica, centrada na estátua incomum. Rachel sacudiu a forma de pintarroxo, deslocou-se até ficar a poucos centímetros do rosto da estátua e estendeu a mão.

— Não me toque — sussurrou o anjo.

Rachel ficou gelada — e viu as pestanas de pedra abrirem-se lentamente. O restante do rosto da menina permaneceu fixo. Por um instante as duas meninas simplesmente se olharam: pedra diante de carne. Então, Rachel sentiu uma coisa qualquer testando sua mente. Um cumprimento, boas-vindas como de Yemi? Não, ela se deu conta. Era infinitamente mais sinistro — um encantamento de medição, tentando avaliar a força de sua magia. Rachel o repeliu — e viu a menina arregalar os olhos.

— Como você fez isso? — a menina perguntou, tentando ocultar a surpresa.

Sua voz era monocórdia — brusca, nada amigável — e não temia os dons mágicos de Rachel.

— Conte-me como bloqueou meu encantamento — insistiu. — Diga, desembuche.

— E se eu recusar?

— Eu vou machucar você. É sério.

A menina acompanhava de perto a reação de Rachel.

— Me machucar? — Rachel tentou demonstrar indiferença. — Por que você haveria de fazê-lo?

— Você poderia *me* atacar, por isso.

— Eu nem sei quem você é.

— Prática no alvo, talvez — disse a menina, dando de ombros. — Não se pode ter cuidado demais. Você é forte, como eu, dá para ver. Já experimentou seus encantamentos em outras crianças? Sabe, já fez experiências com elas?

— Experiências? — Rachel sentiu o coração disparar.

— Ai, não seja do contra — suspirou a menina. — Não me diga que você é melindrosa quando se trata de outras crianças. Que *boa* menina você deve ser. Que desapontador!

Dissolvendo seu corpo de pedra, ela se levantou, girando na neve, aparentemente querendo se mostrar.

Rachel agora podia dizer que elas eram mais ou menos da mesma idade e altura. Em todos os outros aspectos eram diferentes. De complexão pálida e angular, os dedos e punhos finos da menina saíam do pulôver cinza. Seu cabelo fino era perfeitamente branco — quase transparente — e caía, liso, por sobre seus ombros estreitos. As sobrancelhas brancas, quase sem cabelo, brilhavam à luz da lua. Mas o traço mais espantoso da menina eram os seus olhos. Eram de um azul lavado, de cor mais clara do que todos os que Rachel havia visto.

— Eu sou Heiki — apresentou-se a menina. — O que você acha de mim, Rachel?

Rachel espantou-se.

— Como você sabe meu nome?

— Um segredo. Está com medo?

— Você espera que eu esteja com medo?

— É claro — disse Heiki. — As outras crianças ficaram com medo.

— Você fez mal a elas?

— A algumas. Ela riu.

— Não muito. A maioria das crianças é patética, não vale a pena. Você é como elas, Rachel? Ou tem capacidade para lutar?

Rachel fez uma pausa. O que deveria achar daquela menina? Seu sotaque era estranho, não inglês, embora falasse fluentemente.

— De onde você é, Heiki?

— Não importa. Você nem sequer aprendeu isso ainda? Nós já não pertencemos mais a lugar nenhum, Rachel. Especiais como somos podemos ir onde quisermos. E podemos fazer o que quisermos. Você já usou a sua magia contra algum adulto?

— E você? — eriçou-se Rachel.

— Melhorou! Zangue-se! — sorriu Heiki, afetada. — Você soa mais interessante quando fala com raiva. Continue. Solte uns grunhidos. Grrr. Eu prefiro você mais malvada.

— Você machucou algum adulto? — perguntou Rachel. Heiki não respondeu, mas ampliou o sorriso — e

Rachel, de repente, tomou consciência de que havia uma terceira presença com elas no cemitério. Estava ao lado de Heiki, observando Rachel. Rachel não podia vê-la, mas sentiu-a observando-a, casual, e logo reconheceu o padrão — de seu tempo com Dragwena — de uma Bruxa. Rachel deu um passo atrás, tentando controlar o tremor. Heiki sabia, ou estava sendo secretamente seguida?

— Quem disse a você que as outras crianças são patéticas? Uma Bruxa?

A voz de Heiki faltou.

— Como assim...?

— Acho que você sabe muito bem — disse Rachel. — Uma criatura com quatro conjuntos de dentes pretos e uma cobra.

Ela se obrigou a olhar para o espaço vazio à direita de Heiki.

— Elas são feias. É bem fácil localizá-las. Analisando a expressão contida de Heiki, deu-se conta, horrorizada, de que Heiki *reconheceu* a descrição. Heiki e a Bruxa estavam trabalhando juntas.

— Fuja! Fuja! — gritaram os encantamentos de Rachel.

— Quantas Bruxas estão aí? — perguntou Rachel, incapaz de impedir um tremular na voz.

Já não conseguia suportar olhar para o espaço ao lado de Heiki. Saltando para trás, berrou:

— Mostre-se! Heiki sorriu.

— O que é, Rachel? Está com medo de umas sepulturas?

— Acho melhor você me dizer o que sabe — falou Rachel, obrigando-se a dar um passo à frente e aproximar-se o bastante para agarrar o braço de Heiki. — De onde você é? Seja o que for, não é desta parte do mundo. Está muito longe de casa, não está? Muito longe da segurança. É melhor me contar tudo.

— E se eu não contar?

— Eu vou obrigar a história a sair de você.

— Vá em frente — gritou Heiki, com a cara excitada. — Simplesmente tente.

Rachel lançou um encantamento de paralisia. Sem ferir Heiki, ele desarmou suas defesas e imobilizou seu corpo, permitindo que apenas os lábios e laringe se movessem.

— Conte! — pressionou Rachel, tentando desesperadamente ignorar a presença da Bruxa.

— O que está fazendo? — A menina soltou um grito agudo e usou os próprios encantamentos tentando arrancar.

Naquele momento, Rachel sentiu as grandes habilidades de Heiki. Felizmente, até ali, ela só era capaz de controlar sua magia parcialmente.

— Conte-me quantas Bruxas estão aí — pressionou Rachel. — E onde elas estão.

— Você não vai forçar nada a sair de mim!

Rachel mandou um encantamento de informação para dentro do ouvido da menina, buscando acesso às memórias dela.

Heiki começou a tremer.

— O que há de errado? — perguntou Rachel, alarmada. — O encantamento de informação não poderia tê-la machucado.

— Não! Por favor — guinchou Heiki.

— Eu não estou... — Rachel começou a dizer.

Mas aí se deu conta de que Heiki não estava falando com ela. Estava se comunicando com a Bruxa.

— Não, não faça isso! — implorou Heiki. — Ainda não! Deixe-me lutar contra ela. Eu sou capaz de enfrentá-la sozinha. Eu não preciso da sua ajuda. Deixe-me...

De súbito Rachel estava agarrando o nada. Com um grunhido final de consternação, a voz de Heiki foi sumindo, deixando apenas as sepulturas desertas. Durante alguns minutos Rachel ficou ali de pé sozinha, sentindo a neve pousar e se derreter em sua pele quente.

De repente, uma nova voz respirou em seu ouvido.

— Oi — ela disse. — Eu sou Calen.

Rachel não conseguia ver rosto algum, mas a respiração movia os flocos de neve acima de sua cabeça.

— Eu sou a coisa que mais lhe dá medo, criança — disse a voz. — Você está preparada para o que virá a acontecer?

Rachel não conseguia se mexer nem respirar.

— Pratique sua magia, menina — disse a voz. — Da próxima vez que você se encontrar com Heiki ela não vai solicitar a minha ajuda.

A voz se apagou na brisa, mas Calen deixou um sinal — neve; não a neve branca, mas neve cinza, caindo com gosto sobre Rachel e os túmulos dos mortos.

9

BRINCADEIRAS SEM LIMITE



Do cemitério, Rachel deslocou-se freneticamente para casa. Quando chegou ao jardim, Eric, Morpeth e mamãe correram em sua direção.

— Qual o problema? — gritou mamãe, ao ver a expressão cansada de Rachel. — O que aconteceu?

Ela segurou Rachel apertado, sentindo-a tremer.

— Ai, até que enfim você está a salvo... Rachel piscou, tentando se controlar.

— Quanto tempo fiquei longe?

— Horas — disse Eric. — O que encontrou? Mais meninos que odeiam cachorros?

— Pior que isso — murmurou ela.

Morpeth segurou seu longo cabelo preto. Uns poucos flocos de neve cinza que não tinham derretido na viagem fluíram feito óleo de encontro a seus dedos.

— Ai, não... — sussurrou ele. — Por favor, me diga que estou errado.

Rachel recostou-se no ombro de mamãe — e contou tudo a eles.

Quando Rachel terminou, mamãe há muito os tinha arrastado para dentro de casa e fechado as janelas. Ela sentou-se perto de Rachel na sala, segurando-a na

semi-escuridão, e ninguém falou por um tempo.

Afinal Eric perguntou a Rachel:

— Você acha que a Bruxa e essa menina, Heiki, poderão vir para buscar você, então?

— Sim, acho.

— Logo?

— Provavelmente.

— Hoje à noite?

— Ou antes. Não tenho idéia de quando.

Rachel olhou para a parede, as cores dos olhos de um cinza desencantado salpicado de preto.

Morpeth imediatamente colocou os prapsis de sentinela. Diante do humor sombrio de Eric, estes levaram a tarefa a sério, voando rapidamente entre os cantos de luz que penetrava através das janelas do andar de baixo.

— Esses dois não vão impedir a entrada de uma Bruxa — afirmou mamãe — ou dessa horrível Heiki.

— Mas vão tentar — respondeu Eric. — E também vão logo nos avisar, não vão, meninos?

Ambos os prapsis menearam as cabeças enquanto voavam para inspecionar uma rachadura no teto. Olharam-na com grande suspeita.

Morpeth coçou o queixo.

— Quando Paulo e Heiki foram subitamente levados — ele perguntou a Rachel —, você notou o mesmo padrão de magia nas duas vezes, o padrão de Calen?

— Sim.

Ela ergueu a vista esperançosa.

— Suponho que isso signifique bom sinal. Talvez Calen seja a única Bruxa.

— Uma já chega — disse Morpeth. — Mas não podemos assegurar que haja apenas uma Bruxa solitária. A questão que interessa é por que Bruxa, ainda que só uma?

E se inclinou na direção de Rachel.

— Calen isolou você, revelou o nome dela, deliberadamente tentando amedrontar. Estou a imaginar por que faria isso, a não ser que...

— A não ser que *saiba* o que aconteceu com Dragwena em Ithrea — ponderou Rachel, entorpecida. — A não ser que Calen queira vingança.

Sentiu um aperto na garganta.

— E essa estranha menina nova, Heiki... Aposto que está sendo treinada para lutar comigo. Senão, por que Calen simplesmente não me matou no cemitério? Teria sido bastante fácil.

Mamãe segurou Rachel com força, em vão buscando palavras para confortá-la.

— Nós vamos proteger você de todas as maneiras — disse Morpeth, aproximando-se de Rachel no sofá. — Para tanto, eu gostaria de saber mais sobre o que Calen está tramando. Ambos, Paulo e Heiki, parecem estar sob instruções pessoais dela. Por quê? Estarão sendo treinados para atacar você juntos? Ou Calen escolhe a dedo crianças talentosas por alguma outra razão?

— Aposto que essa nova Bruxa é exatamente como Dragwena, ou pior — falou Eric.

E, com súbito ardor, acrescentou.

— Onde está Larpskendya? Prometeu que estaria aqui, por nós. Ele prometeu!

— Eu não sei — disse Rachel, ausente. — Eu não parei de chamá-lo. Ele não responde.

— Larpskendya não nos abandonaria — disse Morpeth com firmeza. — Mas por agora temos que encontrar uma maneira de sobreviver sem os Magos. Tem de haver uma maneira de contra-atacar.

E, atentamente observado pelos prapsis, andou para lá e para cá pela sala.

— Se pudéssemos escutar Calen quando interage com crianças, seríamos capazes de compreender isto melhor. Paulo ainda está tentando resistir, todos vimos isso. Calen ainda não o dobrou.

— Talvez seja duro — disse Eric.

— Se Calen é como Dragwena, não importa o quanto Paulo é duro — respondeu Morpeth. — Não conseguirá resistir por muito tempo. Precisamos ajudá-lo e as crianças como ele, depressa.

— Não será fácil encontrar crianças como ele — disse Rachel. — As realmente dotadas estão dispersas pelo mundo.

Eric riu asperamente.

— Vamos encontrá-las sim. Amanhã acabam as férias de verão, lembre-se. Quaisquer crianças treinadas pelas Bruxas mal poderão esperar!

— Para quê? — perguntou Morpeth.

— Para entrar nas salas de aula, é claro — disse Eric. — Aposto que qualquer criança treinada por Calen está louca para usar magia com os professores!

Antes de irem para a cama, aquela noite, Eric deu aos prapsis ordens estritas para ficarem de vigília em todas as janelas e portas.

— Não poderão estar em todos os lugares ao mesmo tempo — argumentou Rachel.

— Ah, não? Esqueceu como eram rápidos em Ithrea?

Ele estalou os dedos. Instantaneamente, feito relâmpago, os prapsis entraram pelas portas abertas da casa. Moviam-se a grande velocidade, tanta que Rachel entendeu que deviam estar em outro cômodo um momento depois de deixarem o último.

Eric dormiu com dificuldade no sofá. Rachel, Morpeth e mamãe não dormiram. Passaram toda a noite juntos, amontoados nas almofadas no escuro da sala de estar, planejando e observando: observando as janelas escuras, à espera de um ataque. Não houve ataque algum. Quando chegou a aurora, o sol surgiu animador como de hábito, como se nada estivesse errado no mundo.

Mamãe fez sem ruído um café-da-manhã de torrada e ovos, que eles comeram praticamente em silêncio. Mamãe estava perturbada demais para notar os prapsis chupando molho de tomate do prato de Eric.

— Mudei de idéia — ela explodiu repentinamente. — Não importa o que eu tenha dito ontem à noite. Vocês não vão sair de casa. Nenhum de vocês. Eu devia estar maluca quando pensei em deixar vocês saírem.

Rachel sentou-se perto dela.

— Mamãe, você concordou. Estarei com Eric e com Morpeth dessa vez. Nós só vamos ficar nos bastidores, e descobrir o que pudermos. Só isso.

— Mas você não tem idéia do que pode estar aí fora! Eu sou sua mãe — ela disse apenas, as lágrimas correndo. — Como vou deixar você sair por essa porta? Como vou fazer isso? Não posso.

Morpeth disse a ela delicadamente:

— Todas as opções agora são difíceis, mas sabemos que com certeza há uma Bruxa aí fora. Se esperarmos timidamente dentro destas quatro paredes, Rachel e Eric serão alvos fáceis.

Ele viu mamãe tentando formular uma objeção, e disse, com dificuldade:

— Calen indicou claramente suas intenções no cemitério. Em Ithrea o medo impedia a maioria das crianças de agir contra a Bruxa. Deixe-me dizer-lhe: Dragwena não tinha mais misericórdia para com elas em função disso. Na verdade, desprezava sua fraqueza e as matava mais cedo.

Mamãe afundou o rosto no colo de Rachel, e Rachel fez um sinal silencioso para que deixassem as duas a sós um tempo. Morpeth e Eric subiram e fizeram os preparativos finais para partirem.

— Não podemos levar os prapsis — disse Morpeth. — São ruidosos demais. Jamais os calaremos.

— Sim, está bem — resmungou Eric. — Eu sei. Se um gato boceja eles piram.

Conduzindo os prapsis de volta a seu quarto de dormir, sussurrou umas palavras de estímulo. Assim que se deram conta de terem sido trancadas, ambas as crianças-aves desamparadamente puseram-se a bater com as patas na porta.

Tornando a descer, Morpeth e Eric encontraram Rachel ainda meio abraçada à mamãe.

— Vamos — disse Rachel, libertando-se com dificuldade. — Mamãe concordou com nos deixar sair se ela vier junto.

— Não — disse Morpeth. — Isso seria um erro. Ele enfrentou o olhar atacado de mamãe.

— Rachel terá muito com que se preocupar. Se ainda tiver que protegê-la, será uma preocupação a mais, uma distração a mais. Se Calen é como Dragwena, é provável que tente machucá-la simplesmente para atingir Rachel.

Fazendo uma pausa, virou-se para Rachel.

— O mesmo em relação a seu pai. Agora que conhecemos alguma coisa sobre os propósitos de Calen, ele também deve ser mantido o mais distante possível.

— Tarde demais — disse mamãe. — Telefonei para ele ontem. Já está a caminho de volta.

Morpeth suspirou.

— Eu sei o quanto isto é difícil — implorou a ela —, mas ele não deve vir para casa. Diga-lhe que vá para um lugar que você não conheça, nem Rachel, nem Eric... um lugar jamais mencionado nesta casa.

Mamãe olhava furiosa para Morpeth.

— Se nós representamos tamanho risco para Rachel, e você? Você agora é somente um homem comum. Sem mágica, não está jogando com a vida de Rachel acompanhando-a?

Morpeth nada disse sobre isso, e foi Rachel quem falou.

— Mamãe, eu preciso de Morpeth comigo. Eu preciso dele.

Ela encontrou o olhar intenso de mamãe.

— Morpeth cuidou de si mesmo em Ithrea, e de mim e de Eric. Se você estiver comigo, eu vou simplesmente ficar preocupada. O tempo todo.

Mamãe lentamente fez que sim, e os quatro atravessaram o saguão. Por um instante, mamãe ficou de pé parcialmente bloqueando a porta da frente. Afinal, todo o seu corpo pareceu se curvar e ela abraçou cada um de uma vez, dizendo umas palavras que eles mal conseguiram ouvir em meio aos soluços. Em seguida, abriu a porta, as mãos se demoraram nas cabeças dos filhos, quando passavam por ela.

— Feche, mamãe — disse Rachel baixinho.

Mamãe não fechou a porta. Simplesmente ficou onde estava, agarrada ao umbral como se mantendo a porta aberta e mantendo o olhar sobre as crianças pudesse preservá-las em segurança.

— Eu *vou* protegê-los — prometeu Morpeth, ele mesmo empurrando e fechando a porta.

Rachel olhou ansiosamente em volta. Do lado de fora da casa um carro de leite rodava rua acima, acompanhado por um cachorro vadio. Ainda estava muito cedo para as crianças irem para a escola.

Os três arrastaram-se timidamente pelo caminho até o portão, esquadrinhando o pálido céu nublado.

— Parece seguro — disse Morpeth. — Consegue detectar alguma mágica, Rachel?

— Não — ela disse. — Mas não quero que fiquemos aqui de pé como bobos. Preparem-se.

Morpeth apertou os olhos até doer. Eric fez careta.

Como combinado na noite anterior, Rachel transformou todos os três em pardais comuns. Tinha aprendido a usar encantamentos de transformação em Ithrea, mas a coisa era complexa e exigia toda a sua concentração. Ela os deslocou para um ponto alto, acima da casa. Morpeth parecia desconfortável e quase trombou numa árvore. Eric, por outro lado, voava velozmente, com a facilidade de quem sempre desse uma voada por ali depois do café-da-manhã.

— Vamos — disse Rachel. — Não posso manter os três escondidos assim por muito tempo. Precisamos andar depressa.

Ela os conduziu por sobre as ruas próximas. Voavam baixo, próximos ao chão, mais depressa que qualquer pássaro, embora não tão depressa que Rachel pudesse perder quaisquer aromas que denunciassem magia. Suas abas de cheirar balançavam delicadamente nos ventos ligeiros dos dois lados do bico.

— Ih, que estranho! — disse Eric, observando as abas tremerem.

E espiou debaixo da asa.

— Que escola deveríamos tentar em primeiro lugar? A nossa?

— Não, mais adiante — ela disse. — Por aqui não há nada.

Desceram rapidamente através da cidade, rodeando diversas escolas infantis e juvenis. O dia de aula estava começando naquela hora, com crianças sendo chamadas dos pátios de recreio para se reunir ou para as primeiras aulas. Rachel não detectou nada de incomum, de modo que foram procurar em outras cidades.

Eric pôs-se a trinar, um chilro bizarro que nenhum pardal jamais tinha feito.

— Fique perto de mim — disse Rachel. — Achei uma coisa.

Rastreando um estilo de magia familiar por mais de oitenta quilômetros, ela os deslocou naquela direção. Eric fechou o bico quando sobrevoaram um ginásio grande, de quatro andares. Seus edifícios de tijolo vermelho pareciam silenciosos e em ordem. Baixando mais, Rachel nivelou-se às janelas do terceiro andar.

Eric trombou na asa dela.

— O que é?

Dentro de uma sala de aula todas as crianças estavam sentadas, atentas.

— Não estou vendo nada estranho aqui — disse Morpeth.

— Verifique outra vez — Rachel disse a ele. Voando mais perto, Morpeth se deu conta de que reconheceu um dos alunos.

— Paulo!

Morpeth firmou os agudos olhos de ave. Paulo e o resto da turma estavam de frente para a professora. A própria professora, de pé, rígida, se encontrava de costas para os alunos. Num quadro branco ela tinha desenhado um retrato detalhado de si mesma dos pés à cabeça. Numa das mãos, segurava tensamente uma caneta; os dedos estavam brancos com a firmeza da pegada. Na outra mão, segurava um apagador, suspenso para ser usado. Atrás, sobre a escrivaninha, a professora tinha colocado seus sapatos. Junto aos sapatos estavam também seu pulôver, dobrado

cuidadosamente, diversos grampos de cabelo, uma pulseira, brincos e um lenço de pescoço.

Morpeth olhou para o desenho que a professora tinha feito de si mesma. Os brincos e outros itens sobre a mesa tinham sido apagados do desenho, toscamente removidos.

— O que está acontecendo? — sussurrou Eric.

— Vamos ver.

Rachel usou um encantamento para se deslocar às escondidas através do vidro e carregá-los aos fundos da sala de aula.

— Resposta errada outra vez, senhorita — eles ouviram Paulo dizer. — A senhora diz que é professora de matemática? Sem dúvida é capaz de coisa melhor que isso.

Ele piscou o olho para alguns amigos.

— O que vamos remover agora, hein?

Todos os estudantes estavam observando a professora com uma mistura de horror e fascinação. A maioria, de boca aberta, incerta do que pensar ou fazer. Uns poucos, dos mais corajosos, interromperam Paulo.

— Não — disse uma menina na frente da sala. — Já chega, Paulo.

— Não, ainda não — murmurou ele, defendendo-se. — Qual o problema? É só uma diversãozinha. Não vou machucá-la.

Olhou para a professora.

— Agora, os óculos, senhorita, por favor.

Tremendo ligeiramente, a professora apagou os óculos no quadro branco. Aí, com um floreio, tirou os óculos de verdade, colocando-os na escrivaninha junto com os outros objetos.

— Você vai permitir que ele faça isso, Rach? — grunhiu Eric. — Não fique aí sentada! Faça alguma coisa, senão eu vou fazer!

— Espere — disse Morpeth.

— Esperar o quê? — perguntou Eric, zangado.

— Por coisa pior que está por vir. Rachel, você está detectando uma Bruxa?

Ela fez que sim, sombriamente.

— É Calen, mantendo-se fora de vista.

— Fiquem calmos, vocês dois — aconselhou Morpeth.

— Ficar calmo? — protestou Eric. — O que Paulo está fazendo com aquela professora?

— Está apenas arranhando a dignidade dela — disse Morpeth. — Duvido que Calen se satisfaça com isso. Continue observando.

Paulo acomodou-se de volta na cadeira.

— Tente este, senhorita. Quarenta e sete vezes trezentos e cinquenta e cinco. Não é tão difícil.

— Eu não... tenho certeza — disse ela, sempre de frente para o quadro. — Paulo, por favor, não me force a fazer isto. Eu...

— Só responda a pergunta — determinou Paulo, a voz tremulando ligeiramente.

Os outros alunos estavam em silêncio. Olhavam, nervosos, para a professora.

— É... É... dezessete mil seiscentos e quarenta e dois. Ela se retraiu, dando-se conta de que a resposta estava errada.

Paulo parecia sem jeito. Olhou para os colegas em busca de apoio, mas não recebeu. No silêncio, ouvia-se a professora soluçando baixinho.

— Ei, tudo bem, entendi o recado — disse Paulo, consciente do que estava fazendo e querendo se livrar dos olhares acusadores dos colegas. — Então vou parar.

O braço da professora, ainda segurando o apagador, caiu ao lado.

De súbito, voltou a se erguer rapidamente. Num frenesi, bateu com o apagador no quadro e apagou todo o seu corpo.

Paulo, pela primeira vez ele próprio parecendo assustado, olhou em torno da sala de aula, hesitando.

— Não, Calen — disse ele. — Isso não tem graça nenhuma. Uma voz gelada trovejou, explodindo em todas as direções da sala.

— É mesmo? Eu acho que tem. Continue a brincadeira. Paulo sacudiu a cabeça.

— Não. Para mim chega, Calen. De verdade, eu...

— Chega? — riu a voz.

Os óculos, os sapatos e os outros objetos de cima da escrivaninha foram lançados de encontro às paredes.

— Você acha que *isto* basta?

Subitamente, uma cobra amarela grossa enrolou-se em torno da cintura da professora. Ela tentou se esquivar, mas não tinha controle sobre o próprio corpo.

— O que está esperando? — enraiveceu-se Eric.

E Rachel também olhou, incerta, para Morpeth.

— Não perca a calma — ponderou Morpeth. — Isso é só para assustar. A Bruxa quer que Paulo continue. Prepare-se para só intervir se tivermos que intervir.

Paulo olhava incrédulo para a cobra.

— Ei, o que está acontecendo, Calen? Isto não fazia parte da brincadeira que combinamos fazer.

— Você parou de brincar — disse a voz. — Portanto, eu mudei as regras.

A cobra subiu pelas costas da professora. Deslizou pescoço abaixo e desceu pelo peito e pelas pernas. Ao tocar o chão, inflou o corpo à moda das cobras, erguendo completamente sua amarelidão esguia — e olhou diretamente para Paulo.

— Continue a brincadeira — sibilou a cobra, macia.

— Não — objetou Paulo. — Você disse que eu podia fazer o que eu quisesse. Isto é só castigo. Quero parar.

— Mas *eu* não quero que você pare — disse a cobra. — E isto não é castigo, Paulo. O castigo de verdade é o medo, levado ao máximo grau. Leve a professora a esse lugar.

A cobra moveu-se lentamente até sua cabeça se posicionar a poucos centímetros do nariz de Paulo.

— Você escutou? Ou estou perdendo meu tempo com você? Talvez eu devesse castigar você, em vez disso!

— Não, por favor — implorou Paulo. — Por favor, não. Farei qualquer coisa que você quiser.

— Fará?

A cobra sussurrou uma ordem.

— Não vou fazer isso — choramingou ele. — Não, não posso. Não me force.

— Você quer fazer — disse a cobra, sedutora. — Você me disse que não gosta dessa professora. Agora me *mostre* o quanto!

Paulo recuou para longe da cobra. Ela o seguiu até o fundo da sala de aula, para perto de onde Rachel, Eric e Morpeth estavam escondidos.

— Não me faça perder tempo. — A cobra insistiu com ele. — Simplesmente faça o que eu estou pedindo!

A voz dela tornou-se impaciente.

— Por que você não é capaz de apreciar isto? O que é que o impede? Você tem um adulto inútil à sua mercê. Não hesite, Paulo. Você quase terminou. Só mais um pequeno passo. É tão fácil.

— Eu... não posso — disse Paulo, a expressão agoniada. Mal conseguia ficar de cabeça erguida.

— É o que... Eu não estou...

E começou a chorar, sem se importar com o que pensassem os colegas de turma.

— Pare com isso! — enraiveceu-se a cobra.

Paulo não conseguia esconder as lágrimas. Elas pulavam para fora dele.

— Seu inútil!

Um tremor perpassou as curvas da cobra. No momento seguinte, Calen, erguendo-se mais de três metros de altura, supervisionou a sala de aula com desdém. Nylo deslizou num espiral amarelo fechado em torno de seu pescoço. As crianças ficaram em diversas posições, incapazes de se mexer. Calen as ignorou, andando zangada pela sala, derrubando carteiras e cadeiras vazias. Lançou-se sobre a professora, soltando os encantamentos que a obrigavam a ficar olhando para o quadro. Tremendo descontroladamente, a professora virou-se. Quando viu Calen, suas pernas entraram em colapso. Divertida, Calen esperou a professora erguer-se de novo na cadeira.

— Eu a desprezo — disse Calen. — Você só ensinou essas crianças a respeitarem a fraqueza.

Sem equilíbrio, a professora sentou-se. Durante uns poucos segundos apenas, olhou aterrorizada para a criatura, em cima. Então, reunindo sua máxima coragem, pôs as pontas dos dedos sobre a escrivaninha para limitar o tremor e olhou diretamente nos olhos tatuados de Calen.

— Saia. Ninguém a quer aqui.

Calen avaliou-a. Foi até o quadro branco e nele arrastou as garras, rasgando em frangalhos a superfície.

— Sabe o que eu poderia fazer com você?

— Já vi o bastante para adivinhar — disse a professora. Sua blusa estava amarrotada, os olhos ainda vermelhos das lágrimas, mas a voz se manteve firme.

— Paulo não quer obedecê-la. Nem as outras crianças aqui, não voluntariamente. Seja você o que for, volte para o lugar de onde veio.

Frustrada, Calen deu um soco com a garra na parede.

— É o que eu mais desejo! Olhou, zangada, para Paulo.

— Mas, primeiro este aqui tem de aprender a fazer o *que* lhe mandam, *quando* lhe mandam, sem discutir.

Ela girou de volta para a professora.

— Está na hora de ensinar a toda a sua preciosa turma um novo tipo de lição.

— O que vai fazer?

— Nada complicado — disse Calen. — As crianças só entendem ameaças simples. Levante-se.

A professora não tinha magia com que combatê-la. Logo se levantou.

— Ande até à janela — ordenou a Bruxa.

Sem hesitação, a professora puxou a cadeira para trás e caminhou em direção à vidraça.

— Deixe-a em paz, Calen! — avisou Paulo.

— Ah, um desafio! — gritou ela. — Até que enfim! Impeça-me, então, se for capaz.

Para a professora, ela disse:

— Abra a janela e fique na borda.

A professora obedeceu. Liberando as trancas, ela escancarou a janela, olhando fixamente o pátio da escola, que ficava abaixo, a mais de dezoito metros.

— O que você está esperando? — Calen perguntou à professora.

A bruxa acenou impacientemente com uma das garras.

— Eu não quero mais a sua presença nessa sala de aula.

— Não, professora! — Paulo deu um salto para a frente. — Saia da janela!

Fechando os olhos, ele usou um encantamento para fechar a janela com força.

— Bom — disse Calen. — Resista a mim. E assim que devo lhe ensinar? Arrastando-o por cada etapa do caminho? Muito bem. Venha competir com meus encantamentos.

A professora, com um grito sufocado, abriu a janela novamente. Ela pisou na estreita borda.

— Rachel! — explodiu Eric. — O que você está fazendo? Temos que ajudá-la.

— Prepare-se — disse Morpeth.

A professora dobrou os joelhos e inclinou-se para a frente, na ponta dos pés, pronta para se atirar.

— Pule — disse a Bruxa.

— Não! — berrou Paulo, agarrando a professora pelas pernas.

Ele a alcançou a tempo, mas a professora, com lágrimas nos olhos, chutou-o. E pulou.

Quando a professora sumiu de vista, as crianças fecharam os olhos, esperando o ruído do impacto. Como não houve, algumas das que se encontravam mais distantes de Calen viraram os pescoços para olhar pela janela.

E a professora olhava para elas. Sã e salva. De pé no pátio, apalpando, trêmula, seus braços e pernas, incapaz de acreditar que não tinham sido pulverizados.

Paulo piscou os olhos num torpor.

— Eu tentei... será... será que eu fiz isso?

— Não — disse Calen, com desprezo. — Seria esperar demais.

Ela sacudiu o encantamento que ocultava Rachel, Eric e Morpeth.

Eric não pensou. Simplesmente correu pelas carteiras de crianças atônitas e pulou nas costas de Calen, socando sua cara repetidamente. Calen nem se preocupou com se defender dos golpes. Em vez disso, permitiu que Eric atacasse diversas vezes seu nariz cortado e as bordas dos olhos ossudas, interessada em qual poderia ser a sensação dos socos. Finalmente, como se ele fosse um inseto um tanto irritante, ela empurrou Eric para o lado — mas delicadamente.

Paulo estava confuso.

— Quem tinha salvado a professora? Ele?

— Em parte. O resto foi a menina que fez.

O olhar de Calen lentamente absorveu Rachel inteira.

— Você ajudou a destruir a minha irmã — ela disse. — É difícil eu me controlar para não matá-la.

O corpo de Calen tremia — embora não de medo. Todo mundo na sala de aula podia ver que tremia no esforço de *não* lutar — de refrear o instinto profundo de Calen para esmagar Rachel de uma vez. Seu corpo instintivamente se preparou para o combate. O sangue fluiu para a pele, clareando sua cara vermelha. As garras ficaram mais compridas. Os ligamentos de seus braços e pernas incharam e endureceram-se. Os olhos, a única parte vulnerável da cabeça de Calen, tornaram-se uma espécie de fenda, recuando para dentro de suas cobertas de osso. E as quatro bocas escancararam-se, os dentes pretos ardendo por provar a carne de Rachel.

Mas ela se controlou.

— Quantos vocês são? — perguntou Morpeth. — Quantas Bruxas?

— Uma é demais para vocês — riu Calen. Ela olhou fixamente para Rachel.

— Desta vez não tem Mago para vir em seu auxílio, criança. E enquanto você perdia tempo por aqui, seu amigo bebê encontrou um novo lar.

Passando os ombros largos através da moldura da janela, desapareceu, levando Paulo consigo.

— Yemi — murmurou Rachel.

Deixando Eric e Morpeth na sala de aula, ela deslocou-se em grandes saltos até à casa dele. Chegou e, sem fôlego, olhou por uma das janelas quadradas abertas da oca. Metade do cômodo se encontrava em total escuridão. Soluços vinham do escuro, de uma figura no chão. Na parte da casa iluminada pelo sol estava sentada Fola, o braço estendido para confortar a figura.

— Ele foi — Fola disse a Rachel. — Foi levado. Por isto.

Fola mostrou os dentes e tentou uma maneira de tornar claro o que queria dizer. Finalmente, pôs os dois punhos de encontro às bochechas, apontou os dentes para fora e os bateu.

Rachel imediatamente soltou seus encantamentos de informação, buscando o aroma distinto de Yemi, Calen ou alguma coisa que pudesse representar uma Bruxa. Nada encontrou. Deslocando-se precipitadamente, correu a metade do mundo até se dar conta de algo ainda mais sinistro: o aroma de Yemi não era o único que estava faltando. Não havia vestígio de magia em parte alguma.

Todas as crianças com magia mais forte tinham sido abduzidas.

10
A MELHOR CRIANÇA



De atalhos e estradas, dos umbrais de suas casas, de suas camas e de todos os lugares do mundo em que moravam crianças, as Bruxas as roubaram. Cada continente contribuiu com seu número. As Bruxas carregavam algumas das crianças diretamente nos braços musculosos; outras, capazes de aprender rapidamente um vôo rudimentar, voavam ao lado de suas Bruxas, a imaginar para onde estavam sendo levadas. As crianças menores, quando olhavam para a Bruxa durante a viagem, só viam uma outra jovem, mas mais selvagem e de espírito mais livre do que as outras crianças que conheciam — e mais convincente. As crianças mais velhas raramente eram tratadas com tanta delicadeza. As Bruxas não se incomodavam de ocultar sua verdadeira aparência, e essas crianças, ou se mantinham firmes ou, aterrorizadas, eram arrastadas para o norte do planeta.

Chegando à base das Bruxas, eram recebidas pelas torres-olhos. Havia cinco, dispostas num amplo círculo, apontando confiantes para as nuvens mais elevadas. Cada criança era entregue a uma Bruxa treinadora, e depositada dentro de sua torre. Aqui retiravam suas roupas originais e as vestiam com um conjunto esmeralda unissex. Entre as crianças mais novas ficava difícil distinguir menino de menina. O treinamento começava imediatamente nos encantamentos mais simples para pessoas inexperientes: vôo; armadilha; ocultação, agressão básica e táticas de defesa. A maior parte das crianças aprendia numa atmosfera de medo, mas Calen tinha estudado alguma coisa de interação entre adultos e crianças e, para as mais novas, era estabelecido um tempo suficiente para brincar e descansar, até mesmo com tentativas de estímulo e comandos dados em voz suave.

As Bruxas estavam aprendendo.

Finalmente, Heebra em pessoa inspecionava as setenta e oito crianças escolhidas e preparadas por suas Bruxas.

As crianças estavam todas em fila, completamente imóveis. Atentas, passavam por um teste de resistência nas neves polares. No meio do verão acima do Círculo Ártico, o sol nunca se põe completamente. Brilha dia e noite, e as crianças tinham estado a acompanhar sua jornada em arco para o alto e meio céu abaixo por muito tempo. Batiam ventos frios o suficiente para congelar sangue humano, mas

cuidavam de não tremer nem demonstrar o mínimo traço de desconforto.

— Essas são as superiores? — perguntou Heebra.

— Sim — respondeu Calen. — As melhor dotadas de cada país. As melhores crianças.

Heebra voou por entre as fileiras cuidadosamente alinhadas, procurando fragilidades.

— Há quanto tempo estão em pé?

— Mais de dezessete horas.

— Sem comer nem descansar?

— Em muitos casos sem nem se mover — assegurou Calen.

— E esta aqui? — Heebra apontou um bebê de pele escura.

— Ah, é Yemi. Pelo menos achamos que é. Seja como for, Yemi é a palavra que ele mais usa. É o mais novo de todos.

Yemi estava sentado, feliz, juntando neve em torno dos pés. Enquanto Heebra o observava, pousadas nos dedos de seus pés, diversas borboletas amarelas grandes também a observavam. Tinham asas do tamanho do rosto dele.

— Trouxe os insetos consigo da África — explicou Calen. — Estão crescendo, se modificando. À medida que Yemi aprende a usar mágica, elas também se desenvolvem. Ontem, estavam com menos da metade desse tamanho.

Yemi estendeu os braços para ser apanhado por Heebra.

— O que ele quer? — perguntou.

— É a maneira peculiar deles de buscar atenção — disse Calen.

Ela se inclinou e ergueu Yemi, a balançar, numa garra. Segurou-o à distância de um braço das mandíbulas. Todos os quatro conjuntos de dentes fizeram força para a frente, para alcançá-lo.

Heebra abriu um sorriso.

— Você é uma péssima mãe humana.

— A maciez dele é apetitosa — admitiu Calen, retraindo os dentes.

Heebra cheirou o ar, analisando Yemi de perto.

— Há em torno dele uma magnificência. Ele poderia ser perigoso.

— Ainda é muito novo para constituir ameaça — disse Calen.

E lançou sobre Yemi aranhas da mandíbula, que lhe caíram entre as pernas.

Admirado, ele apanhou as maiores e mostrou às borboletas Belas de Camberwell.

— Nossa aparência verdadeira não o abala — disse Calen. — Na verdade, diferentemente das outras crianças, nada parece assustá-lo.

Heebra examinou a cara confiante de Yemi.

— É a intensidade de nossa mágica que o fascina. Ele é atraído por ela. Temos que mantê-lo por perto, treiná-lo separadamente das outras crianças, não permitir que elas influenciem o menino. Ele sente falta da mãe?

— É claro.

— Mantenha-o perto de você — disse Heebra. — Aprenda como se tornar um substituto convincente.

— Acha mesmo que ele é tão especial?

— Não tenho dúvida — disse Heebra, enfática. Yemi fez cócegas no tornozelo de Calen.

— Mais tarde — disse ela, fazendo psiu. Heebra parecia divertida.

— O que é que ele quer?

— Quer jogar um jogo. É como eles aprendem.

— Mostre-me.

Calen permitiu que Yemi agarrasse uma pata com garra retorcida. Segurando firme com as duas mãos, ele apertou os olhos com muita força, fechando-os, na expectativa de que Calen alçasse vôo. Depois de uma subida lenta a uns poucos metros de altura, ela o chutou e soltou. Sem experiência, Yemi desceu, mais como um avião de papel perdido nos ventos do que num vôo de verdade. Mas aterrissou bastante suavemente. Assim que tocou o chão, esticou os braços, querendo mais uma volta.

— Ontem não conseguia voar nada — disse Calen. — Progresso notável.

Heebra concordou e voltou a atenção às crianças mais velhas.

— Suponho que todas já tenham passado pelo primeiro estágio do treinamento?

— Algumas já são voadoras avançadas — disse Calen.

— E, como você está vendo, o frio já não é problema.

— Sim. Estão um bocado disciplinadas — notou Heebra.

— Como podemos conseguir sua lealdade?

— Seja como for, elas nos temem — respondeu Calen. — Por enquanto

podemos usar isso para controlá-las. É surpreendente como algumas não se dispõem a ferir os adultos, nem mesmo quando castigadas.

Ela olhou para Paulo. Estava na fila, com os outros, os ombros caídos e o cabelo espetado — única marca que o distinguia das outras crianças mais altas.

— Algumas podem ser enfeitiçadas — disse Calen. — Algumas tiveram determinadas experiências que podemos explorar.

Ela sorriu, apontando Heiki, que olhou altivamente para trás.

— Aquela menina, por exemplo. Dediquei-lhe um cuidado especial. O resto precisa de mais trabalho, mas Heiki é totalmente confiável. Seria capaz de passar na maioria dos testes intermediários em Ool.

— Tão confiante? — disse Heebra. — Então, vou testá-la. E se ela falhar, é *você* que vou punir.

De seu lugar na fila de crianças Heiki tentava acompanhar a conversa entre Calen e Heebra. Aparentemente, estavam discutindo sobre ela. Bom. Ao contrário das outras crianças, ela desejava ser notada. De início, tinha achado a aparência das Bruxas todas repulsiva; mas quanto mais ficava com Calen, mais ficava cativada. Sem fazer esforço Calen exalava poder, impondo sua autoridade de um modo impetuoso, súbito. E, apesar disso, Heiki via, ao mesmo tempo, que seus gestos eram de uma objetividade flexível e suave — quase graciosos. E mais ninguém parecia notar com que ternura Calen falava com sua cobra-alma, Nylo. Esta a idolatrava, vagando livremente por seu dorso, espelhando seus muitos humores.

Desde os primeiros dias, Calen deu a Heiki atenção especial. Às vezes, ficavam juntas horas, conversando como irmãs, quase como se fossem iguais, discutindo os méritos dos outros meninos e meninas. Heiki já tinha aprendido os nomes das crianças mais notáveis — Siobhan, Paulo, Veena, Xiao-hong, Marshall e, é claro, aquela esquisitice, Yemi. Ela não se importava com o resto, e ainda estava tentando decidir se algum deles podia ser confiável.

Calen deixou Heebra e deslizou em direção a ela.

— Justifique minha fé em você — disse, secamente. — Prove que você é a melhor, e terá a recompensa que prometi.

— Eu não vou falhar — disse Heiki. — Vou ser testada? O que...

— Você vai ver. Prepare-se.

Sem aviso, o corpo de Heiki de repente foi arrebatado do chão.

Ela se viu sozinha num grande campo de neve virgem perto das torres-olhos. Todas as Bruxas gradualmente se reuniram no final do campo, os vestidos pretos

varridos para trás pelo vento. A maioria acariciava ursos polares — os únicos animais de estimação duros o suficiente para agüentar o arranhão de garra de Bruxa. O resto das crianças estava amontoado aos pés das Bruxas responsáveis por seu treinamento.

— Os ursos virão pegar você — lhe disse Heebra. — O teste será passar por eles. Se você cometer um erro, não terá segunda chance. Está entendendo?

Heiki sacudiu a cabeça vigorosamente, temendo que se fizesse alguma pergunta Heebra interpretasse como fraqueza. Uma chance, ela pensou. Não posso estragá-la. Estremeceu e se deu conta: a idéia é eu me sentir assustada. Isso faz parte do teste também.

— A maioria dos encantamentos que Calen lhe ensinou é inútil aqui — avisou Heebra. — Você não pode voar e passar pelos ursos. Encontre outra maneira de atravessar a neve.

Assim que Heebra parou de falar, levantando os traseiros felpudos os ursos tomaram posições a distâncias matematicamente iguais através do campo. Não havia vazios. Não havia espaço através do qual Heiki pudesse correr em direção às Bruxas. De todo modo, ela sabia que jamais conseguiria correr mais que um urso polar adulto.

— Sou capaz de fazê-lo — Heiki disse a si mesma. — Sou melhor que as outras crianças.

A primeira fileira de ursos galopou, por igual, em sua direção. Impedida de voar ou desaparecer, Heiki experimentou um encantamento de ferimento no mais próximo. O urso só fez se aproximar mais depressa. Ela se abrigou numa dobra de vento. Os ursos investiram à frente, ainda vendo-a. Depressa, Heiki escolheu em meio a seus outros encantamentos novos: criou réplicas do próprio corpo em centenas de lugares no campo. Estas imagens simplesmente se apagaram. Os ursos mais próximos estavam quase em cima dela agora, tão perto que Heiki sentiu em seu hálito cheiro de peixe semidigerido.

Ela começou a entrar em pânico. Tinha de haver *alguma coisa* que lhe fosse permitido fazer!

Olhando desesperadamente para Calen, em busca de conselho, encontrou na Bruxa olhos sem expressão.

Então Heiki notou Yemi que, sem ter sido visto sequer pelas Bruxas, flutuava pelo campo.

Heebra e Calen se consultaram. Não esperavam por aquilo, mas não tentaram removê-lo dali.

Yemi vagou no ar, feito um balão perdido, e pousou em meio aos ursos. O animal mais próximo aproximou-se dele devagar. Dentes de fora, baixou a cabeçorra e... parou. Incerto, cavando com as patas o fundo da neve, para impedir-se de esmagar o menino, o cheirou. Yemi ergueu a mãozinha e o urso ternamente esfregou nela o focinho.

O aroma de uma Bruxa está nele — deu-se conta Heiki — o aroma de Calen. Era coincidência aquilo? Ou ele sabia que aquela era a maneira de se manter a salvo? Yemi tomou impulso da neve e flutuou serenamente em meio aos ursos, dirigindo-se a Calen. Arrastando as borboletas todas nas pernas, aterrissou de qualquer maneira no pescoço grosso da Bruxa, sufocando com beijos seu rosto ossudo e vermelho.

A atenção de Heebra reverteu para Heiki.

— Você não pode copiar o truque de Yemi — avisou ela. — Procure uma forma diferente para chegar até nós.

Os ursos de novo viraram-se, com disposição, para Heiki que, desta vez, estava preparada.

Uma Bruxa ao lado de Heebra pulou quando a cobra-alma cor de laranja repentinamente se desenrolou e voou de seu pescoço até Heiki. A Bruxa ultrajada recuperou-se imediatamente, mas Heebra a impediu de resgatar a cobra-alma.

— Espere — ordenou Heebra. — Vamos ver se a criança é capaz de controlá-la.

A cobra aterrissou nas mãos suadas de Heiki. Confusa e zangada, retorcia-se, repudiando o toque e o cheiro não familiares. Heiki tentou enrolar a cobra em torno da garganta, para acalmá-la, no estilo típico das Bruxas. Aquilo só enfureceu ainda mais a cobra.

Inteligentes, especialistas, as curvas começaram a sufocá-la.

Heiki soltou um guincho, tentando arrancar a cobra do pescoço — mas a pegada era por demais tenaz. Se pudesse usar seus encantamentos!

As curvas apertaram com mais precisão.

Heiki tremia, perto de perder a consciência. O que fazer?

Abruptamente, relaxou. Ignorou a garganta machucada e forçou o pescoço rígido a distensionar-se. Encheu o cérebro de pensamentos agradáveis em relação ao toque da cobra. Espantada, a serpente afrouxou um pouco o aperto. Heiki continuou pensando sentimentos quentes e delicadamente acariciou a parte de baixo da cabeça da cobra. Tateando na mente do réptil, compreendeu seu nome-alma: Dacon.

Chamou aquele nome repetidamente. Dacon. Dacon. Eventualmente, conseguiu o respeito divertido da cobra-alma que, com os olhos cor de pêssego, encarou os dela.

— Caminhe adiante pelo campo — disse Dacon. — Os ursos suspeitam de que você é uma Bruxa agora. Eles não vão atacar. E, se tentarem, eu a defenderei.

Heiki caminhou com cautela pelo campo. Os ursos, grunhindo, recuaram e baixaram as cabeças. Falando aos sussurros com a cobra-alma durante todo o trajeto, Heiki caminhou diretamente até Heebra e postou-se, desafiadora, à sua frente. Calen, perto, brilhava de orgulho.

A Bruxa de quem tinha roubado Dacon, arrebatou-a de volta e Heiki sentiu um golpe — como se uma coisa preciosa lhe tivesse sido arrancada.

— Quer segurar a cobra de novo? — Heebra perguntou com suavidade.

Heiki ansiava justamente por isso. Era incrivelmente difícil não alcançar Dacon.

— Você é de fato impressionante — admitiu Heebra. — Calen não a superestimou. É hora de receber sua recompensa.

Heiki olhou a cobra-alma dourada, pesada, de Heebra. Exalava uma aura mágica tão extrema que dava vontade de fugir. Mas estava determinada a receber seu prêmio.

— Eu quero...

— Eu sei o que você quer, criança.

Heebra buscou dentro do vestido e tirou uma cobra cinza fina. Era minúscula, com olhos pálidos de gengibre. Ela a arrumou decorativamente em volta dos ombros de Heiki.

— Uma recém-nascida — explicou Heebra. — Veja se ela gosta de você.

A cobra se contraiu de encontro à pele dela, encontrando um lugar confortável.

Heiki estava por demais aturdida para falar. Permaneceu quieta; desejava muito que a cobra se sentisse à vontade em sua garganta que respirava com esforço.

— Ela agora pertence a você — disse-lhe Heebra. — Trate bem dela.

— Isso quer dizer... — emocionou-se Heiki. — Quer dizer que me tornei uma Bruxa... como Calen prometeu?

Heebra riu.

— Não. Ainda não, criança. É um começo. Toque na sua cobra. Ela não morde, pelo menos não morde você. Como a sente?

A cobra apreciou o toque. Heiki passou os dedos pelos olhos dela e a cobra não se mexeu.

— Ai, ela é cega?

— Sim. Todas as cobras-almas são assim no início — respondeu Heebra. — Use a sua magia. À medida que o seu talento se aprimora, o mesmo se dá com o da sua cobra.

— Posso dar um nome a ela?

— É claro. Mas não é o costume tradicional. À medida que sua magia se desenvolve, a cobra aprende a falar. Aí, ela lhe *revela* o próprio nome. E também lhe dá um verdadeiro nome de Bruxa. Nossas cobras nos nomeiam a todas. Nenhuma criança humana jamais foi honrada dessa forma.

Heiki espantou-se.

— Ai, quero crescer depressa — disse. — O que preciso fazer?

— Precisa derramar sangue, sem se importar quanto.

— Estou preparada.

Os olhos de Heiki brilhavam.

— Não, criança. Eu duvido disso. Você talvez esteja preparada para uma tarefa menor.

— Faço qualquer coisa que você quiser.

— Bom. Eu quero que você mate uma da sua própria espécie.

— Uma da minha espécie?

— Uma criança.

Sem hesitação, Heiki disse:

— Sim, eu o farei.

— Você quer saber por quê?

— Se você a quiser morta, eu a matarei — disse Heiki. — Qual é o nome da criança?

— São três. A principal é...

— Rachel! Heebra fez que sim.

— Eu sabia que era ela! — gritou Heiki, batendo palmas e dançando na neve. — Ai, que dia perfeito! Dia perfeito!

Heebra explicou o que tinha acontecido em Ithrea. Contou também da guerra

incessante contra os Magos. Heiki ouviu avidamente. Quanto mais a história se alongava, mais próxima se sentia das Bruxas. Elas eram magníficas! Fascinada, bebeu a descrição detalhada que Heebra fez de Ool. Heiki queria tanto voar no interior de um furacão, batalhando pela própria torre-olho! Heebra avisou-lhe dos dons de Eric de desfazer mágicas. Mas quando descrevia os poderes de Rachel, Heiki a interrompeu.

— Por favor, não me conte. Eu mesma vou descobrir. Não quero quaisquer vantagens.

— Bom — disse Heebra. — Essa é a resposta que uma verdadeira Bruxa daria. Diga-me como vai derrotar Rachel.

Heiki pensou no que tinha aprendido.

— Encontrá-la é fácil. Já conheço o padrão de Rachel. Não vou atacar de cara. Primeiro, vou conhecê-la, mudar aparência e cheiro para que não me reconheça do cemitério. Vou fazer com que se sinta segura, confiante; dessa maneira, ela vai revelar seus encantamentos.

— Rachel tem poucas fraquezas — disse Heebra.

— Eu vou descobri-las. Ela é capaz de curar feridas? Feridas profundas em outras pessoas?

— Sim. Em que está pensando?

— Nada... Apenas uma idéia.

Heiki notou que, terminado, afinal, o entediante teste de resistência, o resto das crianças tinha sido disperso pelos grupos habituais de treinamento.

— Posso levar algumas outras comigo? — perguntou. — Preciso de ajuda para lidar com Eric. Ainda não tenho bem certeza de como tratá-lo... Vou pensar nisso durante a viagem. Levaremos umas horas para chegar, já que, ao que parece, sou a única capaz de me transportar.

— Leve quem você quiser — disse Heebra. — Estou fazendo de você a líder das crianças.

Heiki sorriu, orgulhosa, e saiu voando, para escolher sua equipe.

Heebra chamou Calen.

— Você escolheu Heiki bem. Uma criança independente, apaixonada. Parece que passou a vida toda esperando por nós, para lhe darmos um sentido. Ela acredita mesmo na sua promessa de transformá-la numa Bruxa?

— Acredita — disse Calen, sorrindo. — Quer muito acreditar nisso.

— Eu gostaria que as outras crianças fossem igualmente tratáveis.

— Você confia em que Heiki derrotará Rachel?

— Não confio em nada — respondeu Heebra, desautorizando-a. — Rachel é formidável demais para ser subestimada.

— Deixe que Heiki escolha as próprias táticas. Mas, quero aprová-las. E, quando Heiki partir, faça sombra a ela. Fique fora de vista. Leve Yemi com você, mas mantenha-o por perto... e desconfie dele.

— Desconfiar de um bebê?

— Não é uma criança humana típica.

As duas viraram-se e observaram Heiki a selecionar a equipe.

Heiki escolheu com cuidado, fazendo uma mistura dos mais talentosos com os que — acreditava — iam seguir suas ordens sem discussão. Isso feito, começou a formular um plano, gesticulando, confiante, e usando outras crianças para traduzir para as que não falavam inglês.

— Vejo que não vamos mais precisar empurrá-las para a frente — riu Calen.
— A jovem Heiki sabe comandar tarefas exatamente como qualquer Bruxa.

EMBOSCADA



Uma pequena dourada agitou a superfície escura do lago.

— Você escutou isso? — guinchou um prapsi, tremendo de excitação.

— Psiu — gritou o outro. — Você vai acordar Eric, meninos.

— Mas você ouviu?

— Eu ouvi!

Rápidos como manchas, voaram juntos do banheiro ao quarto de dormir, que dava para o jardim noturno. Pousados, as caras coladas, perscrutaram o lago.

— Ali! — gritou um, loucamente. — Um demônio submarino!

— Um demônio pequenino. Devemos ir contar a Eric?

— Não seja estúpido, seu mutante apressado!

— Você é que é estúpido! Psiu! Espere.

— O quê?

— Sombras.

Os dois sentiram magia se aproximar da casa.

— O que é isso? Estou com medo.

— Não consigo ver. Não consigo *vê-los*. Devem estar nos fundos da casa. Vamos dar uma olhada.

— Atrás de você — disse o companheiro, curvando-se graciosamente.

— Não. *Atrás de você* — disse o outro, e ambos saíram voando juntos.

Da sala espiaram ansiosamente a rua da frente.

— Vê como se escondem, agachados?

— Estão com medo de nós!

Os grandes olhos dos prapsis piscavam violentamente. Um lambeu a janela da sala de estar, para desembaçar; o outro pressionou a cara redonda de encontro ao vidro limpo. Juntos, crispados, olhavam a rua vazia.

— Que tipo de coisas são eles?

— Eles voam. Devem ser pássaros. Pássaros malvados, quem sabe. Deviam estar na cama agora.

— Grandes pássaros malvados e loucos! Um riso abafado e nervoso.

— Devemos conversar com eles?

— Cale a boca e escute!

— Estão subindo às escondidas, está vendo?

— Eu os vejo!

Os prapsis bateram as asas, tentando assustar as sombras escuras.

Do lado de fora, nove grandes vultos surgiram aos poucos do céu da noite. Por um instante, reuniram-se na frente da lua corcunda. Em seguida, mergulharam em direção à casa.

— Eric! Eric! — guincharam os prapsis, voando ao andar de cima. — Rachel!

Os olhos de Rachel imediatamente se arregalaram. Ouviu vidro sendo quebrado embaixo — uma coisa qualquer invadindo a casa. Duas janelas forçadas — logo contaram-lhe os encantamentos de informação. Uma na sala de estar, a outra na cozinha. E o que mais? Ouviu a madeira da janela cair no tapete — acompanhada da batida macia de sapatos.

Eric pulou da cama colocada próxima à dela.

— O que está acontecendo?

— Fique quieto — disse-lhe Rachel.

Ela tentou adivinhar quem eram os invasores. Os corpos das Bruxas são grandes, pesados. Aquelas aterrissagens tinham sido leves.

— Acho que são crianças — disse.

Os prapsis batiam na porta do quarto. Eric deixou-os entrar e enfiou as cabecinhas trêmulas embaixo do acolchoado.

— Morpeth e mamãe estão lá embaixo de guarda! — ele lembrou a Rachel.

— Venha!

— Espere! — Rachel agarrou o braço dele.

— Solte! Estou indo! Ela o puxou de volta.

— Escute, ande!

Quatro outros corpos entraram na casa, voando. Rachel ouviu-os a espremer-se pelas fendas e aterrissar. Aterrissagens macias, Rachel pensou. Ambos os pés precisamente juntos. Crianças usando magia — e já voadores experientes.

— É uma emboscada — disse ela. — Fique quieto. Eles podem não saber que nós estamos aqui.

— E Morpeth e mamãe? — enraiveceu-se Eric. — Não os escuto!

Lá embaixo, passos sobre o vidro quebrado fizeram ruído. Até mesmo os ouvidos de Eric conseguiam agora escutar com facilidade o som de muitos pares de pés andando ruidosamente pela sala de estar. De sua cama, os prapsis se beijavam um ao outro, para confortarem-se.

— Sejam quem forem, não estão tentando nos pegar de surpresa — disse Eric.

E berrou a plenos pulmões pelo corredor:

— Morpeth! Onde você está?

A voz áspera de Morpeth chamou.

— Estou bem! Sua mãe também. Venha à cozinha. Eric ajeitou o acolchoado delicadamente em torno dos pescoços dos prapsis, acalmando-os.

— Durmam, durmam, meninos — disse. — Fechem os bicos.

Apertando os olhos, os prapsis fingiram cochilar porque sabiam que era isso o que ele queria.

Eric e Rachel desceram correndo.

Encontraram mamãe e Morpeth ilesos, de pé junto à mesa de jantar. Atrás deles, um menino de cabelo espetado olhava através das janelas quebradas.

— Paulo! — disse Eric, chocado.

Oito outras crianças estavam também no cômodo cheio. As cortinas tinham sido abertas. Todas olhavam a ampla lua brilhante, observando intensamente, como se não fossem capazes de tirar os olhos do céu.

Paulo virou-se para Rachel e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Oh, é você, é... — murmurou. — Nunca pensei que fôssemos encontrá-la.

Não faz idéia do que passamos para chegar aqui.

Eric lançou-lhe um olhar feroz.

— Onde está sua Bruxa feia, a Calen?

— Está... — Paulo engasgou-se com as palavras. — Desisti de mim. Ai, não me importo, não pense que *eu* me importo.

Mas desviou o rosto, sem jeito.

— Não sou bom o suficiente, entendem? Não era suficientemente *cruel*.

Abrindo os braços, indicou os que estavam à sua volta.

— Nenhum de nós aqui.

Rachel reparou o quanto as crianças pareciam aflitas. Heiki não se encontrava entre elas.

— São quantas as Bruxas? — perguntou. E pensou: uma, por favor, só uma...

— Cinco — respondeu Paulo.

Rachel tentou permanecer calma. As notícias aparentemente não perturbaram Morpeth. Ela agarrou sua mão.

— Por que vocês ficam olhando para a janela? — perguntou ele.

— Estamos sendo perseguidos.

— Por Bruxas?

Paulo riu amargamente.

— Acha que Bruxas vão se incomodar com gente como nós? Somos os *rejeitados*.

— Então, quem os está perseguindo?

— Crianças, é claro. Crianças melhores. As *favoritas*. Mamãe espantou-se.

— Por quê?

— Vocês não fazem idéia do que está acontecendo, não é? — disse Paulo.
— As Bruxas nos fazem lutar, para ver quem é o melhor. E arrancam fora como erva daninha os que se recusam a esfolar os outros.

Ele olhou para os companheiros. Alguns baixaram as cabeças.

— Nós perdemos batalhas demais. Fomos transformados em alvos para praticar.

Eric perguntou:

— Alvos para quem praticar?

— Para as favoritas. Elas nos pegaram uma vez. Nos deram umas pancadas e depois nos mandaram partir com uma distância de vantagem. Da próxima vez, vão acabar conosco. Não somos capazes de correr mais que elas. A maioria voa mais depressa que nós. Ei, não temos muito tempo. Elas estão...

— Elas estão aqui — uma menina sussurrou. E recuou da janela.

Do lado de fora, um novo grupo de crianças estava suspenso em fileira de encontro aos telhados. Não tentaram esconder-se. Ajoelhadas ou sentadas com tranqüilidade no ar, todas olhavam com audácia para Rachel.

Morpeth estudou Paulo de perto.

— Como nos encontraram?

— Todas as crianças conhecem este endereço — revelou Paulo. — E o aroma da magia de Rachel é muito fácil de achar.

Ele olhou para ela.

— Você deixou rastros por toda parte.

Da escuridão lá fora uma criança chamou o nome dele, e ele se encolheu, saindo da janela.

— Olhe, você vai nos ajudar ou não?

Morpeth notou que os ferimentos de Paulo e das outras crianças não eram graves — uns poucos machucados e cortes superficiais.

— Não vejo prova de que vocês estiveram envolvidos em verdadeiros combates — ele disse.

— Isso foi porque Ciara os despistou! — berrou Paulo.

— Eu estou ouvindo — disse Morpeth, no mesmo tom de voz.

— Ciara é uma menina bastante boa para lutar contra as melhores crianças, mas ela não quer. Ajudou-nos a conseguir uma boa distância de vantagem. As Bruxas foram atrás dela por causa disso. Provavelmente já a mataram.

— Devíamos tirar todo mundo de perto dessas janelas — sugeriu mamãe.

— Não — respondeu Morpeth firmemente. — Podemos nos defender melhor se os mantivermos todos à vista. Os que estão dentro e os que estão fora da casa.

Mamãe olhou curiosa para Morpeth.

— Você não acredita na história desse menino? Paulo não é o que andou resistindo a Calen?

— Ainda não estou certo de em que acreditar — respondeu Morpeth.

E voltou-se para Rachel.

— Despache encantamentos de informação. Se as Bruxas estão atacando ou recentemente atacaram alguém deve haver alguma evidência clara.

Rachel obedeceu. Na distância sentiu encantamentos poderosos sendo utilizados. Alguns, de uma criança — erguendo todos os seus encantamentos defensivos contra grandes forças.

— Duas Bruxas — Rachel tomou fôlego. — Duas Bruxas contra uma criança. Estão lutando agora. Ela não tem a menor chance de agüentar.

— A que distância? — Eric perguntou.

— Centenas de quilômetros. Eric bateu na mesa.

— Se pudesse me aproximar, conseguiria destruir os encantamentos.

Ele olhou para Rachel.

— *Você* consegue chegar lá a tempo de ajudá-la?

— Estou sendo necessária aqui. Não posso deixá-los!

— Por favor — implorou uma das meninas. — Você não pode deixar Ciara lutando sozinha!

Lá longe Rachel conseguia sentir a dor de Ciara. Estava dividida: deixava uma pobre menina desconhecida a combater sozinha ou deixava mamãe só com Eric e Morpeth para defenderem-se da mágica das *favoritas*.

— Morpeth — disse ela, bruscamente —, diga-me, o que devo fazer?

— Vá — disse-lhe ele. — Ciara não poderá sobreviver por muito tempo. Nós *podemos* defender esta casa por um tempo, tenho certeza. Acredite em mim: se são cinco Bruxas, lá fora, que nos querem mortos, mesmo com você aqui, não seremos capazes de detê-las. Vá até a menina antes que seja tarde demais.

Rachel olhou para mamãe que assentiu e sacudiu a cabeça aterrorizada.

— Espere! — sussurrou Morpeth no ouvido de Rachel. — Você pode colocar em mim um aroma? Um rastro que você possa localizar?

— Sim.

— Faça-o.

Rachel rapidamente completou o encantamento, tornando o aroma difícil de detectar.

Então, a uma grande distância, sentiu as defesas de uma criança abalarem-se

de repente.

Com um olhar final agoniado a todos, ela partiu.

Assim que Rachel partiu, Paulo afundou o rosto nas mãos.

— Lamento tanto — disse ele. — Tanto.

— Bastante bem feito — disse outro menino, mais velho, de pele clara, dando um tapa nas costas de Paulo.

Até ali aquele menino tinha ficado em completo silêncio.

— Heiki reconheceu que você seria o melhor para convencê-los — disse ele. — Ela tinha razão. Eu, na verdade, achava que você ia estragar tudo.

Paulo ergueu um pouco a cabeça.

— Marshall, ninguém aqui vai ser machucado. Foi esse o nosso acordo.

— Seja lá o que for... — disse Marshall, deixando-o de lado.

Acenou para as crianças do lado de fora que, com esse sinal, vieram para a casa feito um enxame, algumas chamando pelos nomes os amigos lá dentro.

— Como foi capaz de fazer isso? — Eric zangou-se com Paulo. — Como foi capaz?

As lágrimas desceram pelo rosto de Paulo.

— Eu não fui capaz... Eu...

— Ai, cale-se — disse Marshall, empurrando-o. Morpeth aproximou Eric e mamãe, furiosamente tentando decidir como poderia protegê-los.

— Suponho que aquela Bruxa, Calen, esteja com vocês — Eric rosnou para Marshall. — Vocês não têm coragem de fazer isto por conta própria.

— Sem Rachel por perto, não precisamos da ajuda dela — afirmou Marshall. Eric levantou as mãos.

— Acha que eu simplesmente vou deixar vocês fazerem tudo o que querem? Eu vou dissolver todos os encantamentos de vocês.

— Vai mesmo?

Duas crianças, impulsionadas pela força de sua mágica, agarraram as pernas e os braços de mamãe.

— Já nos falaram sobre o seu dom estranho — Marshall disse a Eric. — De modo que o que vai acontecer é o seguinte: você e Morpeth vêm conosco. Mamãe fica aqui. Se você interferir com qualquer um de nossos encantamentos, temos ordens para matar Morpeth na viagem. E no caso de um de vocês dois tentar alguma

coisa, deixamos aqui umas crianças com o fim de cuidar de mamãezinha...

— Não ouse feri-la — enraiveceu-se Eric.

— Faremos o que quisermos.

— O seu comportamento não é muito educado — disse Morpeth, fixando Marshall de igual para igual. — Está obedecendo ordens, não é? Ordens de quem? O que lhe disseram para fazer com a mãe de Eric?

— O que lhe importa? — questionou Marshall. — Heiki não está muito preocupada com o que vai acontecer a ela ou a você, a propósito. Ela tem planos especiais para Eric.

Paulo ergueu a vista.

— A mãe deles não fazia parte do trato. E que planos são esses para Eric? Não me lembro deles.

— Heiki não tinha confiança em você para contar tudo — disse Marshall.

— Marshall — mamãe tentou dizer, com olhos suplicantes. — Olhe, eu sei... eu... os adultos em geral... não são nada para você. Sem magia, acho que parecemos somente...

— Um estorvo — terminou Marshall. — Isso mesmo. Pais agora não valem nada.

— Quem disse? — perguntou Eric, zangado.

— Heiki.

— Quem é essa? Uma Bruxa?

— Uma menina. Você vai descobrir.

— Parece que ela amedronta *você* — atíçou Eric, com desprezo.

— Talvez amedronte — murmurou Marshall. De trás vieram sopros ofegantes.

Uma menina debruçou-se para olhar.

— Ei, quem são esses?

Os prapsis tiritavam no umbral da porta. Saíram sem serem notados da cama de Eric e observavam, temerosos, prontos para voar em cima de quem tentasse tocar nele.

— Nós mordemos! — um gritou, abrindo a boca de gengivas sem dentes.

— Ai, eles falam! — a menina se espantou. — Eu quero um!

Houve uma algazarra: muitas das crianças tentaram agarrar os prapsis, que,

rápidos demais, esquivavam-se.

— Deixe-os em paz! — Eric explodiu com Marshall. — Lute *comigo*, seu covarde. Ou está com medo?

— Eu não tenho medo de você — grunhiu Marshall.

— Você *tem* — instigou Morpeth, numa voz que tinha certeza de que todas as crianças ouviriam. — Todo esse papo de valente. Não tem nada por trás exceto o medo das Bruxas e do que elas vão fazer. Você também está sendo julgado, Marshall?

E viu os olhos de Marshall meio arregalados.

— Esta tarefa é uma prova que lhe deram, não é? — perguntou Morpeth. — O seu comportamento está sendo *observado*.

Marshall olhou nervoso para fora de uma das janelas, depois retomou a postura. Cheirou o ar em torno de Morpeth.

— Não tem mágica — disse, sarcástico. — E, pelo que ouvi dizer, você é um velho num corpo de menino. É uma coisa curiosa.

— Talvez — disse Morpeth. — Mas eu sou o que eu sou. O que é você, Marshall?

Marshall encolheu os ombros. A um sinal seu, as duas crianças que seguravam mamãe agarraram-na com força, enquanto o resto começou a puxar Eric e Morpeth em direção às janelas quebradas.

Eric espiou as chaminés da rua.

— Para onde estão nos levando?

— Para uma bela viagem — disse Marshall, como se estivesse anunciando o início de um piquenique.

— Onde?

— Você não quer ouvir. Uma longa, fria viagem.

— Então é melhor nos vestir melhor — disse Morpeth, indicando os pijamas de Eric e as próprias roupas leves.

Sem esperar resposta de Marshall, entrou no quarto extra. Mamãe o acompanhou, as mãos tremendo, e ajudou a procurar calças e sapatos. Encontrou um casaco que servia em Morpeth e passou, empurrando, por umas crianças, para subir e arranjar um grosso o bastante para Eric.

— Você já teve tempo suficiente — disse-lhe Marshall, quando ela voltou, de mãos vazias.

— Mas não consigo encontrar nada! — ela gritou. — Como ousa... não, olhe, deixe-me verificar embaixo da escada, por favor... eu acho...

— Ande logo com isso — silvou Marshall. Morpeth demorou a se vestir, o tempo todo olhando firme para Marshall.

— Não lhe disseram o que fazer se encontrasse qualquer oposição, não é? Qual foi a instrução de sua Bruxa ou de Heiki? Simplesmente acabar comigo ou com mamãe se nos tornássemos difíceis? Bem, então, vá adiante. Você vai nos matar por vestirmos umas roupinhas?

Marshall nada disse, e mamãe, ao descobrir, afinal, o casaco de lã de papai, jogou-o em torno dos ombros de Eric. Tateando, enfiou umas de suas próprias luvas — as que conseguiu achar — nos dedos dele, tentando um sorriso reconfortante.

— Vamos! — explodiu Marshall, afinal. — Venham!

— Ainda não — disse Morpeth. — Estas roupas não serão suficientes se voarmos para longe. Vamos também precisar de mágica para nos mantermos aquecidos.

— De mim não receberão proteção especial — zombou Marshall. — Já fiquei ouvindo você tempo demais.

E olhou para as outras crianças.

— Vocês sabem o que Heiki e as Bruxas farão conosco se falharmos — disse. — Levem-nos para as janelas!

As crianças exaltadas arrastaram Eric e Morpeth pela sala enquanto as duas que estavam com mamãe lutavam para contê-la.

Morpeth captou o olhar aterrorizado dela. Desta vez sentiu que não podia fazer promessas.

— Não vou deixar que machuquem Eric — disse, mesmo assim. — Pode confiar.

As crianças acabaram de arrastar Eric e Morpeth até à janela. Ao sinal de Marshall, subiram voando pelas paredes da casa e sobre o telhado pontudo de encontro ao ar frio da noite. Os prapsis foram atrás, a uma curta distância. Queriam ficar junto de Eric, mas as crianças os enxotavam sempre que pairavam perto demais. Da distância que ousavam ficar, berravam insultos às crianças que seguravam os braços e pernas do menino.

Enquanto Eric ainda podia ser ouvido por mamãe, virou o pescoço e gritou, rouco:

— Espere por Rachel! Ela logo estará de volta. Marshall passou ao lado

dele.

— Eu acho que não — disse. — Heiki está com ela agora.

Rachel chegou sem fôlego ao topo de uma densa floresta de carvalhos.

Sentindo que duas Bruxas partiam, desceu, pesquisando a vegetação embaixo. Teria chegado tarde demais?

Uma menina estava deitada de rosto para baixo, em meio às raízes de uma árvore. Seu cabelo cor de gengibre e enrolado estava manchado de sangue — no entanto, estava viva. Rachel ajoelhou-se ao lado dela. Lançando-lhe encantamentos de cura, costurou a pele das costas, cortada pelas Bruxas. Consertou o fêmur da perna quebrada. Desinchou o ponto onde uma garra apertara o pescoço da menina. O lamentável estado dos ferimentos tirou quaisquer dúvidas que Rachel pudesse ter a respeito de ter sido atraída para uma armadilha. Eventualmente, a menina sentou-se.

Oscilou, aparentando tontura.

— Você está em segurança — disse suavemente Rachel. — Não tenha medo, Ciara.

— Para onde foram as Bruxas?

— Não tenho certeza. Mas não estão por perto. Não estou detectando a presença delas.

Ela sorriu.

— Eu sou Rachel.

— Sabemos tudo de você. A menina que derrotou uma Bruxa! Puxa!

— Eu recebi ajuda — disse Rachel, distraída.

Seus encantamentos de informação esquadrihavam qualquer perigo que se aproximasse.

— Por que as Bruxas não mataram você? Tinham tempo.

— Quem sabe? — a menina falou. Os olhos dela luziam.

— Sabia que as Bruxas estão treinando uma menina má para pegar você? Eu a conheci. Uma coisa assustadora. Arranca sua cabeça a mordidas.

Rachel fez que sim.

— Onde as Bruxas mantiveram as crianças esse tempo todo?

— Na maior parte do tempo, no Equador. É lá que as treinam.

Equador? Que escolha esquisita!, pensou Rachel.

E ficou cismada com aquela menina estranha. Ela não tinha perguntado sobre

Paulo ou os meninos rejeitados nem uma vez. Estaria em estado de choque em função do ataque das Bruxas? Era possível, embora, ao mesmo tempo, parecesse estar recomposta. Era isso, Rachel se deu conta. A menina parecia *em suspenso*, como se preparada para qualquer coisa.

— Precisamos voltar para a minha casa — avisou Rachel, com urgência, explicando o que tinha acontecido. — Você consegue voar?

— É claro.

A menina se levantou, rígida.

— Eu sou a sua maior admiradora, a propósito. Você vai matar essa tal de Heiki!

Rachel mandou os encantamentos de informação atrás do cheiro deixado em Morpeth. Por um motivo qualquer, este se deslocara da casa.

— Algo está errado — ela disse. — Vamos depressa.

— No caminho vou lhe ensinar todos os meus encantamentos — a menina disse, ansiosa. — E você?

— Vamos ver.

A menina bateu palmas, deleitada.

— Amigas! Somos amigas!

Rachel voou depressa em direção à casa. A menina acompanhou a velocidade dela.

— Você é muito boa — elogiou Rachel.

— Eu sou inútil. Não consigo mudar de forma, como você, nem nada.

Quando Rachel se preparou para se transferir de um local para o outro, a menina gritou.

— Desculpe, isso dói tanto. Não faça, por favor.

— Mas temos que voltar. Vai levar mais de uma hora se apenas voarmos!

— Não, por favor — implorou a menina, caindo nos braços dela. — Segure-me! Ainda me sinto tão fraca.

Rachel a abraçou apertado e voou o mais depressa que pôde, esperando que a menina se recuperasse.

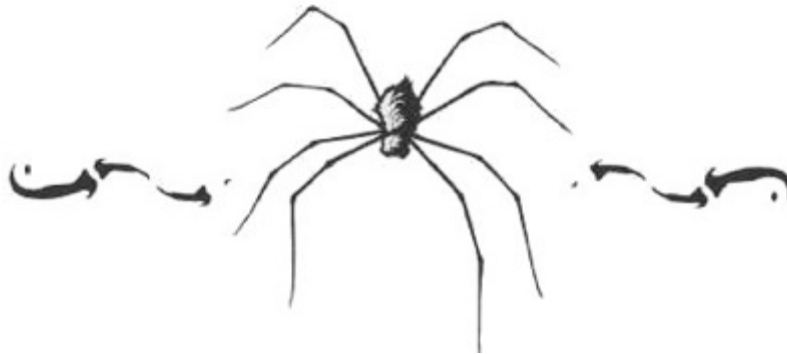
Heiki sorriu para si mesma. Talvez fosse tudo simples demais. Rachel era impressionante, mas facilmente enganada, como todas as outras. Confiante demais. É claro, tinha arriscado muito para chegar a convencê-la. Confiando na capacidade de

Rachel de curar feridas, permitiu que as Bruxas realmente a machucassem antes de partir.

Esta é a diferença entre mim e você, Rachel, pensou Heiki. Sofro qualquer dor para conseguir o que quero. Quanta dor você é capaz de suportar?

— Por favor, vá mais devagar — ela implorou a Rachel, numa voz fraca, enquanto cortavam um punhado de nuvens esparsas. — Estou com tanto medo.

12 OCEANO



Morpeth contou uma trupe de vinte e sete crianças.

Dez o carregavam e a Eric pelos braços e pernas, mantendo-os separados. O resto formava um círculo de guarda. Marshall ia no alto, à frente, obviamente o líder. Paulo voava ao lado dele, ocasionalmente olhando apreensivo para Eric, atrás. Não havia sinal de Bruxa alguma, nem de Rachel.

Por um tempo viajaram na direção Leste, sobrevoando plantações iluminadas pelas estrelas e a lua minguante. Então, Marshall desviou o bando rumo ao Ártico. Deixando para trás a terra, sobrevoaram as ondas agitadas do Mar do Norte. Intensamente frio, o vento ruidoso agora trinchava as crianças. A trupe tinha mágica para se defender dos ares severos, mas a única proteção de Eric e Morpeth era macacões, luvas e casacos. Morpeth sabia, de Ithrea, como manter os membros em movimento constante para se proteger do congelamento, mas Eric não tinha esse conhecimento. De encontro ao vento cru, o casaco pesado de papai não era suficiente. Em alguns minutos, Morpeth sentiu que Eric começava a apagar. Teria sido esse o destino que Heiki havia planejado para Eric, ficou a imaginar: matá-lo lentamente durante o vôo?

Não enquanto eu viver, pensou Morpeth.

— Eric precisa de mais proteção! — ele rugiu através dos ventos.

Marshall o ouviu, mas nada disse.

— Imagino que Heiki queira que a carga chegue viva — gritou Morpeth. — Se você falhar, Marshall, se nós morrermos de frio na viagem, ela não vai ficar satisfeita.

— Eu vou aquecê-los — ele ouviu Paulo dizer a Marshall. — Deixe comigo.

Marshall acenou, depois disse, zangado:

— O mínimo de calor para Eric. Só o bastante para que não congele. Quanto a Morpeth, nada. Está ouvindo? Nada.

Paulo estendeu um fino lençol de ar quente em torno do rosto e do pescoço de Eric. Seu olhar pousou em Morpeth, mas, visivelmente, estava nervoso demais para ignorar o aviso de Marshall.

Deixado completamente exposto, Morpeth cerrou os dentes e suportou a dor o melhor que pôde. Flexionava e desflexionava os dedos tentando manter na mente a imagem de Rachel. Voltou a atenção para as crianças que o carregavam. Elas sentiam desconforto. Estava óbvio que Heiki e as Bruxas haviam descaradamente apresentado aquela tarefa como uma espécie de jogo ou aventura. A maioria não se deixou enganar. Morpeth falou com elas. Enquanto voavam mais alto pelo ar ainda mais frio, ele perguntou sobre suas famílias e amigos, para lembrá-las do que tinham deixado para trás. Sem dúvida, tinham recebido ordens de não responder, mas afrouxaram o aperto e aproximaram-se ligeiramente para que seus corpos o protegessem dos ventos uivantes. Logo, curvadas para baixo, ouviam sua voz rouca.

A camada de calor de Paulo manteve Eric vivo, mas seu corpo seguia cortado pelas rajadas. Conforme o tempo se passava, ele perdia e retomava a consciência. Os prapsis permaneciam por perto, tentando convencer-se de que Eric estava bem, as lágrimas congeladas.

— Acorde, ó maravilha preciosa!

— Ai, acorde, ande!

— Estou com medo, meninos. Eric está doente.

— Não, está dormindo.

— Está? Está só dormindo?

Tentavam envolver com as asas o rosto exposto de Eric, mas as crianças que o transportavam queriam agarrá-los. Os prapsis jamais conseguiam aproximar-se o suficiente para tocá-lo.

A certa altura Eric despertou por um breve instante.

— Vão embora, meninos! — disse com voz áspera. — Vocês são capazes de voar mais depressa que estas crianças. Escondam-se. Não vão encontrá-los.

Os prapsis sacudiram as cabeças teimosamente e continuaram a acompanhá-lo com disposição, pestanejando, contorcendo-se, voando no vento e tentando com os próprios corpos acolchoar Eric de sua parte pior.

A maior parte do tempo Morpeth e Eric foram mantidos longe demais um do outro para poderem se falar. Uma vez, os grupos que os carregavam aproximaram-se

para que pudessem trocar algumas breves palavras.

— Para onde estão nos levando? — Eric conseguiu sussurrar.

— Eu não sei.

— Onde está Rachel?

— Não muito longe, tenho certeza. Ela virá. Fique alerta, e mantenha as mãos em movimento.

Eric olhou para cima com firmeza.

— Morpeth, não permita que eles machuquem os prapsis! Prometa!

— Eu...

Morpeth não pôde encontrar palavras. Sabia que, se aquelas crianças quisessem machucar os prapsis, ele não seria capaz de impedir.

Diante de uma ordem grunhida por Marshall, os grupos voltaram a se dividir. Eles voaram na direção Norte por mais uma hora. Morpeth começou a sentir um cansaço desesperado. Queria tanto dormir! Entendeu o que aquilo significava — em Ithrea vira milhares de crianças sucumbirem a uma última tonteira gratificante pouco antes de congelar e morrer na neve.

Ele sentiu a pena das crianças que o carregavam. Obviamente queriam ajudar, mas estavam com medo. Com medo de quem? Não de Marshall. Morpeth o via cada vez mais preocupado, à frente da trupe. De alguma outra pessoa. Morpeth olhou para o alto do céu, mas nada viu.

A certa altura, ouviu Paulo gemer.

— Vamos pelo menos levá-los mais para baixo, onde o ar é mais calmo!

As crianças que o seguravam todas levantaram as vozes, concordando, mas de Marshall veio apenas um silêncio de pedra.

Gradualmente, a força de Morpeth se apagou. Sua cabeça caiu, cada vez mais, até os olhos fixarem-se apenas nas ondas cor de prata e negras. Sem trazer calor, a aurora afinal rompeu, tingindo de rosa a maré. Por um instante, Morpeth não teve idéia de quanto tempo as crianças desceram. Aí, sentiu cheiro de sal e ouviu o grito frio, persistente, das gaivotas. Uma brancura cegante cortou seus olhos.

Atravessavam terra.

Adiante, um continente gigante de neve se estendia até onde a vista alcançava.

Onde estavam? Na Groenlândia? No Ártico? Morpeth forçou os músculos enrijecidos de seu pescoço a se movimentarem. Viu o grupo de crianças que

carregava Eric soltá-lo sobre a neve densa. Deitado de bruços, Eric não se mexia. Os prapsis, eles próprios tremendo de frio, pousaram sobre sua cabeça, mordiscando-lhe as orelhas com as gengivas para acordá-lo. Momentos depois, o próprio Morpeth era suavemente depositado ali perto. Arrastando as pernas na neve, tomou o pulso de Eric. Havia batida — só isso. O gelo acumulava-se severamente sobre os lábios e mãos de Eric — as luvas de mamãe não tinham bastado. Morpeth segurou o rosto de Eric longe da neve e arrancou-lhe as luvas, esfregando as articulações e tendões dos dedos.

— Acorde! — berrou, batendo em Eric com força. — Você tem que acordar!

Os prapsis batiam as asas em torno da cabeça de Eric, apressando Morpeth.

— Eric já dormiu demais!

— Está mais frio que esqueleto!

Todas as crianças que tinham transportado Eric e Morpeth ascenderam a um ponto elevado no céu. Ali ficaram suspensas, observando, solenes, enquanto o vento sem relento do Ártico cortava seus rostos. Finalmente, saiu uma discussão entre Marshall, Paulo e as crianças que carregaram Morpeth.

— Desçam e venham nos ver! — Morpeth gritou para o alto, sempre lutando para despertar Eric. — Venham ver o que fizeram! Ou você está com medo, Marshall?

— Eu não estou com medo.

Hesitante, Marshall e Paulo desceram e pousaram. Quando Marshall viu a pele empolada de Eric, os lábios partidos e inchados, os dedos deformados, virou-se.

— Não é tão fácil deixar alguém morrer, não é? — disse Morpeth. — Leva muito tempo para uma Bruxa convencer uma criança a apreciar isto.

Paulo não conseguia suportar a visão de Eric. Adiantou-se para ajudá-lo.

— Não toque, idiota! — gritou Marshall. — Você vai nos botar a todos em apuros.

— Não podemos simplesmente largá-lo deste jeito. Olhe os dedos dele!

— Não temos permissão para ajudá-lo.

— Você controla o grupo — disse Morpeth a Marshall. — O que é que o impede?

Marshall olhou nervosamente para cima.

— Você está cego? Não sou eu o responsável aqui.

Morpeth acompanhou seu olhar e sentiu o que deveria estar oculto no céu: uma Bruxa, longe demais para se ver, mas mesmo assim ali, acompanhando o comportamento de cada criança. Medo, Morpeth pensou, sabendo a partir de uma longa experiência o que a mera presença de uma Bruxa era capaz de obrigar as crianças a fazer. De repente, lembrou-se dos velhos amigos e imaginou se as Bruxas também tinham descoberto Ithrea. Não. Não agüentava imaginar isso...

— Só os mais fortes sobrevivem — disse Paulo, vagamente. — Foi o que Calen disse.

— O que foi que mandaram você fazer? — Morpeth perguntou a Marshall. — Deixar-nos aqui para morrer?

— Não. Levá-los ao pólo, se conseguissem sobreviver à viagem. É o que Heiki quer. Ela não se preocupou especialmente se conseguiriam ou não.

Morpeth aproximou-se dele e, inclinando-se, sussurrou:

— É isto o que *você* quer, Marshall? Acha que a Bruxa que o treinou ficará satisfeita apenas com nossas duas mortezinhas? Pois não ficará. Isto é somente o começo. Ela vai fazer você matar mais uma vez, mais outra... Não vai deixá-lo em paz. Nunca serão suficientes as mortes para satisfazê-la.

Acima deles, uma menina gritou:

— Ei, o que está acontecendo?

— Eu tenho que ir — disse Marshall. — Não posso ser visto conversando com você.

— Dê-me tempo para reanimar Eric! — exigiu Morpeth.

— Perigoso demais. — Os olhos de Marshall esvoaçaram pelo alto. — Ele terá que viajar como está.

— Eric está exatamente como você — suplicou Morpeth. — Assustado, lutando para sobreviver. Vai simplesmente deixá-lo morrer no vento?

Sem responder, Marshall saltou, tirando os pés da neve e puxando Paulo, em direção às outras crianças.

— Vocês *podem* lutar e se defender — gritou-lhes Morpeth. — Olhem uns para os outros. Não são capazes de ver a própria força?

Se ouviram, nenhum menino respondeu, e Morpeth tornou a voltar a atenção para Eric. Tentou cavar um buraco para escaparem do vento. Mas, depois de alguns centímetros, a neve estava compacta demais para ser cavada. Ele então tirou o próprio casaco, envolveu Eric com ele e aproximou os corpos, para obter calor.

Finalmente, Eric abriu os olhos pela metade. Os prapsis soltaram gritos

agudos de alegria, arrulhando como pombos em seus ouvidos. Morpeth limpou o gelo de seus lábios.

— Só os mais fortes sobrevivem — murmurou Eric. — Não foi isso o que Paulo disse?

— Nós somos os mais fortes — disse-lhe Morpeth. Eric perdera a sensibilidade dos dedos dos pés. Sem saber por quê, isso o amedrontava mais que tudo.

— Fale comigo, velho.

— Estou aqui — disse Morpeth. — Não vou deixá-lo.

— Onde estão os prapsis?

— Respirando nas suas mãos.

Eric conseguiu sentar-se e olhou afetuosamente para as crianças-aves.

— Eu não conseguia sentir vocês, meninos. E tossiu.

— Ei, não estou me sentindo lá essas coisas.

— Tudo é luta — confortou-o Morpeth. — Logo Rachel estará aqui.

Eric fez que sim, tentando acreditar, e atentou para os uniformes verdes das crianças.

— O que estão esperando? Por que simplesmente não acabam conosco?

— Porque não querem — disse Morpeth, com firmeza. — Querem parar.

A discussão lá em cima gradualmente se espalhou por toda a trupe. Paulo e as crianças que escutaram Morpeth argumentavam apaixonadamente. Quando terminou, todas as crianças olharam para baixo e Eric e Morpeth discerniram um encantamento em funcionamento.

Cessaram todos os ventos em torno e uma brisa quente substituiu o ar cortante.

— Não! — gritou uma voz enraivecida.

E, de seu esconderijo, Calen cruzou o céu.

Dirigiu-se diretamente à trupe, as garras esticadas. Inicialmente Morpeth pensou que tinha a intenção de rasgar os meninos em pedaços. Mas ela se conteve e, em vez disso, voou por sobre cada criança, despejando seu desprezo, prometendo castigos — e dando novas ordens.

De novo, os ventos gelados cortaram Eric e Morpeth.

— Ainda não estamos liquidados, velho — disse Eric, com voz áspera. —

Eu não vou esperar por Rachel.

Estendeu os dedos.

— Ainda tenho estes dedos. Se as crianças lá em casa fizeram alguma coisa com mamãe, já está feito. Não vou ficar aqui deitado, até decidirem acabar conosco. Ajude-me a levantar.

Morpeth ergueu Eric para a posição sentado. Eric levantou as mãos insensíveis.

— Vamos — instigou-as, soprando nas pontas. — Não me abandonem agora.

Acima, Calen silvava instruções a quatro crianças. Separando-se da trupe, elas mergulharam depressa e desceram no céu.

Eric apontou os dedos — e as quatro caíram, impotentes. Caídas na neve, chamaram pelas outras, já sem capacidade de voar.

— Ignorem-nas! — ordenou Calen.

A outro comando seu, metade do bando desceu num vôo rápido. Desta vez, vieram de diversas direções ao mesmo tempo — da frente e de trás, num ziguezague evasivo.

Eric derrubou mais duas do ar.

— Depressa! — rosnou ele. — Vire-me!

Mas, antes de Morpeth ter tempo de o girar, o resto dos atacantes estava em cima deles. Morpeth meteu os punhos no nariz do primeiro, mas os outros bateram com força, fazendo Eric e Morpeth rolar pela neve. Soltando-os, os membros da trupe voaram mais para o alto, onde os poderes de Eric não os podiam alcançar.

Eric e Morpeth reaproximaram-se e sentaram-se costas contra costas, enquanto os prapsis, inquietos, pairavam entre Eric e a trupe, berrando improperios.

— E agora? — perguntou Eric, olhando de esguelha para o alto.

Aguilhada por outra ordem de Calen, a trupe se reunira em massa de encontro ao sol. Eric ouvia algumas das crianças chorando.

— Virão para cima de nós de uma vez só — deu-se conta Eric. — Todas juntas. Espere. O que é aquilo?

Era Yemi.

Da nuvem que ocultara Calen, ele flutuava serenamente em direção às crianças. Estava cercado por suas devotadas borboletas, agora enormes, do tamanho de gatos.

— Volte! — berrava Calen. — Volte!

Yemi hesitou, depois veio, atraído pelos ruídos assustados na trupe. As Belas de Camberwell à frente, como um bando de imensos e lentos pássaros amarelos. Misturaram-se às crianças, roçando as que traziam o rosto manchado de lágrimas como se, de maneira instintiva, quisessem oferecer conforto. Desconcertantes, espantosas, as borboletas no céu eram tão grandes e tantas que a trupe ficou praticamente perdida debaixo das asas em movimento.

Ao fim de muita luta, Calen abriu caminho de volta a Yemi, arrebatando-o. As borboletas o seguiram, relutantes, as antenas curvadas.

— Deve ser o bebê que Rachel mencionou — maravilhou-se Eric. — Sentiu a força dele?

Morpeth fez que sim, observando, reverente. Yemi se remexia nas garras desconfortáveis de Calen, infeliz de ser carregado para longe.

Com Yemi sob controle, Calen voltou e pôs-se a gritar com as crianças. Desta vez, elas estavam por demais aterrorizadas para argumentar. Agrupando-se, a trupe inteira formou um punho compacto. As crianças desceram, juntas diretamente sobre Eric e Morpeth.

Eric fechou os olhos.

— O que vamos fazer agora?

— Sobreviver — respondeu Morpeth, preparando-se para receber os primeiros golpes.

As crianças lhes caíram em cima como granizo.

13 BATALHA



Rachel voltou para casa com Heiki aninhada nos braços.

No caminho de volta, Heiki deliberadamente a desacelerou. Sempre que Rachel tentava se transferir de um local a outro, ela fingia dor. Toda vez que Rachel tentava voar depressa, chorava até o delírio, fingindo que o choque do ataque das Bruxas a tivesse desequilibrado. Rachel respondia segurando-a próxima a si e voando com toda a delicadeza nos ventos noturnos.

Durante a jornada, Heiki revelou uns encantamentos seus — nada importante, mas só o bastante para ganhar a confiança de Rachel. Com cautela, Rachel fez o mesmo. Mas Heiki adivinhava que ela não estava revelando suas armas e defesas mais sutis.

Ótimo, pensou, não desejando um combate fácil demais.

Assegurou-se de que a viagem durasse tempo suficiente para a trupe — com Morpeth e Eric — se escafeder em segurança. Os quilômetros finais foram difíceis

Heiki mal podia esperar pela reação de Rachel à surpresa que lhe preparara.

Um frio vento matutino soprava pelas janelas quebradas da casa.

Mamãe, lá dentro, conversava com a menina e o menino que tinham ficado.

— O que estão fazendo? — gritou Heiki. — E os castigos? Tinham que aplicá-los assim que Eric e Morpeth saíssem!

— Eles mudaram de idéia — disse mamãe, ríspida.

Puxando as crianças para perto de si, correu em direção a Rachel, sempre mantendo o olhar firme em Heiki. O menino e a menina tremeram, tentando se esconder atrás de mamãe.

— Esta obviamente é Heiki — mamãe logo disse. — Já sei tudo sobre a maldade dela. Tenha cuidado, Rachel.

Heiki sorriu — e o cabelo de gengibre encaracolado, as sardas e o choro incessante sumiram, sendo substituídos apenas pelos olhos azuis lavados.

— A menina do cemitério! — espantou-se Rachel. Ela virou-se para mamãe.

— Onde estão...

— Não tire os olhos dela! — mamãe avisou. — Morpeth e Eric foram levados. Estas pobres crianças — e agarrou o menino e a menina — não sabem para onde, mas *aquela* sabe.

Lançou a Heiki um olhar feroz.

— Ela planejou tudo. Rachel trovejou contra Heiki:

— Se você os tiver machucado...

— Eu os *machuquei*!

Rachel aspirou. O aroma posto em Morpeth, da cozinha, terminava abruptamente bem acima da casa.

— Diga para onde foram levados!

— Acha que vou lhe *dar* mais essa informação? — disse Heiki, zombeteira. — Terá de lutar comigo por ela. Venha: uma batalha. Só nós, duas meninas. As melhores crianças. Sem Bruxas, prometo.

Rachel esquadrinhou a área. Não havia Bruxas ali; nesse ponto, Heiki dizia a verdade. E isso mostrava o quanto estava certa do sucesso. Estudando os olhos firmes de Heiki, treinados pelas Bruxas, sentiu medo.

— Chega de brincadeiras — disse Rachel. — Não acredito que você queira nada disso. São as Bruxas que fazem você se comportar dessa maneira.

— Não é verdade — respondeu Heiki. — Com certeza, as Bruxas querem você morta. Mas, independentemente disso, eu estou ansiosa para lutar com você.

— Por quê? — Rachel fixou-a, incrédula. — O que foi que eu lhe fiz?

— Nada. Simplesmente quero saber qual de nós duas é a melhor.

Vendo Rachel confusa, Heiki sacudiu a cabeça.

— É melhor você se adaptar, menina. O futuro é um mundo de magia. Esqueça os adultos. Mamães, professoras, vovós não têm mais importância. Calen me disse que as Bruxas vão fazer com que todas as crianças lutem umas contra as outras, de todo modo. Só as melhores terão permissão para combater os Magos.

Por um instante, diante daquele excitado rosto anguloso, Rachel teve uma visão do futuro: os adultos provavelmente todos mortos, as crianças mais frágeis descartadas, as talentosas numa afiada elite de combate a Magos — conduzidas por um punhado das mais cruéis, como Heiki.

— Não — pensou Rachel, lembrando de papai. — Isto não pode acontecer.

— É melhor andar logo — disse Heiki. — Morpeth e Eric podem ainda estar vivos, mas não vão durar muito mais.

— Diga-me onde estão! — Não!

— Você vai dizer!

— Faça-me dizer!

Instantaneamente encantamentos de ataque ofereceram-se. Rachel ignorou-os. Precisava afastar Heiki de mamãe e encontrar o sinal de Morpeth! Quem sabe o cheiro estivesse por perto da casa?

Aflita, olhou mamãe de relance — e deslocou-se.

Nada aconteceu. Diante do espanto de Rachel, Heiki riu. Rachel tentou outra vez, de repente tomando consciência de um encantamento que nunca experimentara antes. Era um encantamento antideslocamento. Heiki a detinha.

Apelando para encantamentos mais simples de vôo, Rachel escapou pela janela da cozinha. Voou no céu da manhãzinha, rápida, mas não tanto, até ter certeza de que Heiki a seguia. Depois que se encontravam em segurança, tendo passado as ruas da cidade e entrado pelo campo aberto, Rachel decidiu de fato testar a velocidade de Heiki. Seus encantamentos mais velozes tomaram o controle. No entanto, por mais depressa que viajasse, Heiki a acompanhava sem esforço.

— Você não escapa com tanta facilidade — disse Heiki, sorrindo. — Eu tenho um encantamento particularmente malvado que quero testar. Seria uma pena não usá-lo, Rachel, porque Calen e eu criamos o encantamento especialmente para você. Nós o chamamos de *bala-caçadora-multissinal*. Veja o que acha.

— Não. Não...

Abrindo os lábios finos, Heiki soprou a caçadora para Rachel.

Estava viva. Em forma de lesma, de um preto sarapintado, saiu se retorcendo da boca de Heiki. Rachel não precisou pedir proteção a seus encantamentos. Estes vieram à tona imediatamente, uma complexa camada de defesas. Freneticamente buscaram combinações para deter a ameaça da caçadora.

— Você não pode detê-la — disse Heiki. — Não no tempo. O que vai fazer, Rachel?

Os encantamentos de informação de Rachel investigaram a bala caçadora. Enquanto a arma vinha em direção à sua cabeça, Rachel deu-se conta de que não seria capaz de desviá-la, nem recuar ou deslocar-se com velocidade suficiente para evitar o ataque.

— Só há uma opção — disseram-lhe os encantamentos. — Transformar-se em nada. Um caçador precisa de vítima.

— Transformar-se em nada? — cismou Rachel. O que significava? Ela era carne e músculo. Respirava, suave.

Como poderia virar nada? Meneando a cauda, lá vinha a caçadora atrás dela. Estava perto agora.

Rachel — com Heiki ainda voando ao lado — parou abruptamente no céu. Heiki e a arma pararam também. Ancoradas às nuvens sarapintadas, as três ficaram imóveis. Por um instante, a caçadora ficou confusa. Depois, investiu em direção ao coração de Rachel.

— Esconda-se — guincharam os encantamentos dela. Tentando não entrar em pânico, Rachel mascarou os sinais óbvios. Espalhou seu aroma mágico. Disfarçou seu ofegante hálito branco de gelo. Descorou o corpo todo e até a roupa, tornando-se praticamente transparente — o pálido céu azul visível através de seu rosto. Ainda assim a caçadora veio atrás dela.

— Como consegue me detectar agora? — perguntou-se Rachel.

E deu-se conta da quantidade de possíveis sinais entre os quais ela poderia escolher. Por exemplo, o seu coração — o seu pobre coração, a bater acelerado! Rachel não podia impedir a batida, mas podia suprimir as mínimas vibrações que cada batida provocava. Fez isso. A brisa lhe abanava a roupa e mexia o cabelo. Rachel continha todos os fios como se fossem rígidos, até mesmo o pêlo fino dos braços. Os olhos abertos, secos, precisavam piscar — mas ela não piscou. Padrões fragmentados de luz refletiam em seus olhos as nuvens que passavam. Rachel congelou-os.

Gradualmente, a caçadora desacelerou. Abriu a boca quente junto ao olho esquerdo dela e ficou esperando.

Máxima quietude, sem movimento ou som.

A bala caçadora olhava da esquerda e da direita, espantada. Onde estavam seus sinais? Sentindo calor, virou-se. Atrás havia pele pigmentada, respiração úmida e movimento.

— Não! — gemeu Heiki, entendendo, de repente.

A caçadora, projetada com o fim de atacar sem misericórdia, com o grito de Heiki só fez atacar mais depressa. Esta não teve tempo de desviar. A caçadora meteu-se no meio de suas pernas, mordeu fundo, queimou carne e osso, até fundir seus tornozelos finos. No momento em que Heiki conseguiu se livrar do ataque da coisa, toda a metade inferior de seu corpo, torrada, soltava fumaça no céu frio.

Rachel observou, atônita: e viu que, incrivelmente, Heiki já controlava a pior parte da queimadura! Logo em forma suficiente para continuar a fabricar encantamentos. Rachel deslocou-se desatinada por sobre os mares do Ártico. Distanciando-se de Heiki, prolongou as narinas para rastrear qualquer vestígio do aroma de Morpeth.

Afinal, encontrou: um sinal fraco — mas suficiente para seguir.

Em sua pista, Rachel rumou para norte, deslocando-se por sobre as águas profundas do oceano. Se era capaz de sentir o cheiro, isso significava que Morpeth ainda estaria vivo? O sinal provavelmente permaneceria algum tempo — deu-se conta — estivesse ele respirando ou não. Ela pensou em Eric — e a imagem de seu rosto, pálido, morto, saltou em sua mente. Não!

Ela rasgou o oceano.

Heiki não estava muito atrás. Enquanto Rachel seguia um tênue aroma, Heiki sabia exatamente para onde Morpeth e Eric tinham sido levados. Ultrapassou-a, cortando atalhos precisos por sobre o Mar da Noruega, e ficou esperando. Não fez questão de se esconder.

Rachel quase trombou em Heiki, voando. Ao vê-la — em cima da hora — tomou posição, acima das ondas, e olhou a adversária. As pernas queimadas de Heiki ainda chiavam e estalavam à medida que se contraíam no ar frio, mas os ferimentos se recuperavam rapidamente. Heiki parecia à vontade, o cabelo branco fino voando em todas as direções no vento. Abriu as mãos e Rachel viu novas armas ali aninhadas. Encantamentos de morte.

Heiki os segurava como se fossem preciosos animais de estimação.

— Está preparada para estes?

Rachel contemplou Heiki. Seu rosto estava contorcido de excitação. Era um rosto brutal — aterrorizador, quase desumano. Mas ela é humana, Rachel lembrou a si mesma. Sabia que, para ter alguma chance de encontrar Eric vivo, precisava evitar os encantamentos de morte. Mesmo se fosse capaz de vencê-los todos, aquilo tomaria tempo demais. Pensou:

— Antes da Bruxa dominá-la, Heiki, você com certeza se comportava de outra maneira. Tem de haver um caminho de chegar até você...

Cautelosamente, Rachel deslizou em direção a Heiki, abrindo as mãos e boca para provar que não escondia armas óbvias.

— Desistindo, já? — inquiriu Heiki.

— Não, vim conversar. Heiki riu.

— Então converse.

— Qual o prêmio que as Bruxas lhe ofereceram para você me derrotar?

— Uma coisa especial.

— Duvido — disse Rachel. — Aposto que sou capaz de adivinhar. Prometeram transformar você, não foi? Prometeram transformar a simples e comum Heiki numa Bruxa.

Heiki ficou de boca aberta.

— Co... como é que você sabe disso?

— Ofereceram-me a mesma coisa, em um outro mundo.

— E você não quis? Heiki ficou admirada. — Você recusou?

— Eu não gostava da matança que teria que fazer em troca.

Heiki deu de ombros.

— Só os melhores sobrevivem. Não leva a nada ser tacanha.

Rachel a analisou de perto.

— Por que ordenou àquelas crianças que castigassem minha mamãe? Ela não fez oposição alguma. Onde está o desafio, então?

— Os pais são lixo — disse Heiki, veementemente.

— Você não gosta deles, não é? — Rachel aproximou-se ainda mais. — Por que não? O que faz com que tanto deteste os pais?

— Não têm magia. As Bruxas... Rachel a interrompeu.

— Não. Não é isso. É alguma outra coisa, não é? O que está escondendo?

Heiki subitamente pareceu desconfortável.

— Esse ódio dos adultos — disse Rachel — não tem nada a ver com Bruxas, não é?

Ela jogou verde.

— Você odiava os seus pais antes de as Bruxas chegarem!

Heiki nada disse.

— O que aconteceu? — pressionou Rachel. — O que seus pais fizeram de tão horrível?

— Não vou lhe contar nada.

— Machucaram você?

Rachel deslizou mais para perto. Estavam quase se tocando.

— Não. Também não é isso. O que aconteceu? Não pode me dizer? E doloroso demais?

— Cale a boca!

— Você foi *abandonada*, não foi?

Heiki vacilou, como se tivesse sido golpeada.

— Cale a boca! — gritou.

— Foi isso que as Bruxas prometeram? — perguntou Rachel. — Vingança dos adultos? É essa a questão?

O rosto de Heiki ficou sombrio, os lábios tremendo de emoção. Foi então que, pela primeira vez, Rachel viu Heiki como verdadeiramente era: uma adolescente indesejada, estimulada por Calen a agredir todo mundo.

— Você não gosta de ninguém, gosta? — sussurrou-lhe. — Porque ninguém gosta de você.

— Que ousadia! — Heiki começou a dizer.

Mas as lágrimas pularam de sua cara amarga, zangada. As lágrimas vieram tão repentinamente e com tanta energia que Rachel instintivamente estendeu uma das mãos para consolá-la.

Heiki a repeliu, mantendo o rosto coberto para ocultar os sentimentos.

— As Bruxas gostam de mim — murmurou, afinal. — Calen gosta de mim.

— Não — disse Rachel. — Não gosta. Calen está só brincando com você.

Heiki cerrou os olhos, retendo o resto das lágrimas.

— Não quero sua piedade! — murmurou. — Eu *sou* especial. Melhor que as outras crianças. Calen me disse isso!

Rachel buscou esperança na expressão ressentida de Heiki — mas o breve momento de fragilidade desaparecera.

— Elas jamais transformarão você numa Bruxa de verdade — disse-lhe Rachel. — Calen está mentindo.

— Você está enganada. Eu *já* sou uma Bruxa!

Heiki acariciou o pescoço, olhando com orgulho a cobra cinza esguia ali deitada.

— Olhe!

Observando o filhote de cobra, Rachel logo viu que era falsa. Mal conseguia respirar ou manter abertos os olhos cor de gengibre — como se o pouco de vida que possuía já estivesse se apagando. Levantou a cabeça mole da cobra, que sequer tentou impedir.

— Olhe com atenção — disse Rachel. — Acha mesmo que a cobra-alma de Calen alguma dia foi assim? Deram-lhe um brinquedo magricela para deixá-la contente. Uma piada de Bruxa.

— Não é verdade — gritou Heiki, com as bochechas em chamas. — Só é jovem e frágil porque... porque é um bebê e minha magia ainda não é muito poderosa.

— Não existe ligação entre a sua mágica e esta coisa mecânica. Eu vou lhe provar isso.

Rachel deu um soco na cobra, que abriu frouxamente a mandíbula. Toda a sua cor desbotou na hora. Branca, semi-rígida, ela ficou imóvel na mão de Heiki.

Heiki pulou para trás, abafando um grito. Com grande ternura examinou sua cobra, delicadamente esfregando as escamas. Soprou nas narinas esperando que aquilo pudesse trazê-la de volta à vida. Como a cobra não reagiu, olhou para Rachel com ferocidade.

— Você a matou!

— Não a matei — disse Rachel, com firmeza. — Você viu que mal toquei nela. Uma cobra-alma de verdade é capaz de se defender. Nenhuma coisa viva morre desse jeito. Por que se recusa a entender?

— Você é capaz de dizer qualquer coisa, não é? — rosnou Heiki. — Fiquei confusa, mas agora entendo a trama toda. Você simplesmente está com medo de lutar.

— Não, acredite em mim — implorou Rachel. — Não é isso...

— Era apenas um bebê! Como eu, ela precisava aprender. Só isso...

Amorosamente, Heiki acariciou o pescoço mole da cobra.

— Eu talvez jamais ganhe outra...

E ficou em silêncio. O rosto sombrio controlava a raiva.

— É melhor correr, Rachel. Tente encontrar Eric. Ande! Não vai fazer

qualquer diferença. Mesmo que o alcance antes de mim, a trupe vai lhe pegar. Eles conhecem sua aparência e o cheiro da sua mágica. Têm instruções minhas para matá-la assim que a virem.

Ela sorriu com ferocidade.

— E fazem exatamente o que eu mando. — Você...

— Não! Não estou escutando! Vou lhe dar uns segundos de vantagem...

Rachel disse:

— Tem certeza de que quer lutar, Heiki? Se é o caso, é melhor assegurar-se de não perder. Sem erro. Calen não aceitaria.

Heiki enrolou a cobra endurecida. Apertou-a com força de encontro ao pescoço, emitindo umas palavras de consolo à cara pálida. Diante daquilo, Rachel entendeu que não havia mais qualquer esperança de influenciar Heiki.

Se apreciava acariciar um corpo sem vida, pensou Rachel, talvez jamais possa ser convencida.

— Dois segundos — disse Heiki.

Rachel puxou Heiki de encontro a si e abriu-lhe os olhos. Luz cor de prata saiu relampejando. Por um instante apenas, Heiki foi apanhada fora de guarda. Arrancando-a de seu pescoço, Rachel jogou a cobra no mar. Enquanto Heiki mergulhava atrás dela, Rachel deslocou-se para outro lugar.

Uns poucos segundos preciosos...

Sentiu, então, Morpeth dolorosamente próximo. *Onde estava ele?*

De repente, um som solitário — o grito de uma gaivota — seguido do bater de ondas de encontro à praia.

Terra.

Rachel atravessou rapidamente o restante do oceano. Uma praia estreita de cascalho se avistava. Havia bois marinhos aos montes e, além deles, erguiam-se rochedos de gelo puro. Rachel voou por sobre os volumes elevados, e descobriu neve, o princípio de um vasto continente que se estendia ao norte. De início, nada conseguiu ver, exceto brancura implacável. Então, notou pontos verdes. À medida que se aproximou, os pontos verdes se ampliaram, ganharam membros, tornaram-se crianças, dúzias delas, apontando do céu para atacar duas outras no chão.

— Morpeth! Eric! — gritou ela.

Arremessando-se na direção delas, Rachel desceu, através da nuvem fina. Heiki, atrás, alcançava-a rapidamente, acompanhando seus movimentos. Desceram

juntas, tão depressa que um olho humano comum não seria capaz de acompanhar.

Rachel foi direto ao grupo de crianças.

Mas Heiki pousou primeiro.

14
VÍTIMA



Uma menina familiar, de cabelo comprido preto, andou, confiante, em direção a Morpeth.

— Rachel!

Cambaleando, ele aproximou-se dela, cheio de alegria.

Outra menina pousou a certa distância, mais atrás. Magra, de cabelo branco, idêntica à descrição amedrontadora que Marshall fizera de Heiki. Morpeth gritou:

— Rachel! Você não está vendo! Ela está atrás de você!

Ignorando-o, a menina de cabelo preto se dirigiu à trupe.

— Ataquem-na! Mostrei a vocês como!

As crianças estremeceram, olhando, incertas, umas para as outras. Em seguida, pularam em cima da própria menina de cabelo preto.

— O quê? — espantou-se ela, tentando escapar. Marshall foi um dos primeiros a alcançá-la. Agarrou-lhe as pernas, puxando-a para baixo. Assim que bateu na neve a trupe inteira saltou de todos os lados, prendendo seus braços.

— Não! — berrou Morpeth. — Deixem-na em paz! Mal podendo caminhar, vacilante, tentou arrancá-los de cima dela.

— Eric! — ele implorou. — Ajude-me!

Eric ergueu-se da neve. De pé, conseguiu dar uns passos, *afastando-se* da briga.

— O que está fazendo? — rugiu Morpeth. — Venha aqui!

Eric o ignorou. Procurando com cuidado na neve a seus pés, encontrou os prapsis. Juntos, formavam uma confusão de penas num monte de neve empilhado

pelo vento. Embora tontos e espantados, não estavam muito machucados.

— Não se preocupe com os prapsis! — gritou Morpeth. — Faça alguma coisa! É sua *irmã*!

Eric continuou a inspeção detalhada dos pássaros-crianças. Enfiou para dentro umas penas fora de lugar, testou os músculos das asas para ver se haviam sido danificados, beliscou as bochechas róseas.

— Eric! O que está...

— Não é Rachel — disse-lhe Eric, baixinho. — Fique quieto, você!

Para Morpeth, a menina se parecia exatamente com Rachel. Até mesmo possuía seu aroma mágico distinto.

— Sem dúvida...

— Confie em mim — murmurou Eric.

De pernas cruzadas, a menina de cabelo branco estava sentada na neve, longe da briga.

Pela primeira vez, Morpeth a olhou com atenção. A menina de cabelo branco retribuiu o olhar, forçando um meio-sorriso ligeiro. A cara estava errada, mas Morpeth conhecia aquele sorriso. Voltou-se, atônito, para a menina de cabelo escuro. Não era Rachel — deu-se conta. Era Heiki.

Uma *troca* de aparências.

Completamente enganada, a trupe lançou-se sobre Heiki. Morpeth observou a menina: por algum tempo conseguiu mantê-los à distância. De maneira extraordinária, arrastando-se e levantando-se, chutando as mãos que a agarravam, Heiki se levantou e tentou fugir pela neve. Mas antes que a mente atônita pudesse criar um encantamento de transferência ou mesmo entender o que Rachel fizera, a trupe lhe saltou outra vez em cima e a jogou por terra. Eles não pararam para pensar no dano que provocavam. O terror os conduzia. Em algum lugar próximo, no céu, em cima, Calen observava. Ela puniria qualquer hesitação. E Heiki também estava vigiando.

Viam-na, a pouca distância, calmamente esperando suas ordens serem obedecidas. Não os mandara ser implacáveis? Usando punhos, pés e encantamentos as crianças obedeciam à risca as suas ordens. No meio da neve, que virava lama cinzenta, batiam sem pena, esperando que Heiki ou Calen as mandassem parar.

Morpeth pediu à menina de cabelo branco:

— Rachel, já basta!

As lágrimas escorriam dos seus olhos azul pálido. E era estranho ver aquelas

lágrimas moles no rosto duro.

— Quase. Não posso arriscar nada — sussurrou ela. — Você não tem idéia do quanto Heiki é forte.

Tendo se passado diversos segundos sem quaisquer ruídos além dos socos, Rachel desfez os encantamentos de troca e berrou:

— Parem!

A Rachel real, de cabelo escuro flutuando ao vento, estava sentada na neve. De início, a trupe não entendeu o que via. As mentes lutavam para acreditar naquilo. Finalmente, entenderam a verdade e os braços deixaram de subir e descer. Aos tropeços, de joelhos, desesperados, largaram Heiki, embaixo.

Rachel baixou o rosto — não queria ver o que tinham feito.

As crianças formaram um círculo amplo em torno de Heiki. Não precisava todo aquele espaço. Toda ferida, jazia — um montinho na neve, que se avermelhava.

— Está... viva? — perguntou Paulo.

— Estou! — saiu a voz estrangulada e áspera de Heiki. Não se sabe como ela encontrou forças para, com um cotovelo, escavar a lama e se erguer parcialmente. As crianças todas recuaram ainda mais. Apesar dos ferimentos terríveis, mesmo assim tinham medo de Heiki.

— Levantem-me — ordenou.

Incertas, elas estremeceram; muitas olhando para Rachel, à espera de orientação.

— Se vocês... não... — disse Heiki, entre golfos curtos de respiração — vou mandar... as Bruxas... matarem... todos... Eu...

Sua cara escorregou no chão.

— Ajudem-me — implorou, de repente soando penalizante.

Umas poucas crianças, lideradas por Paulo, andaram em direção a Rachel.

Assim que viu isso, Calen irrompeu do céu. Com uma única garra, pescou Marshall e duas outras crianças pelo pescoço, suspendendo-as no ar.

— Seus vermes tímidos! — gritou, dirigindo-se a todas as crianças. — Sigam-me!

Apontou para Heiki.

— Com exceção dela. Deixem-na aí.

Os membros mais velhos da trupe, muitos olhando desesperadamente para

Rachel, levantaram os braços e voaram pelo ar. Lentamente, seguiram atrás de Calen em direção ao Norte.

— Não podemos fazer nada para mantê-las aqui? — gritou Eric para Rachel, do outro lado.

— Deixe-os ir — respondeu ela, desanimada. — Estou fraco demais para fazer qualquer coisa agora. E você também.

— Eu não estou fraco demais.

— Você mal consegue ficar de pé, Eric.

Ele tentou — e desmoronou, as pernas congeladas se recusaram a levantá-lo. Os prapsis lhe cobriram as mãos, tentando aquecê-las com as penas macias.

Em pequenos grupos, as crianças remanescentes ergueram-se das neves. Pegaram as quatro crianças cujos encantamentos de vôo Eric tinha destruído e formaram uma fileira triste enlameando o céu. As mais novas eram as que mais relutavam em partir. Em grupo, penduraram-se em Rachel, apertando suas pernas com força. Finalmente, mesmo as mais novas perderam a coragem. De mãos dadas, deslizaram, juntas, dirigindo os olhos chorosos ao Pólo.

— Por que não ficam? — murmurou Eric, frustrado. — Será que não se dão conta de que nada de bom as espera lá fora?

— É claro que sim — disse Rachel. — Mas sabem que não sou forte bastante para desafiar todas as Bruxas. Que mais podem fazer senão seguir Calen esperando não serem por demais castigadas?

Nenhuma criança ficou para dar assistência a Heiki. Aos poucos, como um pássaro que tenta voltar ao ninho com uma só asa arruinada, ela conseguiu desajeitadamente bater o braço esquerdo. O direito estava deslocado, pendurado, sem movimento.

Uma vítima fácil — pensou Rachel. Um único encantamento seria suficiente para acabar com ela naquele momento.

— E agora? — perguntou Eric. — Vai deixar Heiki escapar, depois do que ela fez?

A voz de Rachel tremeu de emoção.

— Vai *sempre* haver uma outra Heiki em algum lugar — sussurrou ela. — Devo matar todo mundo que me perseguir? E aquelas crianças que já estiveram em contato com as Bruxas? Constituem perigo, não? Não é isso que Heiki faria? Persegui-las, caso representassem alguma ameaça?

Eric não respondeu.

Arrastando-se para perto de Rachel, Morpeth abraçou-a. Juntos, observaram Heiki passar por sobre suas cabeças como uma sombra alquebrada.

— Permita-me ajudá-la — Rachel gritou para ela.

— Não — respondeu Heiki asperamente. — Não quero sua ajuda. Vou conseguir voltar por minha conta.

— Mesmo que consiga, acha que Calen vai lhe dar boas-vindas?

Heiki nada disse, tentando erguer o corpo mais além no céu. A trupe já ia bem adiante, diminuindo gradualmente, apagando-se de encontro à claridade da manhã no Ártico.

— Não acredito! Heiki está tentando voltar com a trupe! — exclamou Eric. — Depois que Calen nada fez para ajudá-la...

— Ela nunca enfrentou os castigos de uma Bruxa — Morpeth disse em voz baixa. — Não tem idéia do que Calen vai fazer com ela.

Então, em cima da cabeça, ouviu um bater de asas.

— Um bebê! — maravilhou-se um prapsi. — A girar!

Era Yemi, pendurado às suas borboletas. Todo aquele tempo ficara pacientemente à espera de Calen. Para onde ia ela com as crianças gritonas? O barulho o assustou, iam machucar Calen? Enquanto Calen voava, distanciando-se, ficou quieto, parado, como prometera. Mas sentiu-se assustado. Então, notou magia familiar na terra, embaixo, o que o encheu do mais feliz dos sentimentos. E, flutuando, desceu para recepcioná-la.

Rachel de pé na neve foi cercada pelas Belas de Camberwell de Yemi. Rodeavam-na, pousando em sua cabeça e deixando os prapsis nervosos. Duas das maiores, as asas revolvendo como lâminas de helicóptero, carregaram o próprio Yemi para baixo delicadamente.

Rachel abriu os braços.

Antes, porém, que Yemi a alcançasse, um guincho de aviso fez as borboletas da escolta cobrirem os olhos dele. Era Calen. Deixando as outras crianças, disparou pelo céu, chamando repetidamente o nome de Yemi. Algumas borboletas abanaram as antenas excitadas para Calen; a maior parte pairava mais próxima de Rachel.

— Venha, Yemi! — chamou Calen. — Não me deixe zangada.

Ele estava suspenso, em desconforto, por pouco fora do alcance das mãos de Rachel. Algumas das Belas puxavam seus dedos dos pés em direção a ela; outras, o empurravam na direção de Calen. Yemi olhava com desejo para ambas.

— Não lute por ele — avisou Morpeth a Rachel. — Você está esgotada

demais para combater Calen.

— Eu sei — sussurrou Rachel.

No entanto, não pôde evitar. Abriu os braços ainda mais, convidando Yemi a entrar. Ele desceu um pouco mais, com mais certeza, rindo para as borboletas.

Quando tocou os dedos estendidos de Rachel, veio no vento, da direção de Calen, um cheiro. Era um cheiro de fêmea — doce, ligeiramente almiscarado — e sensivelmente humano — o cheiro de sua mãe.

Profundamente confuso, Yemi olhou Rachel, depois Calen, as borboletas batendo asas em desconforto pelo céu.

— Yemi, venha — era a voz rouca de sua mãe, saindo das quatro bocas de Calen.

— Essa não é a sua mãe — disse Rachel.

Calen deslocou-se. Ressurgiu um ponto distante à frente da trupe, deixando o poderoso aroma de mãe como rastro.

— Siga-me! — gritou.

— Mamãe! — gemeu Yemi. — Mamãe!

— Não! — gritou Rachel.

E projetou um novo cheiro — o cheiro de Fola, misturado com flor de milho e outros cheiros de sua terra natal de que ela se lembrava.

— Vá para a sua irmã — insistiu ela. — Lembre-se, Yemi! Vá para a sua casa de verdade! Vá para casa!

Durante uns poucos segundos, os olhos castanhos suaves de Yemi piscaram para Rachel. Então, sem olhar para Calen desta vez, sumiu. Foi um único deslocamento imenso que instantaneamente o depositou a milhares de quilômetros ao sul. Rachel bateu palmas de alegria, sabendo para onde tinha ido — e olhou em desafio através do céu para Calen.

— Uma pequena vitória! — concedeu Calen. — Por quanto tempo você acha que a família entediante de Yemi será capaz de mantê-lo ocupado? Logo, logo ele volta para mim!

Virando as costas para Rachel, ela continuou à frente do bando rumo ao Norte.

Eric ainda estava tonto com a magnitude do encantamento de transferência de Yemi. Jamais sentira força ou controle tão temível, nem mesmo em Dragwena.

— Isso não foi um deslocamento ordinário — disse. — Yemi não usou

apenas a própria magia. Usou a magia das crianças da trupe para ajudá-lo.

Rachel sacudiu a cabeça.

— Não, isso não é possível. Nem mesmo uma Bruxa é capaz de fazer isso.

— Mas ele fez — insistiu Eric. — Pegou o que queria, um pouco de cada criança, não muito. Não é ambicioso. Só o que precisava.

— Yemi tem um dom peculiar, não tem? — perguntou Morpeth. — Sua magia parece completamente distinta, é diferente da das outras crianças.

— De todas as formas — disse Eric. — Os encantamentos dele são malucos. Não são como os seus, ou os de Rachel. Nem são como os das Bruxas.

Por um instante magnífico, Rachel pensou em Larpskendya. Estremeceu, com uma possibilidade por demais maravilhosa para se suportar.

— Mais como um Mago? — perguntou ela, mal ousando questionar. — A magia dele é como a de Larpskendya?

— Não — Eric soltou um suspiro. — Não é Larpskendya, Rachel. A magia desse bebê não se parece com *nada* que já tenhamos visto antes.

Quando a última criança sumiu no horizonte, com Calen, Eric explorou o interior do seu casaco vivo, que mexia.

— Aqui, meninos!

Os prapsis saíram alegremente pelos bolsos.

As mãos de Eric estavam duras demais para sentir o toque de suas penas. Um prapsi esfregou a lateral da cabeça delicada de encontro a seus dedos.

— Caramba! — disse a criança-ave, lambendo-os, desgostoso.

O outro prapsi rolou os olhos.

— Ai, não reclame. Continua sendo Eric.

— Eu sei, mas parece cubo de gelo. Você é tão mal-humorado!

— Não enche, avezinha canora!

— Lábios feios, cortados!

— Meus lábios estão cortados?

Um olhar triste dirigiu-se a Eric, buscando conforto. O garoto esfregou ambos os prapsis com a manga do casaco, sem querer tocá-los com os dedos frios.

— Estão cortados — disse —, mas com boa aparência, meninos. Na verdade, os dois estão com ótima aparência. Vocês *são* maravilhosos: parecem águias.

Os prapsis cantaram deliciados.

— Hora de curar as feridas, cachos de ouro — disse Rachel.

Eric sorriu.

— Primeiro o velho. A idade antes da beleza.

— Não estão doendo?

Ela examinou os dedos inchados dele. Ele sorriu.

— Não sinto nada.

— Suponho que seja porque estão endurecidos.

— Acertou na mosca.

Rachel tratou dos piores machucados causados pelo gelo em Eric. Os encantamentos necessários eram bastante básicos, mas ela estava cansada, de modo que levou mais tempo para terminar. Depois, foi atender Morpeth.

— Poupe a sua energia — ele objetou.

— Para quê? — ela perguntou secamente. — O que é mais importante do que isto?

As costas de Morpeth estavam muito feridas no ponto onde tinham recebido a maior parte dos golpes destinados a Eric. Rachel anestesiou a dor e cuidou das veias em pior estado. Finalmente, envolveu a todos numa bolha de calor que nem os ventos do Ártico eram capazes de furar.

Por algum tempo, ficaram apenas a olhar para o Norte, sentindo fome, exaustão e ansiedade.

— Que lugar miserável este! — disse Eric. Protegendo os olhos, tentou descobrir detalhes na brancura que se estendia eternamente à frente.

— Aposto que as Bruxas adoram isto aqui. Rachel explicou o que tinha acontecido em casa.

— Se quiserem, posso levá-los de volta para casa — ela disse, séria. — Lá é mais seguro.

Eric sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum. Não quero dar às Bruxas nem a mais ninguém motivo para perseguir mamãe outra vez.

Frustrado, ele chutou a neve.

— Droga! Onde está Larpskendya?

— Ele virá — disse Rachel, com o coração apertado. — Ele virá.

— Se quisermos encontrar a base das Bruxas, temos que seguir as crianças logo — Morpeth disse a eles. — Antes que os cheiros se apaguem ou sejam disfarçados.

— Brilhante — murmurou Eric, resignadamente. — Estou ansioso para encontrar todas as cinco Bruxas!

Morpeth olhou para ambos.

— Existe uma alternativa. Poderíamos tentar encontrar um lugar tranquilo para nos esconder e sobreviver até Larpskendya chegar.

— Não — disse Rachel. — Isso vai deixar todas as crianças à mercê das Bruxas.

Pensou em Paulo, e ficou imaginando quanto tempo Calen levaria para, afinal, esmagar a vontade dele.

— Não vou mais deixar as Bruxas fazerem o que quiserem — disse. — Temos que, pelo menos, tentar descobrir onde fica a base delas.

Os três olharam em direção ao Norte, endurecendo-se para prosseguir. O vento recomeçara e, com ele, uma neve ligeira lhes caía nos rostos.

— Ainda consigo detectar o cheiro de Heiki — observou Eric. — Está ferida, deixando para trás um longo rastro de magia. É como se *pingasse* dela...

Rachel despachou encantamentos de informação. Quando voltaram, deparou-se com lágrimas inesperadas nos olhos.

— Heiki está ficando cada vez mais para trás — disse.

— Esforça-se muito para manter o ritmo, mas não consegue. Desta vez, seus ferimentos são graves demais para serem curados.

— Ela acha que estamos indo atrás dela? — perguntou Eric.

— Não tem nada a ver conosco — murmurou Rachel.

— Ela continua tentando impressionar as Bruxas. Heiki está fazendo tudo o que pode para ocultar sua fragilidade, especialmente de Calen.

Eric franziu as sobrancelhas.

— Para quê? Aquela Bruxa já não desistiu dela?

Rachel trocou um olhar entendido com Morpeth. Em Ithrea, tinha sido necessária toda a sua força de vontade para resistir à atração de Dragwena. E ela só teve necessidade de resistir alguns dias. Heiki ficara muito mais tempo com as Bruxas, sendo instada a sentir-se especial.

A coitada da Heiki estava apaixonada pelo glamour de Calen.

15

CHEGADAS



Heiki arrastava seu corpo frágil rumo ao Pólo.

Estava fraca demais para se deslocar. Enquanto teve forças, voou. Quando as forças a deixaram, saiu mancando, os tornozelos ainda não completamente recuperados da bala-caçadora. Por fim, engatinhou. Levou mais de uma hora para completar os últimos metros varridos pelo vento e chegar ao perímetro da base das Bruxas.

Calen foi a seu encontro. Olhou-a com desprezo.

— Por que voltou? Aqui só há mais castigo para você. Heiki se ajoelhou envergonhadamente na neve.

— Por favor, me ajude. Por favor. Estou sentindo dor...

— Você falhou — disse Calen. — Não existem segundas chances para uma Bruxa que falha.

— Eu farei qualquer coisa — prometeu Heiki. — Eu ainda tenho disposição. Não desista de mim.

— Eu lhe pedi para me deixar orgulhosa. Nem isso você conseguiu fazer.

— Por favor. Dê-me mais uma chance.

— Não. Não tem mais chance para você agora. Calen agarrou Heiki pelo cabelo e a arrastou como um saco indesejado por entre as torres.

— O que vai acontecer comigo?

Calen não respondeu. Ao ver Heiki brincando com a cobra bebê, arrancou-a de seu pescoço e jogou seu corpo enrijecido por terra. Heiki começou a chorar. Tentou não chorar, mas não conseguiu impedir o jorro, além de estar cansada demais para enxugar as lágrimas...

Ergueu os olhos para Calen.

— Vou... morrer?

— Precisa perguntar?

Calen voou à sua torre-olho, jogando Heiki lá dentro.

Mais tarde, Calen foi chamada pela mãe.

Nervosa, dirigiu-se à vasta torre de Heebra, esperando ser severamente punida pelo fracasso de Heiki. Nylo serpenteava em seu pescoço.

Heebra de pé olhava pela janela-olho. Durante vários minutos, ignorou Calen. Eventualmente, disse:

— Heiki, a sua favorita, a criança que você treinou pessoalmente, foi derrotada.

Calen baixou a cabeça, humilhada.

— Você também se enganou quanto às outras crianças deste mundo — disse Heebra. — Elas podem ser treinadas, mas muitas são arrogantes ou imprevisíveis...

— Se eu tiver mais tempo...

— Mais tempo! — berrou Heebra. Ela se virou de frente para a filha.

— Vai levar uma *era* para que essas crianças formem um exército leal o bastante para desafiar os Magos!

— Então — hesitou Calen, segurando Nylo próxima —, você recomenda... irmos embora?

As quatro mandíbulas de Heebra, de raiva, passaram a mostrar divertimento.

— Deixar este maravilhoso mundo para os Magos? Eu acho que não. Não. Um novo plano: nós vamos arrastar Larpskendya para cá assim que pudermos!

— Eu não compreendo.

— Larpskendya sempre foi o grande troféu — Heebra disse. — Eu sempre soube que se conseguíssemos matá-lo, rapidamente esmagaríamos a Ordem dos Magos. Pela primeira vez eu tenho uma vantagem. Enquanto as duas meninas combatiam, reabri o canal entre Rachel e Larpskendya. Ele não pode se comunicar, mas vê tudo o que amedronta sua criança preferida, vê com os olhos dela.

Heebra sorriu.

— Heiki serviu ao seu propósito. Eu sempre soube que Rachel iria derrotá-la. No entanto, até mesmo a pequena escaramuça delas deve ter horrorizado o gentil Larpskendya.

— Com certeza, ele não vai correr o risco de vir.

— Não — disse Heebra. — Ele virá por sua Rachel, pode contar com isso. Já me mandaram um relatório informando que está a caminho, correndo para cá com o fim de proteger sua querida assassina de Bruxa.

As bocas de Calen se abriram.

— Nós estamos preparadas? Larpskendya não estará sozinho.

— Ele *está* sozinho! — alegrou-se Heebra. — As Griddas conseguiram muito mais do que eu esperava, Calen. Nós as mandamos cobrir uma área ampla. Os Magos precisaram se dispersar para enfrentá-las. Larpskendya, no momento, está isolado, sem companheiros que lhe dêem a mão.

Lançando Mak de encontro à pele das narinas, aspirou sua fragrância madura.

— O melhor de tudo, Calen, é que Larpskendya está ferido. Uma Gridda o atacou no mundo Leppos! Certifiquei-me de que as outras na área recebam ordens para atormentá-lo e feri-lo durante toda a viagem à Terra. Nossas Griddas não permitirão que se recupere. Quando Larpskendya chegar, estará exausto.

— Estará? — perguntou Calen, incerta. — Seu poder é tão imenso. Mesmo contando com a sua capacidade, mais quatro Bruxas serão suficientes?

— Só mais quatro? — riu Heebra. — Bem, então você não detectou a vinda do resto. Nesse caso, tenho certeza de que Larpskendya também não detectou.

— O resto? — Calen olhou em volta.

— Convoquei-as assim que atinei como montar a armadilha.

A um gesto de Heebra, centenas de Altas Bruxas apareceram de repente. Tomaram o céu com sua magnificência, as roupas negras balançando na brisa. Vendo Calen surpresa, a maioria se divertiu.

— Quantas? — Calen se espantou.

— Setecentas e cinquenta e seis de nossas melhores. Acabam de chegar, frescas, ansiosas para lutar. Controle-as,

Calen. Que comecem a construir as próprias torres-olhos, mas assegure-se de que todas as novas irmãs permaneçam ocultas. Rachel só espera encontrar cinco Bruxas. Ela tem que continuar acreditando nisso. Agora não podemos errar.

— Larpskendya provavelmente vai suspeitar de uma armadilha — sugeriu Calen. — Será cauteloso. Verificará a situação e não se mostrará enquanto não estiver preparado.

— Concordo. Então, temos que deixá-lo desesperado. Quando Rachel descobrir a diversão que planejei para as outras crianças aqui, Larpskendya vai acelerar no percurso final. Isso lhe arrancará suas últimas reservas.

— Que diversão? — perguntou Calen, intrigada.

— Quero que você crie uma prisão única, isole ali as crianças e dissemine o pânico entre elas, enquanto Rachel observa.

— Fazê-las entrar em pânico? Como?

— Comece executando Heiki — disse Heebra. — Quero fazer dela um exemplo especial. Se sua morte não trazer Larpskendya, passe adiante a outra criança, qualquer criança, não me importa qual.

Calen concordou.

— Como quer que eu execute Heiki?

— Como quiser — disse Heebra. — Espere, tive uma idéia melhor. Escolha uma coisa qualquer, um dispositivo que todas as crianças, não importa de onde venham, identifiquem.

— Uma máquina de matar do tipo delas próprias?

— Ou alguma coisa ainda mais simples, talvez. Fale com as crianças mais novas. Descubra que tipos de jogos compartilham ou apreciam e use alguma coisa delas para assustá-las. É medo o que queremos agora, Calen. Construa-o. Aterrorize aquelas crianças e deixe Rachel testemunhar. Faça com que Larpskendya se apresse na reta final.

— E depois? Como vamos fazer com Rachel?

— Depois que eu a tiver usado para capturar Larpskendya, nós duas cuidaremos dela, cada uma a seu modo.

Calen deixou a torre-olho para executar as ordens.

Heebra deslizou através da sala e sentou-se. Do alto de sua torre-olho, meticulosamente protegida, podia observar tudo em dúzias de quilômetros. Rachel, Eric e Morpeth se aproximavam dentro de um encantamento primitivo. Heebra sabia exatamente onde se encontravam. Deliberadamente retirara as Bruxas e ursos polares do perímetro de guarda com o fim de garantir a entrada total das crianças na base. A armadilha estava quase completa.

Pela primeira vez, desde que chegara à Terra, Heebra se permitiu relaxar completamente. A vista lá fora a agradava cada vez mais. A neve raramente caía naquela parte do mundo, mas não se derretia. Suas Bruxas podiam construir ali um lar sem dificuldade. O primeiro estágio seria substituir a repulsiva luz do sol pelas

trevas sensuais de Ool. Em seguida, fariam as neves caírem eternamente.

Mas essas questões podiam esperar. Com enorme antecipação, Heebra imaginou Larpskendya cortando o espaço, consumido de cansaço e ferimentos, vendo através dos olhos de Rachel, tentando chegar a tempo de impedir o derramamento de sangue.

Mas ele não seria capaz de impedi-lo. Não desta vez. Desta vez, ela e centenas de suas mais soberbas Altas Bruxas estavam à sua espera.

16

PRISÃO



Dentro de um encantamento de abrigo, Rachel, Morpeth, Eric e os prapsis seguiam Heiki. Observaram seu encontro com Calen. Sem se darem conta, entraram no perímetro da Bruxa acompanhados por centenas de pares de olhos tatuados.

— Isto poderia ser Ithrea — disse Eric. Mal se ouvia sua voz.

— Não precisa sussurrar — Rachel o avisou. — Não podem ouvir nossas vozes.

— Vou sussurrar mesmo assim.

Os prapsis não paravam quietos. Rolando os olhos, provaram o gosto da neve que caía com as desconfiadas línguas cor-de-rosa.

— Por que estão tão inquietos? — perguntou Rachel a Eric.

— Estão Saltitantes, só isso. Um prapsi cheirou o ar.

— Uma Bruxa, talvez.

O outro fez muxoxo.

— Danadas!

— Psiu, meninos. Vou já cuidar de vocês! — prometeu Eric, dando tapinhas em suas penas.

— Não. Escute o que dizem — falou Morpeth. — Lembre-se de que passaram centenas de anos em Ithrea como bichos de estimação de Dragwena.

Ele acariciou as penas dos pescoços deles.

— Quantas Bruxas são? Dá para dizer?

— Estamos vendo as fedorentas! Morpeth concordou, impaciente.

— Mas quantas? — Muitas!

— Demais para contar?

Ambos os prapsis espiavam astutamente em cima.

— Está vendo ali? E cobriam o rosto.

À frente, viam-se as torres das Bruxas. Havia cinco delas, cada uma com mais de 120 metros de altura, arrumadas num círculo impecável. Uma luz dura, cor de esmeralda, irradiava das janelas-olhos e penetrava com facilidade a neve escassa que caía.

— Não temos cobertura aqui fora. Não devemos chegar mais perto.

— Para ver o que está acontecendo, temos que nos aproximar — insistiu Rachel.

Cautelosamente Rachel conduziu-os à torre mais próxima. Seus encantamentos imploravam que não fosse. Queriam que ela sobrevivesse. Mandaram-na deslocar-se dali. Insistiram para que se disfarçasse, abandonasse Eric e Morpeth, e simplesmente fugisse. Rachel fez pressão para continuar, ignorando os avisos cada vez mais frenéticos.

Numa área de neve plana, intocada, entre as torres, pararam.

— Nojentas! — guincharam ambos os prapsis.

Pela primeira vez, as Bruxas se mostraram. Os vestidos pretos colados à pele, três elevaram-se nos ares em meio às janelas-olhos, entrando e saindo tão depressa que os corpos pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Uma Bruxa, Calen, passou diretamente por cima de Rachel. Não olhou para baixo.

— Não podem nos ver — disse Rachel, tentando se confortar.

— Ou estão fingindo que não podem — sugeriu Morpeth.

Eric localizou uma nova estrutura.

— O que é aquilo? Não estava ali antes.

Um edifício tosco, feito de gelo, começava a se formar dentro do círculo das torres-olhos. Tinha três andares — e crescia. Duas Bruxas faziam vôos curtos em torno da estrutura, dando ordens. Um andar após o outro tomava forma. Morpeth não compreendia como o edifício estava sendo construído. Então, viu o que significavam as manchas que arranhavam os blocos de gelo.

— As crianças o estão construindo!

Dúzias delas trabalhavam. Supervisionadas pelas Bruxas, as crianças usavam as mãos e magia para compactar a neve em blocos de gelo. Movimentavam-se

velozmente, dando forma a paredes e tetos, enquanto as

Bruxas as insultavam, sem permitir descanso. Morpeth, Eric e Rachel observaram, assustados, o edifício ficar pronto em menos de uma hora.

— Para que é? — perguntou Eric. Morpeth disse:

— É óbvio que está sendo construído com um propósito, não para se morar lá dentro. Uma espécie de... prisão. Estão vendo como é apertado? Cada sala tem apenas espaço suficiente para uma criança ficar de pé, e uma única janela. E notem: todas as janelas apontam apenas numa direção: a *nossa*.

Rachel tremeu. Seria uma coincidência? Tinha de ser...

— Eles terminaram — constatou Eric. — E agora?

— Espere — respondeu Rachel.

As Bruxas conduziram as crianças aos quartos indicados. De pé, nas molduras vazias das janelas de gelo, olhavam tristemente para baixo.

De início Rachel achou que as crianças estavam olhando diretamente para ela. Então se deu conta de que espiavam embaixo das paredes. Na base da prisão de gelo, duas Bruxas esperavam de cada lado de uma pequena porta. Uma era Calen. Ela abriu a porta — e uma figura saiu.

Era uma menina, ainda muito machucada: Heiki.

Tropeçou à frente, arrastando pela neve numerosos pedaços de pau e uma corda comprida.

— O que é aquilo? — Eric tentou discernir as formas.

— Eu não sei — Rachel se esforçava para adivinhar um propósito. — As peças são tão pesadas. Ela mal consegue carregá-las, mesmo usando magia.

Morpeth olhou em volta, para os rostos tensos, nervosos, das crianças.

— Disseram-lhes o que vai acontecer — ele falou, compreendendo subitamente. — Cada criança tem a visão perfeita.

Eric franziu as sobrancelhas.

— Visão perfeita de quê?

— Do espetáculo que vão testemunhar... o que quer que seja que tenham planejado para Heiki.

Uma vez ou duas Heiki deixou cair a carga ou tentou descansar. A cada vez, voando por cima, Calen lhe batia nas pernas, forçando-a a prosseguir. Eventualmente, elevou-se a distância suficiente do pé da prisão para que todas as crianças tivessem uma visão clara. Calen sussurrou instruções em seu ouvido.

Concordando, Heiki, peça por peça, montou um dispositivo.

— Ai, não — disse Eric, reconhecendo-o. — Não, por favor.

Era uma força.

Rachel estremeceu, quase caiu. Tinha se preparado para muitas coisas, mas não isso. Foi tomada de pena de Heiki — e medo. Ao mesmo tempo, seus encantamentos de transferência automaticamente saltaram à frente, aguardando um comando para partir.

Heiki terminou de fazer a base angular e a estrutura. Parou um momento, ergueu a corda em todo o seu comprimento da neve e prendeu-a à força. Calen testou a resistência da corda fazendo Heiki sacudi-la várias vezes. Então, Calen dobrou a corda em formato de nó e ergueu

Heiki, usando sua cabeça para medir o tamanho necessário. Rachel surdamente tentou imaginar uma defesa, mas contra cinco Altas Bruxas seus encantamentos nada ofereciam que fosse funcionar.

— *Fuja! Fuja!* — gritavam.

A força estava completa. Heiki recostou-se à base e, quando olhou a corda em nó, em cima, qualquer determinação que ainda tivesse sumiu. Cobrindo o rosto, chorou. Aquele tempo todo ainda tentara impressionar Calen. Sabendo que as Bruxas jamais reagem à piedade, manteve o queixo erguido, esperando que a atitude de desafio — antes tão apreciada por Calen — pudesse valer de alguma coisa. Mas Calen não a encorajou e, agora que a força aguardava por ela, Heiki caiu de joelhos. Encostou os lábios na bainha preta do vestido de Calen e implorou.

— Por favor. Por favor, não...

— Não tem segunda chance — Calen lembrou a ela. Levantando Heiki pelos cabelos, exibiu-a às crianças no prédio de gelo. Quando Heiki se debateu, querendo escapar, Calen simplesmente agarrou-a com mais força. Morpeth olhou o resto das crianças. Das janelas, todos os olhos assombrados estavam em Heiki, inclusive os das mais novas. Obviamente estavam sendo forçadas a observar. Paulo e Marshall, de pé em quartos adjacentes, exibiam expressões petrificadas.

— Pare com isto — murmurou Morpeth. — Rachel, de alguma forma... nós precisamos...

Rachel concordou vigorosamente. Ela não tinha idéia de como.

Calen levantou o pescoço fino de Heiki na direção do nó.

— Escute-me — sussurrou Eric. — Calen está usando dois encantamentos para controlar a corda. Eu os descobri. Acho que sou capaz de destruir ambos.

Rachel, se você tentar...

Morpeth deu um tapa no ombro dele.

— Rachel — continuou Eric —, se você atacar Calen ao mesmo tempo, eu vou...

Morpeth deu outro tapa nele.

— O que é?

Eric sentiu os pêlos do pescoço formigando. Acima deles, piscando no céu, chegavam os Magos.

17

A ARMADILHA



Vinham em grande procissão solene: vinte Magos.

Um de cada vez desdobrava-se das nuvens em roupas majestosas carmesim, turquesa e ouro velho. E, à medida que chegavam, anunciavam seus nomes com júbilo:

— Areglion! Tournallat! Hensult! Serpantha!

Os nomes nada significavam para as crianças, mas as Bruxas se encolheram, recuando. Uma Calen estupefata deu um passo para trás da forca.

— Mãe! — gritou para o céu. — Você prometeu que seria só Larpskendya!

Hensult e Serpantha tomaram posições no epicentro do céu. Tinham a forma de homens, mas eram mais altos — da mesma altura que as Bruxas. Impassíveis, esperaram. Então, o ar cantou de uma maneira tal que torturou os ouvidos escondidos das Bruxas.

Tinha chegado um último Mago de vestes cor de creme. Seus olhos de muitas cores eram selvagens.

— Larpskendya! — exclamou Rachel, cheia de alegria, o coração aos saltos de o ver.

Por um instante, o Grande Mago a cumprimentou com gravidade. Depois, com os outros Magos, deslocou-se no ar, desenrolando-se na neve, junto a Heiki.

Larpskendya tirou o corpo trêmulo da forca. Enxugou suas lágrimas.

Heiki esperava uma punição. Quando Larpskendya simplesmente a pegou nos braços fortes, viu-se incapaz de pensar com clareza. Sem palavras, ele a segurou até ela parar de tremer. Tocando seu braço machucado, curou-o. Afinal, Heiki olhou para cima, mas não conseguiu ver os olhos dele. Ela mal podia falar.

— Por que... você está me ajudando? Larpskendya pareceu surpreso.

— Por que não deveria?

— Depois do que fiz...

— Você já foi muito castigada, não? Você quer mais castigo?

— Não — murmurou. — Ai... Mas fiz umas coisas terríveis.

— E poderia ter feito pior — respondeu o Mago com firmeza. — Haverá uma prova mais dura adiante, por sua causa. Vai me ajudar, Heiki?

Antes dela poder dizer qualquer coisa, soou a voz de Calen. Recuperara-se da chegada dos Magos, embora Nylo, em seu pescoço, ainda estivesse intimidada.

— Vinte Magos! — berrou ela. — Vinte não bastam. Qual é o maior número de Bruxas que você pode derrotar em combate pessoal, Larpskendya? Cinco? Cinquenta?

Ela ergueu uma garra — e uma centena de torres-olhos recém-construídas tremulou de encontro ao céu.

Bruxas elevaram-se nos ares puxando pequenos punhais curvos das vestes pretas.

Se os Magos de Larpskendya estavam com medo, não demonstraram.

— Não estão impressionados? Mais algumas, então. Exatamente seiscentas e cinquenta e seis outras torres surgiram.

As Bruxas saíram como enxame das janelas-olhos, tantas que seus corpos entrelaçados puseram metade da neve na sombra. Morpeth esticou o pescoço. Não conseguia ver além das Bruxas. Elas se amontoavam em toda a sua volta, e acima dele, banhadas numa luz verde.

Boquiaberto, Eric olhou desesperadamente para o céu.

— Eu acho que nem Larpskendya é capaz de vencer tantas — sussurrou, enfiando os prapsis bem no fundo do casaco. — Nós também teremos que lutar.

— Espere por um sinal — disse Rachel, apertando a mão dele. — Larpskendya vai nos mostrar o que fazer.

As Bruxas tomaram posições de combate ensaiadas no céu, vindo juntas, em grupos, cercar os Magos. Cada grupo só continha irmãos de sangue — a combinação de guerra mais feroz. Quando estavam em forma, a cobra-alma de cada Bruxa lambeu seu rosto em diagonal — o sinal tradicional de prontidão para a batalha.

Mas não atacaram.

Larpskendya continuava calmo.

— Faça o pior, Bruxa — ele disse à Calen —, como a sua espécie sempre fará. Nós estamos preparados.

Ele deu as mãos aos outros Magos, colocando Heiki no centro do círculo que fizeram.

— Talvez Rachel e seus amigos queiram entrar também — disse Calen, esperta.

O encantamento de abrigo foi desnudado, expondo Rachel, Eric e Morpeth. As crianças no edifício olhavam admiradas. As Bruxas pareciam apenas se divertir.

— Fiquem onde estão — Larpskendya avisou a Rachel. Tendo consultado seus companheiros Magos, ele disse a Heiki umas poucas palavras urgentes. Brevemente, Heiki argumentou com ele. Então, lançando de esguelha um olhar perturbado a Rachel, ela começou a caminhar pela neve em sua direção.

— Eu não posso acreditar! — explodiu Eric. — Caramba! Larpskendya mandou Heiki para cá, junto de nós!

— Deixe-a vir — disse Rachel, encarando o olhar firme de Larpskendya. — Ele obviamente não pode protegê-la se tem que lutar contra tantas Bruxas.

— *Nós* vamos protegê-la? — perguntou Eric, desafiador. — Depois do que ela fez?

Heiki se arrastou pela neve de cabeça baixa. Incapaz de ficar ao lado de Rachel, tomou posição, insegura, junto de Morpeth. Rachel a cumprimentou brevemente de cabeça, mostrando que tolerava sua presença, nada mais. Sentimentos conflitantes a inundaram. Larpskendya desejava aquilo, mas poderia ela confiar em Heiki?

Os Magos se aproximaram, de pé, costas contra costas.

— Tem certeza de que quer este combate? — perguntou Larpskendya a Calen. — A maior parte das suas Altas Bruxas está aqui. Mesmo que você nos derrote, quantas sobrarão para defender Ool das Griddas? Não posso acreditar em que Heebra foi tola a ponto de deixá-las soltas.

Calen riu.

— Diga isso a ela você mesmo. Uma surpresa final! Todas as Bruxas fizeram coro a seu júbilo e dispersaram-se, deixando um vazio no ar.

Dentro dos bolsos do casaco de Eric, os prapsis começaram a choramingar. Aquele ruído eles nunca tinham feito antes.

— O que é isso? — perguntou Rachel, enquanto pensava em como ajudar os Magos.

Eric suspendeu a respiração.

— Você não... não está sentindo?

Os soluços dos prapsis subiram de tom, tornando-se guinchos.

Rachel agora conseguia sentir a razão daquilo com clareza — uma imensa explosão de magia.

— Aí vem ela — disse Eric, cerrando os dentes.

Num único movimento todo mundo — Bruxas, Magos e crianças olharam para cima.

Através do céu aparecera nova torre. Era tão imensa que as crianças tiveram que virar as cabeças para trás para absorver sua estatura. Rachel viu seu olhar atraído para a janela-olho. Uma sombra volumosa se movimentava por trás do vidro. Por um instante, a sombra se voltou para ela. Mexeu-se — depois parou — e aí olhou diretamente para Rachel. Sob sua inspeção meticulosa, Rachel não era capaz de respirar. Enfrentara os encantamentos de Dragwena com mais tranquilidade do que agora enfrentava essa sombra. Esta era capaz de matá-la sem fazer esforço, deuse conta. E era isso o que queria. Queria lhe fazer mal!

A menina conseguiu virar a cabeça.

Ligeiramente, quase imperceptivelmente, viu o corpo todo de Larpskendya tremer. Rachel ficou sabendo então que fosse o que fosse o que possuía aquela sombra, ele não a esperava.

Heebra, a cabeça da Irmandade de Ool, disparou da torre. Num único salto cobriu a distância até os Magos. Por uns poucos segundos, apenas ficou de pé ao lado de Larpskendya, desfrutando de seu mal-estar. Então fez uma reverência e disse, cortesmente:

— Meus cumprimentos, Larpskendya. Carne para carne, enfim. Como esperei por isto!

Examinou suas vestes cintilantes e os outros Magos.

— Devemos dispensar essas ilusões?

Quando ela tocou seu ombro, todos os outros Magos desapareceram. Larpskendya estava sozinho na neve, a roupa em frangalhos. Heebra farejou.

— Esse trapo confuso, esse farrapo, é mesmo o célebre Larpskendya? Eu esperava coisa melhor. Você imaginava atordoar minhas Bruxas e dominá-las com seu truque? Ou simplesmente desviar seus ataques?

Larpskendya ficou em silêncio. Seus ombros caíram e pela primeira vez Rachel notou a natureza assustadora de seus ferimentos. Três cortes profundos lhe

atravessavam o pescoço — claramente provocados por garra de Bruxa, embora bem maior que as que Rachel já vira. As feridas eram recentes, ainda sangravam.

— Vejo que minhas Griddas cuidaram bem de você — ironizou Heebra. — Mas eu sabia que você ia sobreviver. Sempre foi um adversário de valor, Larpskendya.

— Não sou seu inimigo.

— Você matou Bruxas — disse Heebra. — Você nega isso?

— Só quando não me deram outra escolha. Não senti prazer nisso.

— Uma pena — disse Heebra, rindo. — Devia ter sentido. Eu, com certeza, vou tirar prazer da *sua* morte.

Ela espetou o ferimento em seu pescoço.

— Você tirou a vida da minha filha. Por quanto tempo devo fazer você sofrer por isso?

Larpskendya nada disse, sabendo que as palavras não fariam diferença.

— Você não vai recuar para dentro do seu silêncio — Heebra lhe disse. — Eu já perdi tempo bastante neste mundo. Sinto desejo de cometer violência diante de você.

— É a minha morte o que você quer — Larpskendya respondeu com a voz calma. — Deixe as crianças.

— Vai ser preciso mais que a sua morte para me satisfazer. Acho que vou matar estas crianças todas. Suas vidas nada significam para mim.

— Poupe-as — pediu Larpskendya. — Se as poupar, eu me entrego.

— Você se entregaria? Sem combate? Sua voz soou espantada.

— Se você prometer que não vai machucar as crianças. Eric gritou.

— Não acredite nela, Larpskendya! O que está fazendo? Ela vai nos matar de todo jeito!

— Confie nele — sussurrou Rachel, sem jamais tirar os olhos de Larpskendya.

Heebra hesitou. Obviamente Larpskendya estava protegendo as crianças, ela sabia que ele faria isso, mas não esperava uma rendição tão simples. Olhou-o com curiosidade. Mesmo em seu estado enfraquecido, ela sabia, Larpskendya provavelmente destruiria centenas de suas melhores Bruxas antes delas o vencerem. Os grupos de Bruxas estavam ansiosos para lutar, mas, para Heebra, era conveniente evitar o conflito. Testar a determinação dele, ela pensou. Se isso for mais um truque,

como o dos falsos Magos, desmascare.

— Muito bem — assentiu ela. — Concordo com os seus termos. Mas a honra do sangue de Dragwena tem de ser satisfeita em primeiro lugar, é claro. Então, vou poupar todas as crianças com exceção de duas. Dê-me Eric e Rachel. Esta é a *minha* condição.

Fez-se silêncio. A expressão de Larpskendya era indecifrável.

— Sim — murmurou ele afinal. — Faça o que quiser com Rachel e Eric.

A maioria das crianças não conseguia acreditar que ele tinha dado essa resposta. Olhavam-no em estado de choque. Diversas das que estavam presas na torre de gelo choravam. Eric pôs-se a insultar Larpskendya aos brados e os prapsis o acompanharam. Morpeth, atônito, não engolia o que tinha escutado. Até Heiki sacudiu a cabeça, as emoções profundamente abaladas. Pelo menos, se Heebra cumprisse sua promessa, ela poderia então sobreviver àquilo...

Só Rachel mantinha o olhar em Larpskendya. Fixava-o com fé inabalável e ele devolvia o olhar, os olhos cheios de determinação, pedindo a ela coragem.

— Promete obedecer às minhas Bruxas? — perguntou Heebra, uma unha verde embaixo do queixo de Larpskendya. — Não vai resistir?

— Não vou resistir.

Heebra fez um gesto às Bruxas que guardavam as crianças aprisionadas para que esvaziassem a estrutura de gelo, e Larpskendya permitiu que o levassem para lá. Heebra cautelosamente supervisionou o céu, preparando-se para uma armadilha. Teria ela perdido alguma coisa?

— Levem-no para o alto — ordenou. — Depressa. E amarrem-no com força.

Mais de um terço das Bruxas escoltou Larpskendya ao interior da prisão. De início, a maioria, nervosa demais, não o tocava. Como continuou a não oferecer resistência, as Bruxas ficaram mais ousadas. Amarraram seus pulsos e tornozelos. Fecharam sua boca com fio mágico, para evitar a emissão de encantamentos. Feito isso, as Bruxas, em êxtase, perderam qualquer medo que ainda tivessem. Rosnando de alegria, levaram Larpskendya escada acima, arrastando-o de encontro aos degraus de gelo até o topo. Cada vez mais depressa subiam os andares e, à medida que corriam, mais apertavam as amarras de encantamentos, até Larpskendya sangrar.

Rachel não conseguia olhar.

— Ai, Larpskendya — disse Eric, passada a raiva, substituída por um sentimento de total desolação e vazio. — O que foi que você fez?

Calen subiu voando à janela do Grande Mago e botou a ponta da adaga

curva de encontro a seu pescoço. Ela tremia de excitação.

— Deixe para mim! — gritou ela.

— Não — disse Heebra. — Deixe-o ver seus favoritos morrerem primeiro. Comece com a menina.

Morpeth procurava uma coisa qualquer com que defender Eric e Rachel. Olhou para as crianças reunidas. Um monte esfarrapado, elas acotovelavam-se desconsoladas na neve. Morpeth silenciosamente apelou para Paulo e Marshall. Vendo-o, eles desviaram os olhos. Envergonhados — Morpeth se deu conta —, assustados demais para arriscar o castigo das Bruxas.

— Temos uma assassina de Bruxas entre nós — disse Heebra. — Quem quer lutar com Rachel?

Centenas de Bruxas fizeram clamor para serem notadas. Heebra escolheu ao acaso as primeiras dez. As escolhidas se reuniram num semicírculo, aguardando o sinal de Heebra para começar.

Morpeth imediatamente deslocou-se para a frente de Rachel. Eric tomou posição atrás, guardando a retaguarda. Tentou afugentar os prapsis, mas estes permaneceram em seus bolsos, fazendo caras e bocas para Heebra.

— Então venham, suas bruxas feias! — desafiou Eric. — Quantas quiserem!

— Esperem — disse uma voz.

Era Heiki. Seu rosto branco, fino, tremia de medo enquanto ela abriu caminho em meio aos corpos volumosos das Bruxas. Quando chegou ao lado de Rachel, virou-se para confrontar Heebra. Não estava calma, mas confrontou. Procurando a mão de Rachel, agarrou-a.

Morpeth fez com que todos se dessem as mãos, aproximando-se: um frágil escudo.

Heebra ergueu uma garra para dar início ao ataque, mas um ruído ligeiro na brisa a distraiu. Era um som tão esquisito na atmosfera cheia de terror que todo mundo reparou.

O som de riso.

Yemi chegara. Flutuando por entre as torres das Bruxas, balançava para a frente e para trás, como se nada pudesse ser mais prazeroso. Quando se aproximou das crianças guardadas pelas Bruxas, mostrou-lhes uma nova dança que tinha aprendido: ereto, nas pontas dos dedos dos pés, abanou os braços. As Belas de Camberwell dançaram com ele.

— O que ele está fazendo aqui? — Heebra grunhiu para a filha.

— Eu... não estou entendendo — desculpou-se Calen. — Eu não chamei o menino. Ele deveria estar com sua família. Deixei incontáveis encantamentos para que ficasse seguro lá.

— Remova-o! — disse Heebra, olhando com suspeita para Larpskendya.

Calen voou da prisão para interceptar Yemi, mas não conseguia apanhá-lo. Cada vez que o alcançava com as garras, ele se encolhia e fugia, irritando-a.

— Sem brincadeiras — insistiu. — Venha cá.

Yemi continuou escapando de Calen. Repetidamente fugia de seu alcance.

Heebra sacudiu a cabeça, apreciando.

— O vôo dele chegou a um grau de habilidade e precisão que nem você é capaz de dominar, Calen.

Rachel se apoiou em Morpeth. Mal conseguia controlar seus sentimentos. Desde que Yemi chegara, o ignorara deliberadamente. Enquanto seu cumprimento mágico a banhava com um fluxo de calor, ela o devolvia com fria e definitiva rejeição. Como ansiava por apenas segurá-lo! Mas, quando as Bruxas soltassem o ataque em cima dela, ele não podia estar por perto...

— Deixe-o — Heebra disse a Calen quando ficou óbvio que a filha jamais conseguiria tornar a apanhar Yemi, a não ser que ele o desejasse.

— Simplesmente não antagonize o menino. Esticou-se, tomando sua altura total, e olhando de cima para Rachel.

— Está pronta para se defender?

Rachel não respondeu. Olhava fixamente para Larpskendya. E o Grande Mago retribuía o olhar. Ardia para que ela o notasse.

— Não adianta esperar assistência dali — regozijou-se Heebra. — Amarrado com fios de encantamento, ele é tão impotente quanto um dos adultos de vocês.

Rachel olhava dentro dos olhos multicoloridos de Larpskendya. Dentro deles viu uma imagem: Yemi. Um movimento mostrou a Rachel o que Larpskendya queria que ela fizesse. Ela piscou. Não. Aquilo não poderia ser correto. Ela deve ter entendido mal. Apertou os olhos, espiando mais de perto.

— Não! — berrou Rachel. — Eu não farei isso!

Os olhos de Larpskendya transbordaram de lágrimas. Mas estavam também duros, insistentes, querendo que Rachel acreditasse nele.

Ao sinal de Heebra, as Bruxas designadas para matar Rachel abriram as mandíbulas. Encantamentos de morte correram de suas bocas conectadas.

Eric teve tempo para destruir os dois primeiros, mas a onda de choque do terceiro o lançou e a Heiki no ar. Eles aterrissaram a diversos metros de distância e ficaram deitados na neve, imóveis. Momento depois, os prapsis atônitos caíram feito pedras dos bolsos de Eric.

Morpeth empurrou Rachel para baixo, cobrindo-a com o próprio corpo. Procurou receber o impacto do maior número possível de golpes. Mas os encantamentos de morte o jogaram selvagememente de lado — e mergulharam sobre Rachel.

No instante em que o primeiro encantamento bateu nela, Rachel chorou — mas não de dor. Não sentiu dor. Assim que o encantamento tocou seu corpo, ela desviou seu alvo.

Sem tirar os olhos de Larpskendya, voltou todos os ataques das Bruxas — cada um dos ataques letais — para Yemi.

A CRIANÇA
BORBOLETA

Ao primeiro toque dos encantamentos de morte, as borboletas de Yemi se transformaram.

As mesmas asas amarelas delicadas que um momento antes batiam a flunar tornaram-se um escudo endurecido. Espalharam-se por todo seu corpo: ele nada sentia.

A maior parte das Bruxas imediatamente parou com os ataques. Duas não pararam. Tinham esperado muito tempo por uma luta, qualquer luta, e pouco lhes importava se era contra Yemi ou Rachel que disparavam. Aí, uma foi jogada para trás. Aos berros, enfiou na neve os olhos — que soltavam fumaça. A segunda Bruxa caiu de joelhos, um dos pulmões perfurado.

— Deixem-no, suas tolas! — ordenou Heebra. — Não estão vendo o que o menino está fazendo?

Calen olhava admirada.

— Está jogando os encantamentos *delas* próprias de volta para elas!

Os ataques terminaram e todo mundo olhou para o espaço que continha Yemi.

Por um tempo não se podia vê-lo. Vapor da neve fervida pelos encantamentos de morte se erguia em toda a volta. Quando a neblina subiu, todos viram que ele não tinha ferimentos. Os ataques sequer alteraram o humor de Yemi. Com simples curiosidade, ele apanhava os fiapos de ar quente que subiam. Seu escudo amarelo tinha desaparecido, separado, mais uma vez, nas muitas e delicadas borboletas. Algumas tinham as asas chamuscadas, nada pior que isso.

A maioria das Bruxas, ao ver as duas irmãs feridas, esperava que Heebra aprovasse um novo assalto.

— Esperem! — ordenou. — Não toquem o bebê! Nenhuma Bruxa tinha morrido, ela se deu conta, com alívio. Somente uma Bruxa cega, humilhada, mas machucada demais para lançar mais ataques.

— Nenhuma irmã morreu — gritou Heebra. — Contenham-se. Eu destruirei quem tentar lançar um encantamento contra Yemi ou Rachel!

Suas Bruxas obedeceram impacientemente, sussurrando em tom assassino.

— Que tipo de organismo ele é, mãe? — perguntou Calen, voando para o outro lado.

Ela manteve distância de Yemi.

— Ele é alguma coisa fabricada por Larpskendya? Não é humano, com certeza.

— É humano, sim — respondeu Heebra. — Uma evolução excepcional da magia. Deve ser único, um moleque, até mesmo nessa espécie.

Ela olhou com cautela para Larpskendya, em cima. Mesmo amarrado por encantamentos, ela sabia que ele de alguma maneira tinha conseguido convocar o menino. O que mais estaria planejando? Ela viu um olhar passar entre ele e Rachel.

— Cubram os olhos do Mago! — falou com raiva para as Bruxas mais próximas. — Amarrem-no completamente e pressionem sua cara de encontro ao chão!

Empurraram a cabeça de Larpskendya a um nível mais baixo que a janela. Rachel estremeceu, sem saber o que fazer em seguida — ele não tinha tido tempo de mostrar. Ouvindo a própria respiração forçada, ela se deu conta do quanto tudo estava silencioso. Podia-se ouvir a voz de bebê de Yemi resmungando com Calen — um barulho extraordinário naquele lugar tão cheio de desespero. O único outro ruído era o farfalhar de vestidos. Vinha de centenas de Bruxas num círculo quase silencioso por sobre sua cabeça, observando-a.

Eric e Heiki, tontos, estavam espalhados na neve. Os prapsis, eles próprios meio fora do ar, agitavam-se junto ao pescoço de Eric, tentando consolá-lo com sua tagarelice. Morpeth estava mais próximo. Instintivamente, Rachel se dirigiu a ele.

Heebra viu, mas estava mais interessada em Yemi. As tentativas de Calen de atraí-lo a seus braços tinham falhado. A certa altura, ela conseguiu arrancar uma borboleta de seu nariz — mas Yemi agarrou-a de volta, zangado.

— Parece que não gosta mais de mim — disse Calen.

— Ele nunca gostou de você — esclareceu Heebra. — Era a sua magia que o interessava. Aparentemente, desinteressou-se.

Calen espiou, desconfiada, as Belas de Camberwell.

— O que são esses estranhos insetos, mãe?

— Meras borboletas, nada além disso — explicou Heebra. — A mágica de Yemi as transforma naquilo de que ele gosta ou precisa.

— Mas ele é apenas um bebê. Como pode fazer isso?

— Sua magia é muito mais avançada que sua compreensão humana — disse Heebra. — A mente bebê de Yemi não sente ameaça, mas sua mágica a reconhece. Eu quero que você o leve para longe daqui, Calen. Há um elo entre Yemi e Rachel que pode ser perigoso, e algumas irmãs continuam querendo atacá-lo. Vamos remover essa tentação.

Calen concordou, indo ao encalço de Yemi. Calmamente, ele deslocou-se a uma pequena distância.

— Pare de agarrá-lo — Heebra lhe disse. — Você sabe que ele adora gestos do tipo humanos. Ofereça-lhe a simples afeição que ele quer. Comporte-se mais como mãe. Acaricie-o. Ponha os lábios na bochecha dele.

— Um beijo?

— Sim, o que de mais próximo você puder fazer.

Foi um espetáculo doloroso. As bocas de Calen não tinham sido feitas para esses gestos ternos. Quando as pressionou mais perto do rosto de Yemi, as mandíbulas saltaram fora de maneira alarmante — o cheiro e toque quentes do menino, misturados com os próprios sucos delas, as levaram à loucura.

— Ande com isso — determinou Heebra. — Eu quero acabar logo com Rachel.

Yemi empurrou os dentes para longe, com repulsa. Num impulso afastou-se de Calen e deslizou, hesitante, em direção a Rachel. Sorriu-lhe, mas ela o ignorou. Por quê? Confuso, continuou mandando convites mágicos esperançosos, querendo a companhia e amizade dela.

Somente com a resolução de não olhar para Yemi é que Rachel conseguiu manter sua hostil rejeição. Tudo o que queria era levá-lo para longe, longe daquele lugar horroroso — mas não era possível.

Alcançando Morpeth, apalpou seus ferimentos. Delicadamente, com o maior cuidado, examinou as costas dele. A coluna tinha sido afetada em diversos pontos, disseram-lhe os encantamentos.

Eu seria capaz de curar as feridas, ela pensou com amargura, mas as Bruxas jamais me permitirão completar a tarefa.

Ao dar-se conta disso, suas lágrimas caíram sobre, o rosto de Morpeth. Com isso, ele abriu os olhos brilhantes.

— Ainda não estamos liquidados — ele disse, com a voz rouca. — Eu não estou liquidado e nem você. Ponha-me de pé.

— Eu não posso — murmurou Rachel. — A sua espinha está quebrada.

Mantendo-se quieta, tentando não atrair a atenção das Bruxas, ela usou magia para fazer ele se sentir ligeiramente mais confortável.

— Não faça isso — disse Morpeth. — Preciso permanecer consciente. A dor ajuda. Conte-me o que aconteceu.

Ela explicou o modo como as borboletas de Yemi reagiram aos encantamentos de morte.

— É claro — ele disse, atordoado por um espasmo. Furiosamente lutou para permanecer consciente, o corpo todo se sacudindo com o esforço.

— Mantenha os ataques das Bruxas em cima de Yemi — ele insistiu. — Faça com que continuem. É uma chance.

— Não posso — protestou Rachel. — Não está entendendo, Morpeth? Heebra mandou as Bruxas pararem. Agora não tocarão nele.

Morpeth olhou fixamente para o céu. A principal força de Bruxas retribuiu o olhar, girando em torno de sua cabeça como bandos de aves colossais. A maior parte ficou apenas a observá-lo, mas algumas voaram mais baixo, gritando insultos e soltando as garras em seu rosto.

— Estão impacientes para continuar a luta — disse Morpeth, mal se ouvindo sua voz agora. — Ótimo. É o que queremos. Aproxime-se.

Rachel botou o ouvido junto à boca dele. Momentos depois, quando tirou o cabelo de suas bochechas, ele estava inconsciente.

Rachel não tentou despertá-lo. Levantou-se e dirigiu-se a Eric. No caminho, parou brevemente perto de Heiki e fez o que pôde para facilitar sua respiração — aquilo teria que bastar.

O corpo de Eric estava caído num pequeno buraco. Deveria estar coberto de neve, mas os prapsis — que se recuperavam — mantiveram os flocos longe. Quando Rachel se aproximou, estavam ocupados lambendo seu rosto, esfregando-o com os narizes e queixos gorduchos, para acordá-lo.

Com delicadeza, Rachel os puxou de lado e usou um encantamento de cura

rápida para levantar Eric.

— O que está acontecendo? — perguntou ele, logo procurando pelos prapsis, para se assegurar de que estavam a salvo.

— Está tudo bem — sussurrou ela. — Escute, não temos muito tempo...

Enquanto Eric se erguia, sentindo dor, Rachel endureceu o coração em relação a Yemi. Era a única maneira...

— Está pronto? — perguntou. Eric fez que sim.

Ali perto, Heebra observava a filha que ainda tentava interessar Yemi. Ele já não deixava Calen chegar perto.

A magia do menino crescera mais que a dela, deu-se conta Heebra. Dali para a frente, ela própria teria que treinar Yemi, usando...

Subitamente, atrás, sentiu um encantamento de morte sendo preparado.

Virou-se. Era a Bruxa que ficara cega. Cambaleando na neve, ela farejava Yemi, tentando identificar seu cheiro por sobre a catinga da própria pele queimada. A cada momento sua força melhorava.

Feito de Rachel, Heebra logo sentiu. Rachel a está curando.

A Bruxa cega abriu as quatro bocas num único ataque penetrante.

— Pare! — gritou Heebra, formando um encantamento para matar sua própria Bruxa.

— Agora! — chamou Rachel.

Eric levantou o dedo — e o encantamento de Heebra evaporou-se. Ela tentou refazê-lo e não conseguiu. Sem ter enfrentado antes tal situação, Heebra, por um momento apenas, ficou confusa.

A Bruxa cega deslanchou seu encantamento.

Ele jamais alcançou Yemi. Desta vez, suas borboletas estavam preparadas. Uma engoliu o encantamento. Outra mandou-o de volta à Bruxa cega. Esta caiu morta instantaneamente.

Seis irmãs de sangue da Bruxa morta logo o perseguiram. Nenhuma das outras Bruxas interferiu. Era claramente uma retaliação. Elas tinham todo o direito de vingar aquela morte. As irmãs desembainharam os dentes e juntas voaram na vertical, céu abaixo.

Heebra às pressas colocou um escudo em volta de Yemi de tal modo que os encantamentos não pudessem penetrar.

Mais uma vez, Eric o destruiu.

As irmãs desceram em cima de Yemi. À medida que se aproximavam, alteraram a formação. Dividindo o grupo, vieram em duplas — um ataque triangular clássico. A irmã mais velha, uma lutadora experiente, liderava, pacientemente guardando a decisão acerca de qual encantamento de morte usar até o último momento possível. Finalmente, sua cobra-alma o nomeou — e as bocas de todas as irmãs simultaneamente encheram-se de chamas.

No mesmo instante, aquelas chamas desceram, rasgando suas próprias gargantas. Todas as outras Bruxas olhavam fixamente, descrentes, enquanto a família inteira de irmãs caía do ar sem ruído, os vestidos negros queimando como trapos ao vento.

Fez-se silêncio, silêncio absoluto. E, então, dos ultrajados grupos de Bruxas remanescentes, a ira transbordou. Heebra as viu todas a preparar-se para a guerra contra Yemi. Com tantas irmãs mortas agora, estendidas por sobre a neve, nada as poderia deter.

— Fique de fora — ela disse a Calen, deslocando-se para o outro lado. — Yemi é perigoso demais para ser deixado vivo. Eu mesma vou acabar com ele.

Emitiu todo o seu poder mágico para atrair Yemi.

— Venha, menino — chamou Heebra, sorrindo. — Eu sei que você quer.

— Não! — gritou uma voz.

Era Paulo. Com um grande berro, ele voou através da neve. Não vinha sozinho, mas com Marshall e todas as outras crianças, numa tremenda fileira em vôo rápido. As Bruxas de guarda retiveram algumas, mas a maior parte completou o curto percurso até Heebra.

Paulo chegou primeiro. Lançou-se sobre a cara dela. Heebra interceptou-o, pondo-o de lado, mas não foi capaz de deter todas as crianças. Estas a atropelaram, afastando-a de Yemi. Por uns poucos momentos, Heebra ficou por baixo de suas mãos pequenas, irritada com os dedos sem garra e encantamentos simplórios.

Aí, num único movimento fácil, sacudiu todo mundo dali e deu uma estocada final, respirando dentro da boca de Yemi.

As palavras entraram no corpo dele.

— Ai, não! — disse Eric.

Yemi soltou um berro. Um grito em tom alto, seguido de dúzias de outros: das suas Belas de Camberwell. Yemi agarrou-se a elas em desespero. Tossiu, curvou-se, segurou a garganta. Alguma coisa doía lá dentro. Ele tentou alcançar o vestido de Heebra, sem entender que ela era a causa daquilo. Heebra o chutou e

afastou-se.

— Por que você não parou o encantamento? — Rachel ralhou com Eric. — Yemi não é páreo para Heebra! Por que não o parou? Por quê, Eric?

— Eu não vi — murmurou ele. — Ela... ela escondeu o encantamento de mim.

Yemi engatinhou uns metros atrás de Heebra. Aí, caiu de cara. Ao mesmo tempo, as borboletas se encolheram e voltaram ao tamanho normal — em sua dor, Yemi se esquecera delas. As Belas de Camberwell tinham perdido as propriedades mágicas. Como uma nuvem amarela, subiram.

Abandonando-o.

— Não! — gritou Rachel.

E correu pela neve e pegou Yemi no colo, aninhando-lhe a cabeça. Abriu sua boca com delicadeza, introduzindo no corpo do bebê encantamentos de informação para descobrir o tipo de arma utilizado por Heebra. Aí sentiu — no fundo de Yemi — um encantamento extraordinário, dele próprio, querendo se formar. Inclinou o rosto sobre o rosto dele. Sua boca se abriu ainda mais.

Heebra viu o perigo.

— Matem Rachel! — ordenou às Bruxas. — O menino não pode fazer nada sem ela agora.

A respiração de Yemi era apenas um murmúrio. Rachel pressionou os lábios de encontro aos dele. Com esforço, o novo encantamento subiu pela garganta do menino, tentando alcançá-la, para viver. Ela o aspirou e segurou na boca.

— Detenham-na! — guinchou Heebra.

Quando Rachel soprou o encantamento para fora, Heebra voou através da neve, tentando capturá-lo. Mas o encantamento escorregou através de suas garras. Num círculo em ondas pela brisa vibrante, ele fluiu em todas as direções para longe do Pólo.

Rachel olhou selvagememente para Eric.

— Que tipo de encantamento é?

— Uma espécie de despertar — gritou ele. — E acho que sei o que está procurando.

— O quê?

Os olhos de Eric brilharam.

— Crianças, Rachel. Está procurando crianças!

19

DESPERTAR



O encantamento de Yemi deixou o Pólo, expandindo-se rapidamente através do gelo e da neve.

As primeiras crianças que alcançou viviam na cidade pesqueira norueguesa de Hammerfest, no extremo norte do mundo. Era tarde, depois da meia-noite, mas o sol de verão brilhava como sempre nesta latitude sobre as crianças quentes adormecidas. Como um suspiro, o encantamento de despertar entrou pelas janelas abertas. Onde as janelas estavam fechadas, ele desceu pelas chaminés. Onde não havia chaminé, espremeu-se por entre as mais mínimas fendas na madeira ou nos tijolos. Nada conseguia detê-lo.

Atravessou as camas; um toque ligeiro — só um sopro — mas as crianças logo acordavam. Jovens em dúzias de lares agarraram os brinquedos. Bebês bateram os chocalhos juntos no mesmo ritmo. Crianças mais velhas pularam dos colchões e correram às janelas, à medida que a magia que sempre tinham possuído era liberada.

O encantamento ganhou velocidade. Não havia tempo a perder. Espalhando-se num grande anel por sobre os mares do Ártico, expandiu-se. Através da baía de Baffin no Canadá, por sobre o mar Kara, entrou na planície oriental da Sibéria, desceu o norte da Finlândia, seguindo o cheiro das crianças até Ivalo e além. E, de seus quartos, em países a centenas de quilômetros de distância, crianças que nunca se conheceram de repente sentiram umas às outras.

O encantamento prosseguiu. Fluiu com o rio Mackenzie, descendo ao forte Good Hope, no Alasca. Cortou, veloz, os grandes lagos canadenses-norte-americanos: Michigan, Ontário, Erie. Mas Yemi precisava de mais. Então, mandou o encantamento para a parte escura do hemisfério norte. Em Nápoles, na Itália, encontrou dois meninos roubando pneus de carros: eles mudaram de idéia. Soprou

através de crianças sonhando em Tashkent e Toulouse. Quando seus olhos se abriram, brilhavam com cor de prata.

O encantamento cruzou o Equador. Fuçou sótãos, pátios de colégios, choças. Seguiu crianças que matavam aula no Peru e as alcançou. Encontrou meninas saltando na Austrália e as fez tropeçar. Procurou por baixo da terra, em lojas sujas de suor e lugares desumanos onde crianças escravas perpetuamente vivem. As crianças largaram as ferramentas e se deram as mãos, sabendo que nada jamais seria igual outra vez.

Nas profundezas da África, o encantamento viajou, para um destino especial: Fiditi. Lá descobriu Fola, e a acordou. Na sua esteira, ela chorou quando reconheceu a voz do irmão.

O encantamento brotou através do globo inteiro. Não parou, não fez pausa nem diminuiu a marcha enquanto toda criança em todo o vasto mundo dia e noite não sentisse seu toque radiante.

Mas — no pólo — ajoelhada na neve, Rachel segurava Yemi, que tremia em seus braços.

Mal estava vivo agora. O encantamento de morte de Heebra o contaminara, assim como a sua alegria selvagem, e mesmo a magia de Rachel só era capaz de desacelerar o ataque. Os olhos castanhos quentes de Yemi vagos, quase se fechavam.

No entanto, Yemi continuava no comando do seu encantamento de despertar. Modificou-o. Não mais gentileza. Yemi nunca tencionou apenas despertar a magia nas crianças. Ele precisava da magia delas. Era a única maneira que conhecia de combater o encantamento de morte de Heebra.

Seu encantamento de despertar tornou-se um encantamento de *alimentar*.

Só as crianças no Pólo foram poupadas. Sem avisar, Yemi buscou a magia nova de todas as outras crianças — e a tomou. Não havia tempo para ser bom. Yemi só sabia da sua dor, da sua terrível necessidade. De modo que arrancou a magia de toda criança na Terra — não lhes deixou nada — e sorveu-a como uma grande maré, em direção a seu corpo dolorido.

Um som, então, tirou toda a tranquilidade do mundo.

Era um berro. O som de todas as crianças do mundo, bilhões delas, gritando ao mesmo tempo. Não conseguiam suportar aquela perda. Por alguns momentos, cada criança viu o quanto sua vida tinha sido vazia sem a magia; agora, que o vazio retornara, não o iam aceitar. Reagiram com zanga. Seguindo a mágica roubada, a raiva de todas as crianças fluíu para o Pólo.

Rachel aninhava a cabeça de Yemi quando os primeiros traços da magia das crianças entraram. De início, a mágica era uma gota pingando sob suas pálpebras. Então, ele arregalou os olhos e ela se derramou para dentro, até o corpinho parecer prestes a explodir com brilho insuportável. Ele suspirou, relaxou, respirou outra vez. Rachel sentiu a mágica lhe descendo pela garganta, entrando nos pulmões, nas veias envenenadas e no coração quase morto — atacando a malícia de Heebra.

Curando-o.

Mas, logo depois da magia, veio a raiva. Estava quase alcançando o Pólo.

Rachel não tinha idéia do que significava. As Bruxas confusas a sentiram, e olharam para Heebra, espantadas. Como queriam agora uma liderança!

Heebra identificou o que vinha. Sabia que nada era capaz de suportar a raiva que Yemi sem saber desencadeara. Era vasta demais. Um impulso pulverizador de angústia. Nenhuma coisa viva no Pólo sobreviveria a essa raiva: nem ela, nem Larpskendya, nem nenhuma de suas Bruxas; nenhuma das crianças — até mesmo Yemi seria esmagado. Ela obliteraria tudo.

Mal houve tempo para decidir o que fazer. Heebra olhou para Yemi. Como detestava aquela criança alegre, incapaz até mesmo de tirar prazer das Bruxas que matara. Rachel — ela subestimara. Agora vejo, ela pensou, como pôde lutar de maneira tão magnífica contra Dragwena. Por Larpskendya, sentia apenas o antigo ódio. Não havia tempo agora sequer para apreciar matá-lo. De algum modo, mesmo amarrado com os fios, permitiu que ele a superasse. Aquilo doía mais que tudo.

Heebra gostaria de observar a agonia da morte dos inimigos, mas sabia que não poderia sequer ter esse prazer. Precisava salvar suas Altas Bruxas. Todas as melhores se encontravam aqui. Se morressem, a majestade de Ool morreria com elas.

Ternamente, sussurrou a Mak umas palavras. Esta ergueu a cabeça dourada pesada, pronta para protegê-la pela última vez.

— O que é isso? — perguntou Calen, voando até lá. — O que está acontecendo?

— Não tenho tempo para explicar — disse Heebra. — Conduza as irmãs para longe, todas elas. Voem próximas, na mesma direção, e eu mantereí um caminho seguro aberto pelo tempo que puder.

Calen estremeceu.

— Mãe, não, de jeito nenhum. Eu não vou sem você. Vamos ficar e lutar juntas!

— Esta não é uma competição que eu possa vencer, com ou sem a sua ajuda — disse Heebra. — Leve as minhas Bruxas deste mundo infeliz. Você agora é a líder delas!

— Eu... não estou preparada para governar — falou Calen, num tom de súplica. — Eu não...

— Fuja! — gritou Heebra, fazendo soar um alarme através do céu.

Inseguras, em pequenos grupos nervosos, as Bruxas ergueram-se das neves. Calen as conduziu ao sul e Heebra botou para fora as quatro mandíbulas. Um cone estreito de luz verde emergiu de seus lábios. Compreendendo, as Bruxas entraram nele, juntas. Para o alto, voaram, penetrando as nuvens densas, continuamente olhando Heebra, atrás.

— Depressa! — rugiu Heebra. E, aí, soltou outro rugido.

A raiva das crianças tinha alcançado o pólo.

Heebra se preparou. Enfrentara Altas Bruxas do maior intelecto e imaginação. Derrotara incontáveis encantamentos de maldição. Aquilo era pior: como mil maldições bárbaras. Levantou Mak, atraindo a raiva para si.

E a raiva, ávida, veio atrás dela. Mak engoliu o que pôde. Quando não pôde mais absorver, Heebra abriu as próprias mandíbulas. A raiva penetrou aos fluxos. Ela esticou os braços, curvada, tremendo, à medida que a fúria a tomava.

As crianças no Pólo não olharam, ou olharam, as que puderam suportar.

Heebra conteve a raiva pelo tempo que pôde. Finalmente, na companhia de apenas umas poucas de suas Bruxas no Pólo, cedeu. A raiva explodiu-lhe feito fogo das narinas, e depois das bocas e olhos — não pequenas línguas de fogo, mas imensas torrentes, transbordando em todas as direções. Heebra jogou a cabeça em chamas de um lado ao outro, vomitando as aranhas limpadoras das mandíbulas. Mak pesava de encontro a seu pescoço, ainda desesperadamente tentando servir-lhe de escudo.

Heebra não teve tempo para considerações finais amargas. As Griddas — jamais deveria tê-las libertado. Somente Heebra tinha sido capaz de conter a ferocidade delas. Com ela desaparecida, as Griddas tomariam o controle de Ool, e seu primeiro feito seria matar Calen, a nova líder das Bruxas. Calen tentaria reunir as Bruxas numa defesa, mas Heebra sabia que a filha era jovem e inexperiente demais para liderar as Altas Bruxas. Quando Calen mais precisasse da Irmandade, esta a desertaria.

Em sua mente, que se apagava, quando as bocas se fecharam pela última vez, Heebra viu a imagem do futuro: Calen não se escondia. Esperava, desafiadora, na

Grande Torre, as Griddas que escalavam, alegremente, as paredes. Calen terminava sozinha, sem mãe, sem irmã — só com Nylo para defendê-la.

Heebra deitou a cabeça em chamas sobre a neve e morreu.

20
VÔO



Todas as crianças olhavam, imóveis, os resquícios fumacentos de Heebra.

A raiva acabou com os últimos vapores que subiam de seu corpo, mas umas poucas Bruxas dispersas ainda queimavam, deitadas na neve. Ninguém falava. A cena era difícil de suportar, e por muito tempo as crianças simplesmente ficaram perto umas das outras, tentando dar um sentido ao que presenciavam.

Rachel deixou Yemi aos cuidados de Eric e, na ponta dos pés, rodeou as Bruxas mortas até encontrar Morpeth. Jazia de costas, exatamente na mesma posição em que ela o tinha deixado, de olhos fechados. Com medo de que seu toque pudesse machucá-lo ainda mais, ela se ajoelhou junto dele, pedindo aos encantamentos que determinassem os pontos em que era mais seguro trabalhar. Com uma sutileza e um cuidado que Rachel não sabia que possuíam, os encantamentos principais e os menores combinaram-se para emendar os ossos e cauterizar a hemorragia interna.

Eventualmente, os olhos de Morpeth se abriram.

— Afinal, parece que não estou morto — murmurou, conseguindo dar um meio-sorriso.

Rachel beijou-o e aproximou-se de Heiki, do outro lado. Seus ferimentos eram menos graves; não tinha nada no pescoço. Mas, durante todo o processo de cura, Heiki nada disse. Os olhos azuis lavados, tensos, não conseguiam enfrentar os de Rachel.

Por fim, numa voz entrecortada, ela perguntou:

— Você pode...

Ela interrompeu o que dizia. Rachel, porém, foi capaz de ler as palavras que Heiki tentava dizer: me perdoar.

Como resposta, Rachel simplesmente passou a mão no rosto pálido de Heiki.

Foi só um toque, a mais leve das pressões, mas Heiki reagiu como se tivesse sido atingida por um encantamento. Pôs-se a chorar e, diante disso, Rachel se viu também chorando. Por mais motivos do que qualquer uma das duas era capaz de nomear, abraçaram-se e choraram repetidas vezes, as lágrimas quentes derretendo buracos mínimos na neve. Afinal, Rachel virou-se para a prisão de gelo, que ainda continha Larpskendya.

— Vamos juntas até lá?

— Vamos!

Heiki deu a mão a Rachel. De braços dados, voaram em direção ao Mago. No meio do caminho, ao subir as paredes brancas e brilhantes da prisão, Heiki fraquejou. Contraída de dor, começou a cair. Rachel a carregou pelos andares que restavam até o topo.

Larpskendya estava deitado de lado no gelo duro. As Bruxas fugiram deixando seus braços, pernas e cabeça grotescamente atados com fios de encantamento. O fio era tão impermeável à mágica que Rachel e Heiki trabalharam com os dedos e unhas apenas. Lentamente, tomando muito cuidado, gradualmente afrouxaram e removeram as cordas grossas, cortantes.

Assim que se libertou, Larpskendya voltou-se para Rachel e Heiki. Ficou de pé, trêmulo — uma torre junto às duas meninas — e apertou-as em seu vasto abraço. Ali naquele espaço quente sentiram uma paz desconhecida.

— Bem — disse Larpskendya —, estamos apenas começando.

Deslizaram até à neve, embaixo. Rachel tornou a pegar Yemi, que estava com Eric.

Larpskendya foi diretamente a Morpeth. Acabou de curar suas feridas e quando Morpeth se esforçou para ficar de pé, Larpskendya ajoelhou-se. Ajoelhou-se diante de Morpeth, apertou-lhe o braço e, por um instante, quando seus olhos se encontraram, Morpeth viu Trimak, Fenagel e os Sarren que tinha deixado em Ithrea. Todos os velhos amigos lá estavam, nas clareiras, brincando com mágica.

— A salvo e bem — Larpskendya lhe disse baixinho. — Eles devem tanto a você, mas fico imaginando se não devo ainda mais. Agora são dois mundos que você guardou para mim. Como posso reparar essa dívida?

Encolhendo os ombros, Morpeth pensou em si mesmo e disse:

— Tem uma coisa de que sinto falta. Eu...

Larpskendya sabia o que ele queria. Morpeth espantou-se quando sentiu sua magia voltando aos poucos. Velhos encantamentos familiares adentravam

ruidosamente em sua mente, buscando os lugares habituais onde gostavam de ficar. Morpeth tentou agradecer a Larpskendya, mas, emocionado demais, não pôde falar.

Larpskendya deixou-o e foi atender ao resto das crianças. Reunidas, exibiam os mais diversos estados de espírito — perturbação, alívio, susto e exaustão — depois de tão longo sofrimento e terror. A maior parte olhava para o céu como se não acreditasse de fato que as Bruxas tivessem ido embora. Larpskendya circulou entre elas, confortando cada criança, em especial as mais novas. A todas deu todo o tempo de que necessitavam ou que queriam. Levando à parte um menino de cabelo espetado, conversou finalmente com ele. Paulo não conseguia tirar os olhos do Mago.

Eric também queria se aproximar, mas os prapsis esticavam as cabeças para fora do casaco e botavam a língua para Larpskendya.

— Parem com isso, meninos — admoestou-os Eric. — Não estão reconhecendo quem é aquele?

Virando-se, abanaram o rabo de penas para o Mago na hora em que este olhou para cima, pegando-os no ato.

Os prapsis engoliram em seco e esconderam-se atrás das asas. Larpskendya aproximou-se.

— Não vai adiantar nada — avisou Eric. — Agora, vocês dois vão ver só! Eu também, provavelmente. Comecem a fazer reverência, rápido.

Os dois prapsis fizeram uma reverência para Eric.

— Não para *mim* — suspirou ele. — Puxa vida... Tentou virá-los de frente para Larpskendya, que se aproximava. O Mago, porém, já tinha vencido a distância. Pegando os dois prapsis, sacudiu-os perto do rosto. Um botou a língua para fora, para sentir o gosto de seu ouvido.

— Eca! — disse.

Larpskendya riu e depositou ambos os prapsis nos ombros de Eric. E, aí, Larpskendya curvou-se diante de Eric. Eles trocaram palavras que Eric jamais esqueceria nem contaria a ninguém.

Finalmente, Larpskendya reuniu Yemi, Rachel, Heiki, Eric e Morpeth. Rachel tinha Yemi no colo: ele era uma coisa de beleza estonteante. Cores insuportavelmente vibrantes derramavam-se de seus olhos, transbordando as margens, sendo-lhe demais para segurar. O menino, no entanto, tentava cobri-las com as duas mãozinhas, como se não quisesse deixá-las ir.

— Toda a magia das crianças do mundo está dentro dele — Larpskendya

disse. — Nosso chefinho não quer devolvê-la. Temos que ajudá-lo.

— Deixe-me tentar — pediu Rachel. Ajoelhando-se ao lado de Yemi, tirou seus dedos das pálpebras e o beijou.

Com um gritinho, ele se pôs a chorar, de repente.

Os braços em volta do pescoço de Rachel — seus olhos se abriram. Os encantamentos no mesmo instante saíram disparados — não um, mas dúzias, depois milhares — todos querendo ser o primeiro. Surgiam, de todas as cores imagináveis, e deixavam o pólo, rumando determinados de volta aos proprietários originais. Em poucos minutos, a transformação estava completa. Morpeth, atento — ouviu um som.

Um som de surpresa — o aspirar alegre de todas as crianças.

Com a liberação da magia, Yemi se tornou ele próprio outra vez. Suas Belas de Camberwell voltaram. Cobriram o corpo de Rachel, as pernas magricelas pretas tentando aproximá-la mais dele. Cautelosos, Paulo e Marshall aproximaram-se, junto com as outras crianças. As borboletas bateram asas por sobre eles todos, uma ou duas pousando em cada criança.

— Para casa — suplicou Rachel a Larpskendya. — Podemos levá-lo para casa? Podemos?

Imediatamente, Larpskendya os fez deslocar-se. Tão suavemente que nenhuma criança sentiu nada.

Estava escuro; era noite em Fiditi. Do lado de fora da casa de Yemi, normalmente, àquela hora, haveria silêncio. Mas o vilarejo todo fervilhava de vida. Todas as crianças estavam acordadas — e ocupadas. Uma menina nova deslizava feito uma lavadeira por sobre o rio Odooba. Seus olhos de prata iluminavam a superfície, atraindo mosquitos. Da densa floresta tropical próxima vinham os guinchos de um grupo de macacos Colobus. Dois meninos os tinham acordado. Empoleirados nos frágeis galhos superiores de uma árvore, riam e guinchavam de volta. Eric viu um bebê tentando sobrevoar uma sebe. Não conseguiu direito e pôs-se a esfregar tristemente as pernas arranhadas. Duas adolescentes, ajoelhadas de frente uma para a outra, do lado de fora de uma choça, trocavam mutuamente os penteados. Um menino meio sujinho, sentado a uma janela, ociosamente soprava nuvens para lá e para cá pelo céu.

Morpeth olhou para Rachel, pensativo.

— Você consegue acreditar em tudo isto? E coisas assim devem estar acontecendo em todo lugar esta noite, no mundo todo. Em todo lugar!

— Eu sei.

Ela pensou no menininho francês que, recentemente, tinha visto chorando porque seu adorável arco-íris se derreteu. Estaria a subir, correndo, de volta às montanhas naquele momento? Ou já teria aprendido a voar?

Um pássaro disparou por Morpeth e pousou como o mais manso dos falcões no pulso de um menino franzino. Uma menina deitada de costas, sonhadora, observava um tufo de capim se erguer da terra e fazer cócegas no pescoço do irmão.

— Eu gostaria — disse Eric a Paulo — de poder estar em toda parte ao mesmo tempo esta noite. Para ver tudo isso.

— Você não está com inveja? — perguntou Paulo. — Porque você é o único menino no mundo que ficou sem mágica.

— Ninguém mais é capaz de fazer o que eu faço — disse Eric.

Ambos os prapsis fizeram que sim, mas com tanta força que as cabeças quase caíram.

A porta da frente da casa de Yemi se abriu — só uma fenda. Lá dentro se ouviam sussurros. Finalmente, Fola saiu. Seus olhos brilhavam com a cor da prata, como os dos outros, e quando ela viu Larpskendya, fez repetidas reverências, sem bem certeza de como se comportar.

— Está tudo bem — assegurou-lhe Rachel. — Fique conosco. Qual o problema?

Fola permaneceu à porta, obviamente esperando por uma coisa qualquer. Aí, quase se arrastando, apareceu a mãe de Yemi. Parecia horrorizada com os acontecimentos. Tinha medo até de olhar as crianças do vilarejo — como se os olhos delas queimassem. Yemi jogou-se sobre ela, que se retraiu e recuou. Yemi insistiu, seguindo-a. Relutante, a mãe acabou permitindo que se acomodasse em seu colo. Com o contato, relaxou ligeiramente. Mas, mesmo assim, acariciou-lhe a cabeça como se fosse quebrável, um objeto meio esquisito.

Fola explicou a Rachel:

— Mamãe ainda não está preparada. Temos que ser delicados com ela... e com eles todos.

Apontou uns adultos ali perto.

Até então Rachel não tinha percebido o resto dos adultos. Em comparação com as crianças, que estavam animadas e tinham os olhos brilhantes, pareciam sombras, quase todos de pé, à margem. Pareciam inapelavelmente confusos; alguns, incertos sobre como abordar os próprios filhos. Um pai agachou-se embaixo da filha, que pairava, obviamente esperando que ela fosse simplesmente cair do céu. Outros

ficaram dentro das casas, também com medo de sair.

Rachel pensou em mamãe, e de repente a desejou por perto. Aí, pensou em papai — sentiu ansiedade. Falou com Larpskendya — e eles de novo deslocaram-se, para a casa de Rachel.

Mamãe e papai estavam na varanda, olhando para fora. Ao ver Rachel e Eric, suas expressões foram tomadas de alívio. Rachel olhou com alegria para o pai. Estava bem, e choroso — quase a esmagou com um braço enquanto fazia o mesmo a Eric com o outro. Então, ao ver Larpskendya, papai soltou-os um instante e, quase formalmente, apertou a mão dele.

Finalmente, todo mundo se virou para olhar o mundo além da varanda. Havia tanta coisa a se ver! No alto, meninas dançavam em cima de um telhado em declive. Mais alto ainda, um grupo de crianças que Eric reconheceu voava em espiral, como mosquitos, em torno de um bloco de edifícios. A risada delas era levada a quilômetros de distância no ar suave do verão. Meninos jogavam críquete nas nuvens. Outras crianças, longe, sozinhas, acompanhavam aviões, seguiam pássaros ou centenas de outras coisas que tinham despertado durante a noite. Um menino de cadeira de rodas perseguia um Sabujo. Uma menina pequena simplesmente lia um livro à luz dos próprios olhos, incandescentes. E em toda a volta, de pé, correndo ou voando, as crianças deixavam rastros e contavam histórias individuais: cheiros novos para a Terra — os aromas da magia.

— Eu sabia que vocês estavam a salvo — sussurrou mamãe aos filhos, observando aquilo tudo. — Assim que vi tudo acontecer... — abriu os braços. — Eu *sabia*.

Virando-se para Larpskendya, disse:

— As coisas não vão voltar a ser como eram, vão?

Larpskendya sacudiu a cabeça.

Morpeth se maravilhava com a atividade em volta.

— Olhem a mágica que estão fazendo! — gritava. — Em Ithrea, vimos coisas espantosas, no final. Mas o povo lá praticou séculos. Como estas crianças aprenderam técnicas semelhantes num período de tempo tão curto!

— Nenhum mundo foi por tanto tempo cerceado como o de vocês — explicou Larpskendya. — Nem teve a magia liberada tão depressa.

Sua voz se encheu de humildade.

— Não tenho a menor idéia do que mais poderá acontecer esta noite. Nunca existiu tamanho florescer! Isto...

Ele mostrou o céu, a grama, a lua e as crianças que se movimentavam, graciosas, entre eles.

— ...é o futuro de vocês, o início de uma aventura indescritível para todas as crianças. Logo, fazer mágica será tão fácil como respirar.

E sorriu.

— E, então, é claro, ela não mais parecerá ser mágica.

Todo mundo olhou rua abaixo, onde um pai assustado gritava para o céu. Seu jovem filho mergulhava, descuidado, através de aléias estreitas, excitado demais para notar.

Rachel aproximou-se de Morpeth, em cima.

— Este novo mundo vai ser perigoso para os adultos, não é? Tudo será diferente também para eles.

Morpeth concordou.

— A maioria terá inveja dos filhos. E as crianças também não vão automaticamente fazer o que mandam. Se os pais tentarem obrigar... bem...

— Qualquer coisa poderia acontecer — sussurrou Rachel, chegando mais perto de mamãe e papai.

Uma imagem paralisante saltou diante dela: das crianças tomando controle e os pais, inseguros de saírem sozinhos, tendo de ser conduzidos, e cuidados pelos próprios filhos.

Heiki, junto a Larpskendya, observava uma menina imitar uma folha caindo no ar.

— Quando tudo isso se acomodar os meninos não vão formar grupos? — inquiriu ela. — Gangues mágicas, selecionadas por habilidade, com os mais fortes na cabeça? Foi isso o que as Bruxas planejaram.

— Sim — disse Larpskendya. — Isso vai acontecer em alguns lugares.

Ele olhou fixamente para ela.

— Tudo o que você puder imaginar pode acontecer agora.

— Você não pode dizer como a nossa magia vai se desenvolver? — Rachel perguntou a ele. — *Você* não sabe?

— A magia evolui de maneira diferente em cada mundo — disse ele. — Mas a Terra é generosa, tem uma maneira única. Nunca existiu uma raça tão talentosa como a sua, tão cedo em sua história.

— É esse o motivo por que as Bruxas estão interessadas em nós? — quis

saber Heiki.

— Sim. Querem vocês tanto! E vocês já não são segredo para elas.

Morpeth estremeceu.

— Por quanto tempo estamos a salvo?

— Isso eu não posso responder — disse Larpskendya. — Mas as Bruxas jamais deixarão vocês em paz agora. Vão juntar forças e voltar em grande número. A guerra sem fim contra nós é só o que conhecem, e viram o quanto vocês podem ser úteis. Yemi, em especial, vai atormentá-las. Quem sabe do que ele será capaz em breve?

Rachel tocou delicadamente nas marcas profundas das garras ainda no pescoço de Larpskendya, mas estas não se fecharam.

— Deixe-as. Como lembrete do que desencadeei — pediu ele.

Voltou-se tristemente e dirigiu-se a Morpeth, Eric e Rachel, mamãe e papai.

— Existe agora um novo inimigo. As Griddas estão soltas. Eu sabia que Heebra estava se desesperando, mas nunca pensei que fosse capaz de liberar a fúria delas.

Ele baixou a cabeça.

— Eu a instiguei e ela foi longe demais, depressa demais, nos últimos anos. Isto foi um erro terrível.

Por cima da casa de Rachel apareceram duas traves de gol brilhantes. Figuras iluminadas pela lua jogavam um futebol perfeito.

— Ainda não temem a chegada das Griddas — disse Morpeth, agradecido.

Fosse lá o que fosse, o que o futuro continha, esta noite o coração estava leve. Ele mal conseguia acompanhar as invenções daquelas crianças em meio às nuvens noturnas. Queria se juntar a elas.

— Isso é verdade — disse Larpskendya solenemente. — Por que deveriam temer?

E aí, de repente, de modo deliberado, contido, analisou as crianças todas, tão estreitamente ligadas a ele. Finalmente, olhou para Rachel, como se visse nela um resumo de todo o seu valor. Os olhos dela, que fixavam os dele, estavam da cor da felicidade.

A expressão de Larpskendya tornou-se desesperada, quase dolorosamente, esperançosa.

— Quero mostrar uma coisa a vocês. Precisam compreender o grande

desafio à frente.

— Mostrar o quê? — perguntou papai, desconfiado.

— Um outro mundo. Um mundo precioso. Por muitas existências as Bruxas quiseram esmagar sua beleza.

Eric piscou, incerto.

— Fica longe?

— Longe e perto. Lugar algum é remoto para vocês agora. Podemos voar até lá.

— O quê? Esta noite? Larpskendya sorriu.

— Por que não?

— E os prapsis? Eu não vou sem eles... Larpskendya abriu os braços, abraçando o leque do céu.

— Vamos levar todo mundo.

Os prapsis abafaram o riso, sem ter certeza do que ele queria dizer.

— Como assim, todo mundo? — perguntou papai. — Quer dizer todos os jovens aqui?

Ele indicou as crianças mais próximas.

— Todas *estas*?

Os olhos de Larpskendya brilhavam.

— Não. Você não está entendendo. Eu quero dizer *todo mundo*. Eu quero dizer toda criança e adulto do seu mundo. Todos eles.

— Sim! — gritou Rachel. — Sim!

Larpskendya respirou fundo e, de repente, Rachel sentiu um aperto por dentro, como se milhões de mentes estivessem sendo reunidas. Quando olhou para cima, viu crianças em toda a volta erguendo os queixos em direção à mesma constelação no céu do Oeste.

Eric olhou de relance para mamãe e papai, achando que não iam gostar. Mas estava errado.

— Assim? — mamãe esticou os braços timidamente. — Estou fazendo certo?

Larpskendya riu, uma risada longa e estrondosa, que sacudiu quaisquer lágrimas que ainda tivesse.

— Isso, assim vai dar — ele disse.

Fazendo uma pausa, olhou para Rachel, Morpeth e Eric.

— Estão prontos?

Eles concordaram com vigor.

— Nossa! Meninos! — murmurou um dos prapsis. — O que é que está acontecendo?

Mas não houve tempo para o companheiro responder. De lares, navios, aviões a trinta mil pés e minas ainda mais profundas, e dos céus cheios de crianças, todos no mundo ergueram a vista.

E, um momento depois, só os animais e as plantas respiravam nesta Terra.



Elogios a *O sortilégio*, o primeiro livro da Trilogia da Magia:

“Alta fantasia, rica imaginação, refrescante e bem escrito... um excelente romance.”

Sunday Times

“Brilhante, de cortar o fôlego, cheio de ação desde a página um.”

Kids Out

“Um mundo vivido de possibilidades mágicas.” *The Times*

“Grande voz nova na escrita para crianças.”

The Bookseller

“Arrebatador... de raça... [as crianças] andam brigando para tomá-lo emprestado.”

The Guardian

“Uma leitura mágica, cheia de perigo, traição e emoção... O *sortilégio* jamais deixa de envolver e cativar.”

Amazon.co.uk

“Um novo romance de fantasia sensacional... um romance arrebatador que vai deixar as crianças desesperadas pelo próximo volume.”

Express Parent